Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Junho 1979
Sexta-feira

ANO 59.º
N.º 19 980
10$00

PS leva Lei Gonelha à Assembleia

Zenha insistiu

● Marcelo Curto (PS): há alterações a introduzir

● Jorge Leite (PCP): é um projecto reaccionário

Sobe esta tarde ao plenário da Assembleia da República o projecto de lei do PS sobre Associações Sindicais, projecto já crismado pelo movimento sindical unitário e pelo PCP como «projecto Gonelha». Introduzindo substanciais alterações à realidade actual, o projecto de lei não tem a aceitação incondicional dos socialistas que avançam algumas críticas ao seu conteúdo. Apesar de eventuais alterações a introduzir pela Comissão de Trabalho que o analisará após a votação na especialidade, não restam dúvidas que a lei em apreço pretende adequar a realidade à opção do «pluralismo sindical».

Os observadores perguntam-se da oportunidade de discussão neste preciso momento deste Pojecto Socialista. A recusa dos comunistas em votarem Jorge Campinos para vogal da Comissão Constitucional, que obteve apenas 92 votos a favor, na eleição da passada terça-feira, contra 88 votos contra e 25 abstenções poderá estar ligada à apreciação desta lei em plenário. O grupo parlamentar comunista teria querido negociar a eleição de Campinos contra o adiamento da discussão do projecto sobre associações sindicais. Salgado Zenha terá discordado e o entendimento não foi alcançado.

O «DL» quis ouvir sobre o projecto de lei PS duas opiniões: uma socialista e uma comunista.

O dr Marcelo Curto, especialista em questões de trabalho do PS e presidente da comissão parlamentar respectiva, disse ao «DL» que o projecto de lei socialista sobre associações sindicais pretende conseguir uma lei sindical o mais completa possível, passando de questões de princípio. O Estado tem o direito de legislar sobre esta matéria e sobre a actividade sindical nas empresas. Sobre a matéria controversa que este projecto inclui, disse-nos que era importante para o PS fazer uma lei que contrariasse a perspectiva sindical de unidade orgânica e consagrasse a evolução para o pluralismo sindical. Quanto à matéria controversa afirmou, que o capítulo segundo vai longe demais na regulamentação interna dos sindicatos e roça os limites da constitucionalidade, não só em função do art.º 57, mas também a jurisprudência do Comité de Liberdade Sindical da OIT. Nesse sentido, o dr Marcelo Curto considera que essa parte do projecto deve ser profundamente alterada. Em relação a uma eventual pulverização sindical que este projecto permite, o especialista do PS nesta matéria disse-nos que 20 sindicalistas não podem fazer um sindicato. 20 sindicalistas podem é organizar uma assembleia constituinte que gerará um sindicato com existência legal se tiver a adesão de 20% ou 2 mil dos trabalhadores a abranger. Finalmente, Marcelo Curto reafirmou-nos o seu empenhamento na correcção do capítulo II e de outros aspectos passíveis de melhoria.

O deputado Jorge Leite do PCP – respondeu igualmente à pergunta que lhe endereçámos sobre o projecto de lei de Associações Sindicais, hoje em discussão no plenário da AR.

«Impondo um modelo único de organização, o projecto Gonelha é o projecto do totalitarismo legislativo para as associções sindicais; afastando os trabalhadores da vida sindical, é o projecto da burocratização dos sindicatos; diminuindo o direito de acção sindical na empresa e a protecção dos representantes sindicais, o projecto é retrógrado e reaccionário. Antidemocrático e anticonstitucional, o projecto Gonelha visa provocar a pulverização e enfraquecimento da organização sindical, contraria a realidade e a tradição do movimento unitário dos trabalhadores portugueses, é uma clara afronta à sua autonomia e independência. Descaradamente ao serviço do patronato e dos divisionistas da UGT, merece o vivo repúdio dos trabalhadores e das suas organizações. A História registá-lo-á como mais uma tentativa falhada de «quebrar a espinha» ao movimento operário e dos trabalhadores portugueses. Por isso, o projecto Gonelha não vingará!»

Portugal vendeu munições às forças de Somoza

PÁG. 20

Brejnev e Carter encontram-se em Viena

Pág. 13

Nove mil mortos nos bombardeamentos de Manágua

Pág. 13

"NÃO PODIA DEIXAR DE SER"

Antónia Palla absolvida

Pág. 7

O tribunal presidido pelo juiz Afonso Melo absolveu a jornalista Maria Antónia Palla da acusação de «incitamento ao crime» e «atentado ao pudor»

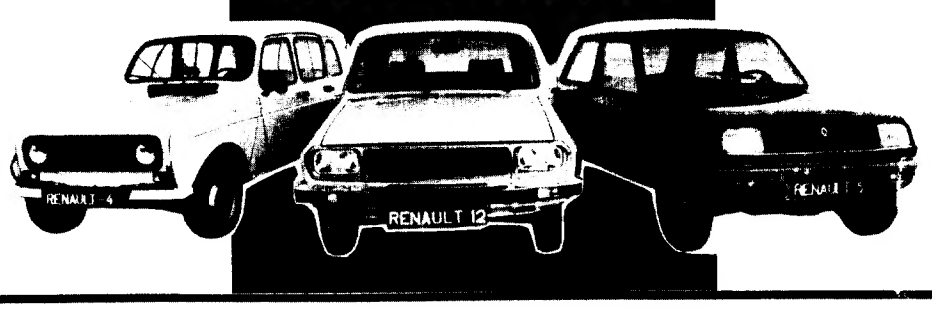
Banco de Portugal divulga relatório:

Profunda recessão em 78

Pág. 6

DL CONCURSO

3 AUTOMÓVEIS 58 PRÉMIOS



AINDA PODE CONCORRER

começa hoje a repetição dos cupões da 1.ª série
hoje :1.º cupão

compre o "DL" e concorra

HOJE O 30.º CUPÃO DA 2.ª SÉRIE E O CADERNO ESPECIAL SOBRE DEPOIMENTOS DO PERÍODO DO "MUD"

COMUNICAÇÃO SOCIAL

"Le Monde Diplomatique" escreve sobre Portugal

Está a causar certa perplexidade entre profissionais do jornalismo o conteúdo das oito páginas do «Le Monde Diplomatique» deste mês dedicadas a Portugal. Anunciado desde há algum tempo, o suplemento – esperava-se nos meios habituados à tradicional qualidade do jornal – seria, tudo o indicava, constituído por um conjunto de análises da situação portuguesa e por entrevistas «escudando» essas análises ou ultrapassando-as, numa via prospectiva.

Afinal estas oito páginas, intituladas «Portugal às portas da Europa», contêm para além de uma simpática e curta introdução do jornalista Marcel Niedergang e de uma entrevista extremamente formal com o ministro da Indústria do gabinete Mota Pinto sobre generalidades da indústria portuguesa, um artigo do correspondente em Lisboa do «Le Monde», José Rebelo, sobre política internacional, «Uma diplomacia inspirada pelo Chefe do Estado», e depoimentos enviados a pedido, quer por partidos quer por personalidades: Mário Ruivo escreve sobre o sector das pescas e Pezarat Correia sobre a Reforma Agrária.

Quanto ao historial, que se pretenderia crítico e bem documentado, das relações entre Portugal e as Comunidades Europeias, é assinado, não pelo jornal, mas pelo próprio Secretariado (português) para a Integração Europeia, organismo integrado na Direcção-Geral da Informação que, evidentemente, aproveita para fazer a apologia da «adesão». Um último pormenor: o título da entrevista com o ministro da Indústria de Mota Pinto, que dá o tom ao suplemento porque o «abre» logo após a introdução de Niedergang, é o seguinte: «A concorrência vai desempenhar um papel determinante na transformação das nossas estruturas».

Mulheres e crianças "apagadas" nos órgãos estatizados

A pouca atenção que continua a ter, da parte dos responsáveis pela programação dos meios da comunicação social estatizados, «os importantes sectores da população portuguesa que são as mulheres e as crianças», foram denunciados, em extenso comunicado distribuído à Imprensa, pelo Secretariado Nacional do Movimento Democrático das Mulheres.

O MDM, insurgindo-se contra «a minimização da mulher e do papel que ela representa na sociedade», conclui que tal situação «não serve a defesa dos ideais cuja concretização permitirá o aparecimento de uma nova mulher, mais consciente, mais participante, mais actuante, enfim, com o estatuto assumido de igualdade, dignidade e liberdade».

Nesta ordem de ideias, o MDM revindica «o cumprimento dos princípios consignados na Constituição, nomeadamente os que se referem ao direito à liberdade de expressão e informação», exigindo «uma comunicação social diferente, não mais ao serviço das classes exploradoras, mas interpretando os interesses das massas populares.»

Novosti: despedida de Alguis Tchecuolis

Deixa as funções de director da delegação da agência soviética Novosti em Portugal, o jornalista Alguis Tchecuolis, funções em que será substituído por Iuri Barkovski.

Tchecuolis, para se despedir dos profissionais de Informação portuguesa, oferece no próximo dia 20, nos jardins do edifício onde funcionam os serviços noticiosos daquela agência, uma «sardinhada à portuguesa».

No decorrer dessa reunião de convívio, Barkovski será apresentado aos jornalistas.

VIAGENS DE AUTOCARRO DE LUXO

GALIZA
E COSTA CANTÁBRICA
CONHEÇA MADRID
LOURDES,
ANDORRA E MADRID
ANDALUZIA E TÂNGER
AS CAPITAIS DA
EUROPA CENTRAL
SUÍÇA, ÁUSTRIA,
HUNGRIA E ITÁLIA
FRANÇA, BÉLGICA
E HOLANDA
VALE DO RENO,
SUÍÇA E ANDORRA
MARROCOS IMPERIAL

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Estoril · Faro · Porto · Funchal

MÓVEIS NICHO
CAMPANHA
DE
PRIMAVERA
COMPRE MÓVEIS E
ESTOFOS DE QUALIDADE
R. D. Estefânia, 85 - Lisboa
(Esq. c/Rua Escola Medicina
Veterinária)

ENVIE AS COLECÇÕES ATÉ 14 DE AGOSTO

Chegado o termo da publicação das duas séries do nosso concurso (1921-1950 e 1951-1979) o leitor que nos tiver acompanhado, diariamente, terá em seu poder sessenta cupões, permitindo fazer duas colecções completas (cada uma tem de conter 30 cupões de qualquer das séries mas numerados de 1 a 30). Foram, também, publicados vários boletins de identificação.

O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope. Pedimos-lhe que leia as indicações que a seguir fornecemos, esperamos que o concurso lhe tenha agradado, e desejamos-lhe boa sorte!

- **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das 2 séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;
- **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, para o que terá de juntar um selo de correio de 5$00. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;
- **QUANTO AO ENVIO** o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 5$00 no caso de desejar a devolução do talão recibo;
- **O PRAZO DE ENVIO** termina em 14 de Agosto de 1979 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO 44
1200 LISBOA

- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;
- **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 14 e 31 de Agosto de 1979, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

★

O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade

★

Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa»

Diario de Lisbôa

AURORA

O MOMENTO POLITICO

O mal não está apenas

no que a Censura proíbe

mas também no receio

do que ela pode proibir

— diz-nos o escritor Ferreira de Castro

A solução imediata da crise

segundo o dr. Francisco Veloso

«Semos mais, é certo,

mas alimentamo-nos pior»

acentua o prof. Mário de Azevedo Gomes

numa analise á obra do Govêrno

30

CONCURSO DL

AINDA PODE CONCORRER

Para permitir aos leitores que completem as suas colecções ou mesmo que façam novas colecções (assim terão mais possibilidades no sorteio!), o «DL» vai repetir rapidamente os cupões da 1.ª Série, começando hoje pelo 1.º cupão, e continuando amanhã com o 2.º e o 3.º, na segunda-feira com o 4.º e o 5.º, e assim por diante. O leitor pode, como temos repetido, utilizar qualquer cupão (isto é, de qualquer das Séries) para fazer as suas colecções, mas a colecção a enviar deverá ter 30 cupões numerados de 1 a 30 – além do boletim de identificação devidamente preenchido, como todos sabem.

LISBOA, VERBO AMAR

O piano

– O senhor Carreira está?

– Sou eu.

– Vimos por causa do piano.

Entregaram-lhe um papel amarelo, com a assinatura dele. O sr. Carreiro procurou os óculos por todos os bolsos, taranta.

– Onde diabo pus eu as cangalhas. Mas façam o favor de entrar, sim? Estejam à vontade.

Foi achar os óculos mesmo em cima da mesinha, à beira da luz da janela grande. Mas depois que os encontrou, nem se serviu deles: meteu-os no bolso. Arrastou as chinelas, abriu a porta da sala.

– Por aqui, se fazem favor. O piano é aquele.

Os quatro homens miraram, remiraram o bicho.

– Isto é pesado. Isto não vai com duas cantigas – disse o que parecia o chefe – ó Américo, vai lá buscar a ferramenta.

Tiveram de desmontar o piano. Peça a peça. A última foi o teclado. O chefe pegou nele – cuidado aí, cuidado aí! – como se fosse uma caixa de jóias que se pudesse entornar e perder-se alguma.

– Até calha bem – comentou o Américo – assim a gente até pode levá-lo no monta-cargas.

O sr. Carreira viu desmontarem o piano, colocarem a carcaça na geringonça de rodas, empurrarem-no para a saída, experimentarem junto da porta o melhor ângulo, tentarem em vão o monta-cargas, acabarem por ir com ele pela escada abaixo. O sr. Carreira ouvia os sons, as vozes e de súbito julgou que era o piano que subia, as ondas chocavam-se dentro da cabeça.

Foi quando voltou à sala e viu o silêncio vazio. Apertou a cara entre as mãos:

– Agora é que ela morreu. Agora é que foi.

Afinal, o piano estava vendido há meses. As análises, os médicos, a ida a Londres, o internamento. Não tinham mais nada de valor. Só que durante algumas semanas se esquecera disso. Finalmente, o lugar inútil, entre o candeeiro de pé e a estante.

– Agora é que ela morreu. Foi agora que ela morreu.

Estava ali a evidência. O silêncio povoado de Chopin, de Mozart, das mãos volteando sobre as horas serenas.

– Sempre é verdade. Morreu. Agora é que ela morreu.

O sr. Carreira senta-se na cadeira segundo o jeito em que nela se senta há quarenta anos. Talvez espere um milagre.

Mas o doce Rabi mora longe. Demasiado longe.

MÁRIO CASTRIM

LISBOA – QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º – N.º 1 – 10 CENTAVOS | Director, proprietario e editor JOAQUIM MANSO | Redacção e Administração RUA DO CARMO, 80, 1.º

SOLDADOS DE PORTUGAL!

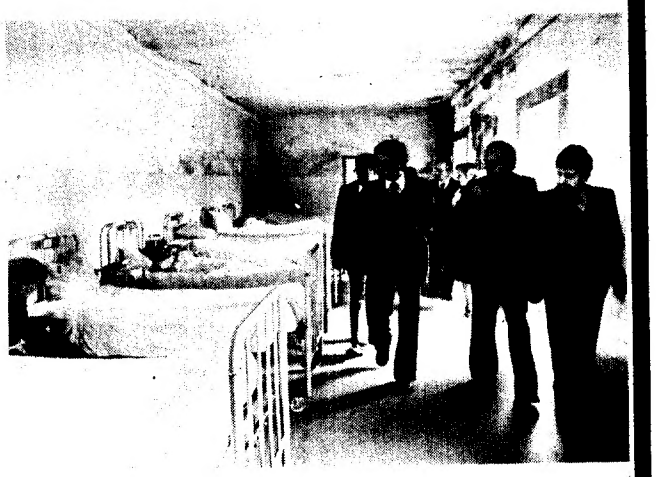
"DIARIO DE LISBOA"

1

ponto a ponto

Socialistas portugueses e espanhóis do PS e do PSOE vão reunir-se amanhã em Tordesillas para abordar temas relacionados com o Conselho da Europa e a estratégia socialista. No domingo, a delegação portuguesa que é chefiada por Salgado Zenha, visitará Valladolid admitindo-se que seja divulgada uma declaração conjunta.
Estes actos integram-se nas acções programadas pelos socialistas espanhóis para conseguir a declaração de Valladolid como cidade da Europa, petição já feita ao Conselho da Europa.

O chefe do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, visitará os Estados Unidos em Outubro próximo, a fim de presidir a um banquete da Associação para o Desenvolvimento dos Açores.
Aquela Associação deliberou, no entanto, numa das últimas reuniões, apresentar ao Governo Regional uma proposta para que, na futura legislatura da Assembleia Regional dos Açores, fossem incluídos três deputados, como representantes das comunidades açorianas de Nova Inglaterra, Califórnia e Canadá.



Seis meses após a publicação no «Diário da República» da Lei do Serviço Nacional de Saúde, o Governo deverá apresentar o Formulário Nacional dos Medicamentos. Esta é uma das alterações que a respectiva comissão parlamentar introduziu no projecto de lei do PS, ao apreciá-lo na especialidade. Outra disposição introduzida no projecto diz respeito à composição do Conselho Nacional de Saúde.
Esta lei, que tem no deputado socialista António Arnaut o seu grande impulsionador, terá a sua votação final global na sessão de hoje da Assembleia da República.

«A ideia do Presidente da República em enviar um representante seu a Caracas foi interpretada pelos portugueses radicados na Venezuela como um testemunho da atenção e do carinho que o Presidente concede àquela comunidade», afirmou o comandante Almeida Costa, membro do CR, ao regressar daquele país, onde foi presidir às comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.
Almeida Costa classificou a comunidade luso-venezuelana como «vigorosa do ponto de vista económico e cultural, com grande prestígio social na Venezuela e que deseja ver organizadas em melhores moldes as suas relações com Portugal».

CRÓNICA AGRÍCOLA

ALEXANDRE RAMOS

1.º O senhor ministro da Agricultura foi à Jugoslávia

O senhor ministro da Agricultura foi de visita à Jugoslávia, e, no regresso, disse, conforme noticía a Imprensa:

O ministro da Agricultura e Pescas, Vaz Portugal afirmou-se ontem 'altamente impressionaldo com o que teve oportunidade de ver na Jugoslávia, no domínio da agricultura.

De regresso de uma visita de quatro dias à região autónoma Vojvodika (Jugoslávia), Vaz Portugal declarou à chegada do Aeroporto de Lisboa que naquele país pensa-se 'no trabalho, no lucro e no mercado'.

De acordo com o ministro, o sistema jugoslavo autogestionário 'tem uma palavra a dizer' e a agricultura jugoslava nada tem de colectivista.

Os comentários do senhor ministro são, como regra muito superficiais, de um primarismo pouco adequado a titular de pasta ministerial.

Faz sempre bem ir lá fora, e, aos espíritos reaccionários, quando a saída é para Leste, para os países socialistas, as visitas, quanto mais não seja, tiram o macaco do nariz, a cera dos ouvidos, a caspa da cabeça e a névoa dos olhos.

Porque é que o senhor ministro ficou impressionado com a agricultura na Jusgoslávia? O que viu, o que o imporessionou, é o resultado da actuação de um sistema socialista.

É prática agrícola socialista.

E, cada país socialista, ao seu modo, tem, no campo agrícola, registado sucessos espantosos. No campo agrícola, e, nos outros campos de actividade social, cultural e económica. Assim sucede na Roménia, na Bulgária, na R.D.A., na Hungria, na Polónia, na URSS, em Cuba.

O lucro, tal como o lucro da sociedade capitalista não existe na Sociedade Socialista. O lucro capitalista tem dono, é apropriado, é metido no bolso do capitalista.

Na Sociedade Socialista, o lucro não tem dono. O diferencial entre receitas globais e despesas globais da Empresa digamos, assim, para simplificar, tem destino diferente. Tem, sobretudo, um destino social diferente. Propõe-se retribuir melhor o trabalho, proporcionar mais intensivo investimento, e, é fonte primordial do investimento social colectivo, quer directamente, através do fundo da própria Empresa, quer indirectamente através das contribuições para o Estado que depois retornam.

Mas, para que isto aconteça, é preciso, senhor ministro, limpar da agricultura, da actividade agrícola, as pestes e as pragas.

As agriculturas dos países socialistas podem dispor de uma prática agrícola, que lhes permite a usufruição, em alto grau, de uma tecnologia e investigação científica de primeiro plano. São agricultores de ponta tecnologica generalizada.

Os Estados, não garantem só os circuitos comerciais, mas, através do plano, ou planos, garantem apoio científico, técnico, financeiro. Garantem o funcionamento.

Deste modo, os animais e as plantas, porque a agricultura usa uma boa prática agrícola, são tratados contra as pragas e as malinas. Por isso, crescem mais e melhor, são mais produtivas, dão mais lucro.

Mas a agricultura, senhor ministro, trata com plantas, animais, terra, e, acima de tudo, com homens e mulheres. Há interferência de um quadro solo, quadro vegetal, quadro animal e de um quadro humano. E cada quadro requere a sua limpeza.

Na agricultura jugoslava limpou-se o quadro humano agrícola da praga dos latifundiários e absentistas, de modo que os homens, agora, trabalham, dão mais «lucro». É por isso que impressiona. E impressiona, repetimos, porque nã há latifundiários e absentistas.

No nosso País os trabalhadores rurais alentejanos quiseram, e, querem limpar os absentistas e latifundiários para fazer uma prática agrícola da qual resulte uma gricultura que impressione.

Mas, V.Ex.ª, e outros, não deixam.

Também não se percebe a que é que V.Ex.ª chama colectivista, a que é que chama autogestionário.

Não vale a pena grande preocupação com isto. Ajude, senhor ministro, se for capaz, a limpar os absentistas e latifundiários e dê ao mundo exemplo de agricultura que impressione, como o que viu. Quanto ao resto chame-lhe o que quiser. Além de mais, na Jugoslávia, há um Ministério da Agricultura, um ministro da Agricultura, e, por acaso, interessados no desenvolvimento agrícola do seu país.

Aqui, não.

O JAPO E O ÓLEO DE BAGAÇO DE AZEITONA

O JAPO é o Instituto de Produtos Oleoginosos, sucessor da ex-Junta Nacional de Azeite.

O «Diário da República» de 11 de Abril publicou as medidas legais à modificação dos preços do azeite e dos óleos vegetais. Do mesmo passo ficou o JAPO autorizado a comprar aos extractores todo o óleo de bagaço de azeitona que lhe seja proposto, por 50$00 cada Kg., na base de 15 graus de acidez. Este óleo, depois de refinado, ficará por cerca de 75$00 o litro.

Os óleos embalados vendem-se aos consumidores a 53$50 o litro.

O azeite está a 119$00 o litro. Pelas nossas disposições legais é fraude quando se vende azeite, como azeite, e nele se misturou qualquer outro óleo vegetal. No mercado existem o óleo de bagaço de azeitona, o óleo de milho, o óleo de amendoim, o óleo de soja e, ainda de cártamos e girassol. A nenhum destes óleos quando vendidos, como puros, é permitido adicionar qualquer outro óleo, mas, a mistura destes, pode vender-se como óleo alimentar. Como azeite, não pode misturar-se, repetimos, qualquer outro óleo, nem o de bagaço de azeitona.

A legislação pretende fundamentalmente defender o comerciante de uma agressão económica, e, evitar a formação de fortunas impúdicas e especulações económicas financeiras, pois a mistura de qualquer óleo no azeite permite vender por três aquilo que custou um.

Sendo assim, compramos ao JAPO o óleo de bagaço de azeitona a 50$00 Kg.. Depois de refinado fica a 75$00 o litro. É caso para perguntar:

1 – A que aplicação se destina o óleo de bagaço que o JAPO se propõe comprar, uma vez que sendo para misturar nos outros óleos que são vendidos a 53$50 o litro provoca uma perda de 22$00 em litro?

2 – Se for para incorporar no azeite este óleo provoca o lucro de 37$00 o litro, uma vez que o azeite se vende a 119$00.

Mas isto é inteiramente vedado por lei. É uma fraude económica.

Para onde vai o óleo de bagaço?

Corre, pela praça pública, que nunca se cobraram tão grossa maquia e nunca se amontuou tanto dinheiro com o negócio do azeite.

É líquido viscoso que corre ou pinga no silêncio das torneiras e das pias.

Horas decisivas para a Nicarágua

Apesar de a família Somoza estar a atravessar o momento mais crítico dos seus ininterruptos 46 anos de poder absoluto sobre a Nicarágua, não se vislumbra, para precipitar a sua queda, outro factor que não seja a continuidade da actual ofensiva política e militar da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Os próximos dias mostrarão se a FSLN conta com as reservas bélicas e o apoio popular necessários para avançar na sua inssurreição até agora feliz e que pela primeira vez combina frentes de combate nas regiões do norte e sul do país, com uma greve geral que faz sentir os seus efeitos em Manágua e nas cidades principais.

Com o fracasso, em Outubro de 1978, da mediação tão desejada pelos Estados Unidos entre o regime de Anastázio Somoza Debayle e a oposição democrática, a FSLN, que recusara toda e qualquer negociação, afastou definitivamente essa via para a derrocada da ditadura e lançou os nicaraguenses no confronto armado. A FSLN propôs três condições para levar adiante a sua luta: unidade da oposição, fortalecimento militar da guerrilha e solidariedade internacional.

Em Março último o esforço de unidade nas fileiras do FSLN culminou com a integração das três tendências internas (inssurrecional, proletária e guerra popular prolongada) numa só direcção. Ao mesmo tempo, a Frente Patriótica Popular assumia a direcção das organizações pupulares de oposição e dava início a negociações com a Frente Ampla também de oposição (FAO), esta de centro direita e principalmente integrada por empresários.

Enquanto a luta de guerrilhas contra Somoza e a sua Guarda Nacional não diminuía, a FSLN treinava os quadros combatentes, (calculados pelo menos em seis mil) e conseguia armamento moderno para os seus arsenais. Nos últimos meses a FSLN também aperfeiçoou os seus sistemas de comunicações e começou a transmitir para a Nicarágua e para o exterior através da Rádio Sandino, no comprimento de onda internacional de 31 metros.

No plano internacional o sandinismo obteve claras manifestações de solidariedade. Durante a primeira semana do passado mês de Maio, a Internacional Socialista e os partidos políticos afins da América Central e das Caraíbas e os partidos socialistas de Portugal e Obrero Espanhol prometeram todo o seu apoio à luta armada da FSLN. Duas semanas depois, o México cortou relações com a Nicarágua e pouco dias depois houve a proclamação dos presidentes dos países do Pacto Andino a favor de uma solução democrática para a Nicarágua. Por último, no dia 4 de Junho, Somoza chegou ao maior isolamento internacional da história do seu regime, quando a oposição dos países latino-americanos com regimes constitucionais vigentes fez fracassar os seus pedidos à Organização dos Estados Americanos para que condenasse a Costa Rica por suposta intromissão nos assuntos na Nicarágua.

Neste contexto, a FSLN lançou, no dia 28 de Maio a sua ofensiva com a ocupação de uma parcela de território nicaraguense na zona ocidental do Sul, que tem fronteira com a Costa Rica e que dá para o Oceano Pacífico.

Guerrilheiros ocuparam ao mesmo tempo várias cidades do Norte e travaram combates contínuos com a Guarda Nacional em todo o país. A diversidade de frentes pôs pela primeira vez em xeque a Guarda Nacional, que se limita a defender-se, mas nem sempre com êxito.

A nova modalidade adoptada pela FSLN nesta ofensiva, pôs a nu os vícios de organização da Guarda Nacional (GN). Desde 1933, quando a GN foi criada pelos fuzileiros navais dos EUA que ocupavam a Nicarágua, o primeiro comandante da instituição militar, Anastázio Somoza Garcia, fundador da dinastia, concentrou em Manágua todo o seu poderio militar. Deste modo, a chefia da GN que desde então sempre esteve nas mãos de um Somoza, tem mantido guarnições desarmadas no interior para impedir o sublevação de oficiais descontentes. O sandinismo chega a afirmar que actualmente as portas dos arsenais da GN em Manágua só se abrem com duas chavs, uma das quais se encontra em poder do general José Rodriguez Somoza, meio irmão do presidente, e a outra nas mãos do tenente coronel Anastazio Somoza Portocarrero, o herdeiro da dinastia.

Durante as últimas sublevações guerrilheiras no interior do país, Somoza enviava comboios militares fortemente apetrechados para as sufocar e ajudar as guarnições sitiadas. Impunha assim o enorme poder das suas armas e terminava com a rebelião. Na actual ofensiva, os guerrilheiros diversificaram de tal modo as frentes de combate que desorientaram a guarda, e os comboios de auxílio ou não são suficientes ou não são detidos nas estradas de acesso.

O último episódio político que destabilizou Somoza foi a greve geral convocada pela Frente Sandinista e que decorre desde há duas semanas em todo o território. A incidência da greve é ainda maior do que aconteceu com a de Fevereiro de 1978 quando os sectores empresariais convocaram paralizações de protesto contra o assassinío do jornalista Pedro Joaquin Chamorro director do jornal «La Prensa», de Manágua, e também é maior do que a da greve de Setembro do mesmo ano, organizada pela FSLN e um sector da FAO.

Somoza reconheceu a repercussão da insurreição sandinista que veio interromper o equilíbrio dos últimos meses durante os quais a Guarda Nacional impunha a sua política de terror. O ditador adoptou determinadas medidas de emergência: decretou o estado de sítio em todo o território, convocou os adidos militares e todos os oficiais da Guarda Nacional em serviço no estrangeiro para que regressassem à Nicarágua a fim de tomarem parte activa nos combates e apressou-se a negociar com os EUA a compra de aviões bombardeiros, face ao fracasso dos aparelhos da força aérea contra os sandinistas na frente sul.

As fontes sandinistas residentes em São José da Costa Rica continuam a excluir a possibilidade de uma solução política para o confronto. Insistem em que a acção armada da FSLN e a insurreição popular acabarão por derrubar Somoza e a Guarda Nacional.

Também parecem pouco promissoras as possibilidades de uma mediação internacional como a de Outubro de 1978. Os países do Pacto Andino defenderam negociações para uma solução pacífica. O embaixador dos EUA junto da Organização dos Estados Americanos apoiou esta posição, mas a oposição da Nicarágua entende que Washington, por ter apoiado permanentemente os Somoza, tem de dar provas claras da sua vontade de se afastar do regime. Os mesmos círculos indicam as contradições entre a posição desse embaixador e a do subsecretário de Estado para os Assuntos Interamericanos, Viron Vaky, o qual afirmou claramente que uma intervenção militar do seu país na Nicarágua não era hipótese de excluir.

As negociações entre a oposição e Somoza foram interrompidas há seis meses, e nova mediação internacional tem, como vimos, escassas ou nulas hipóteses de êxito imediato.

Os sandinistas reafirmam que só confiam na força das suas armas e no apoio popular que recebem maciça mente para derrubar Somoza. Por agora, só o desenlace dos combates em curso pode determinar o destino da Nicarágua.

Exclusivo IPS/DL

PODER LOCAL

Município do Porto: onde se "sumiu" grupo escultórico de homenagem ao general Humberto Delgado...?

A Câmara Municipal do Porto abriu há tempos um concurso nacional destinado aos escultores portugueses para realização de um monumento escultórico a colocar na Praça Humberto Delgado como homenagem ao «general sem medo».

Os escultores, segundo o que foi então divulgado, poderiam concorrer até 15 de Março do ano em curso.

Entretanto, foi anunciado nos órgãos de Informação, uma vez terminado o prazo, que havia no Município nove projectos. Três tinham sido escolhidos: a um caberia o primeiro prémio, e aos restantes o segundo e o terceiro.

As decisões do júri seriam tornadas públicas no dia 1 de Maio.

No entanto...

No entanto, não foram dados aos órgãos de Informação nenhumas fotografias das «maquettes», nem qualquer comunicação sobre os trabalhos classificados em primeiro, segundo e terceiro lugares.

Até à presente data (segundo um nosso leitor), e com mais de um mês de atraso, «é de notar que nem o público nem os escultores concorrentes tiveram a mínima comunicação sobre o que se está a passar». (...) «Seria da mais elementar delicadeza uma carta aos escultores que, para se habilitarem ao concurso público- despenderam horas de trabalho e suportaram custos de materiais...»

Em 1958, toda a população portuense apoiou Humberto Delgado, assim protestando contra o regime fascista que dominava o País, enterrando-o constantemente na ignomínia do obscurantismo. Delgado não merecia (até por respeito à população tripeira) que o Município do Porto se tenha calado sobre um grupo escultórico de homenagem ao general...

Grândola condena expulsão de crianças da Cooperativa de Padrões

No dia 24 de Maio do ano corrente, pelas 9 horas da manhã, foi violentamente desmantelada a Cooperativa Agrícola de Padrões, situada no concelho de Grândola, em terra nacionalizada.

De acordo com a moção de protesto aprovada pela Assembleia Municipal daquela vila, a cooperativa em causa «era um exemplo vivo da força de trabalho e da vontade corajosa dos trabalhadores alentejanos». Foram «arrombadas as portas das habitações – e expulsas as pessoas adultas, e também as crianças, sendo todos os haveres postos na rua»...

Tudo isso se passou «na presença de representantes do Ministério da Agricultura e Pescas (MAP) e de um pelotão da GNR».

Violento protesto se ergue da moção aprovada pela AM de Grândola – e acentua-se particularmente no documento o absoluto desrespeito pelos direitos das crianças no Ano Internacional da Criança.

«Onde se encontra (pergunta-se na moção) a protecção do Estado às onze crianças espoliadas da cooperativa, e a outras muitas do nosso país, com vista ao seu desenvolvimento integral...?»

AIC "arranca" em Sintra

Encontra-se já em diligências múltiplas a Comissão para o AIC (Ano Internacional da Criança) das freguesias de Santa Maria e São Martinho, da vila de Sintra.

No decurso de várias reuniões, foi deliberado tomar como plano de acção imediato o seguinte programa:

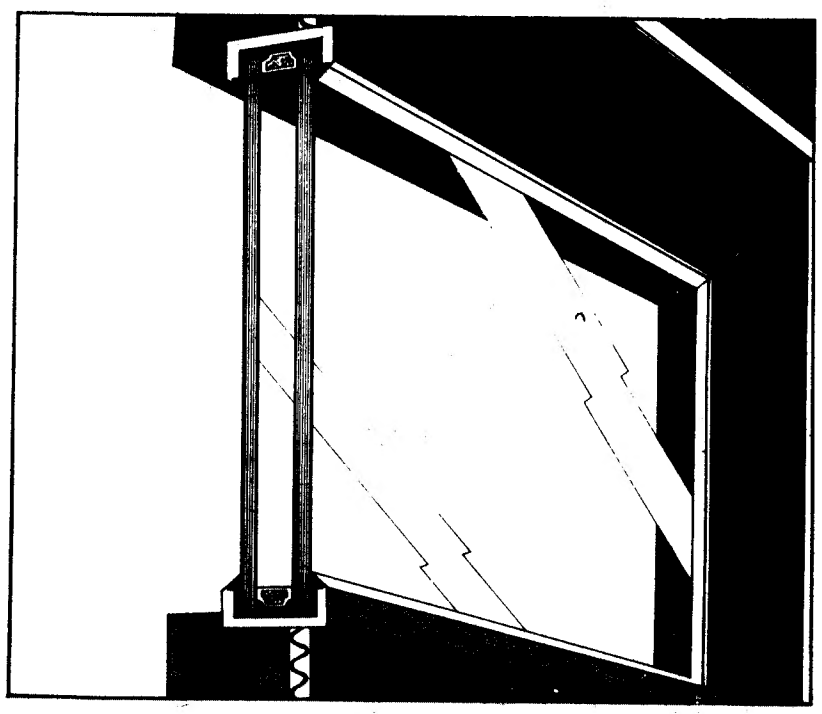
Jardins de infância, infantários, escola pré-primária, saúde (vacinação, controlo alimentar, controlo de droga, prostituição), segurança (cívica e viária), psicopedagogia, ensino e tempos livres (recreio didáctico, desporto e cultural).

A comissão não pretende limitar a sua acção ao ano de 79, mas sim continuá-la e, se possível, intensificá-la.

DONA DE CASA
NÃO DECORE O SEU LAR, SEM PRIMEIRO NOS CONSULTAR
Temos uma vasta gama de Artigos para Decoração
IR INACIO, CUNHA & REBELO, LDA. Rua Andrade, 4 r/c e 1.º Dt.º lisboa
Telef: 843244 — 849492 — 849486

COVINA
CALORIAS, FRIGORIAS QUE NÃO ESCAPE NEM UMA!
VIDRO DUPLO
DUPLA POUPANÇA

não há nada como o vidro para dar vida a uma habitação ou a uma instalação comercial. Para desfrutar de luz natural e poupar energia.
No entanto as superfícies envidraçadas tal como as paredes, necessitam de ISOLAMENTO TÉRMICO. Para um maior conforto, para uma maior poupança.
Nas janelas o isolamento consiste no vidro duplo. O VIDRO DUPLO reduz a fuga de calorias e frigorias até cerca de 50%.
Deste modo tudo fica em sua casa.
O conforto e o dinheiro.



climasol
ENVIDRAÇADOS ISOLANTES TÉRMICOS E ACÚSTICOS

ISOLAR É POUPAR!
POUPE!

ESTA É UMA MENSAGEM DA COVINA — COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, SARL

VENDIDOS EM VILA REAL

Legumes contaminados por detritos humanos

VILA REAL, 16 – Legumes contaminados provenientes de terrenos anexos ao hospital desta cidade estão a ser vendidos no mercado municipal. Este facto foi revelado à ANOP por um membro da Comissão Instaladora do hospital, que acrescentou não ser a contaminação resultante exclusivamente dos esgotos do hospital, mas também dos esgotos da cidade.

Os legumes são irrigados com esgotos do hospital e como nesta época do ano a maioria dos legumes vendidos são consumidos crus, aumentam as hipóteses de doenças de origem hídrica, nomeadamente do grupo diarreico e paratifóide. A ligação dos esgotos do hospital ao sistema camarário tem vindo a ser solicitada à Direcção-Geral de Construções Hospitalares, mas a obra ainda não se efectuou, por falta de verba. Segundo informação obtida junto da Comissão Instaladora do hospital, a obra está orçada em três mil e quinhentos contos.

O hospital – disse o mesmo informador – não tem capacidade financeira para ocorrer a esta necessidade, mesmo optando por uma solução de alternativa mais económica, ou seja, o recurso à instalação de fossas cépticas, que importariam em cerca de 500 contos.

A Câmara Municipal de Vila Real, por recomendação da Direcção-Geral de Saúde, está, entretanto, na disposição de fazer a necessária ligação à rede de esgotos camarários «sem mais demora».

"Primeiro" demissionário foi à Feira de Santarém

O Primeiro-Ministro demissionário Mota Pinto visitou no passado dia 13 a Feira Nacional da Agricultura (FNA) em Santarém.

Depois de percorrer demoradamente o certame, Mota Pinto teve um breve encontro no pavilhão da República Federal da Alemanha com o embaixador deste país, dado que se comemorava o dia da RFA na Feira.

Nesta sua visita, Mota Pinto era acompanhado pelo ministro da Administração Interna, coronel Alves Ribeiro.

Entretanto, em conferência de Imprensa o ministro demissionário da Agricultura e Pescas, Vaz Portugal, referiu ser a FNA o local exacto para a realização das jornadas sobre as «Perspectivas para a Política de Desenvolvimento da Agricultura».

Já assistiram a estas jornadas mais de um milhar de técnicos e outros interessados nos problemas da agricultura nacional. Um dos debates de maior interesse foi à inserção das regiões da Beira Interior, Beira Litoral, Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Alentejo, Algarve e Ribatejo no desenvolvimento agrícola.

Ervilhas vão custar mais caras

Um quilograma de ervilhas passará a custar no máximo, 63 escudos, logo que seja publicado o respectivo diploma do «Diário da República».

O diploma, que fixará os preços de venda ao público da ervilha capelada e de misturas de produtos hortícolas capelados como jardineiras e macedónias, seguiu já para publicação na folha oficial, segundo informa a Secretaria de Estado do Comércio Interno.

O diploma reverá igualmente as margens de comercialização.

Semana inglesa no comércio do Porto

O comércio do Porto estará encerrado durante as tardes dos três últimos sábados deste mês.

Esta situação resulta do facto de a Assembleia Municipal ter recusado alterar o horário do comércio na cidade, durante os fins-de-semana que coincidem com as festas do Porto.

O executivo camarário havia deliberado autorizar a abertura do comércio durante os três últimos sábados deste mês, situação que não teve apoio do sindicato do sector.

O Sindicato do Comércio considerou a atitude do Executivo camarário de «ilegal», baseando a sua atitude num edital camarário segundo o qual os horários do comércio «só podem ser alterados se houver acordo nesse sentido».

Na reunião efectuada no Município, entre representanes sindicais e patronais, não se chegou a acordo e a Assembleia Municipal rejeitou alterar o referido edital.

Delinquência juvenil aumenta na Madeira

FUNCHAL, 15 – A PSP da Madeira efectuou, no mês passado, 124 actuações em estabelecimentos de venda ao público por falta de «boletim de sanidade». No balanço da actividade emitido no referido período, a PSP registou 101 casos de delinquência juvenil – número este que continua a situar-se nos mais altos índices por distrito no País – 61 por embriaguês e 3 por verificação de volumes suspeitos de engenhos explosivos.

Esta corporação policial elaborou 153 inquéritos por criminalidade e 174 por acidentes de trânsito e anotou 424 queixas, de entre as quais 120 por agressão, 55 por furto, roubo e arrombamento e 20 por assalto.

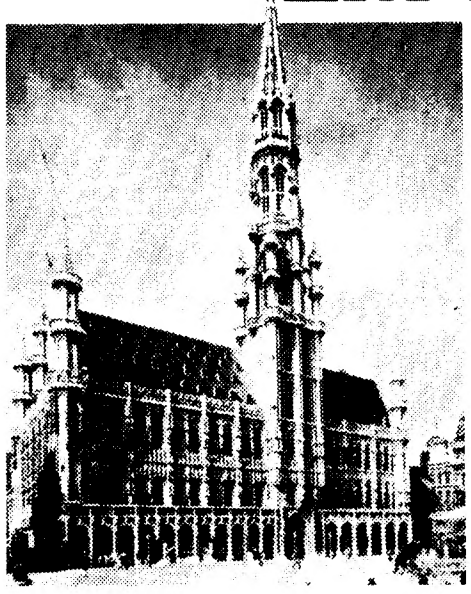
Quanto ao «trânsito e transporte», capítulo no qual se verificaram 863 autuações, a PSP registou 140 ocorrências por desobediência à sinalização, 183 por estacionamento irregular e 117 por falta de indicação de nome e residência do proprietário.

Transformar a PSP em "algo de novo"

BRAGA, 15 – A intenção de «transformar a PSP, por forma a merecer o respeito e a admiração da população», foi uma das tarefas prioritárias expressas ontem pelo comandante local capitão Rodrigues Cruz, no decorrer do acto inaugural de uma sala de relações públicas, integrando um gabinete de Imprensa, agora criado no edifício do comando distrital daquela corporação.

Afirmando-se empenhado em dar à PSP «um novo rosto», o capitão Rodrigues Cruz, que assumiu o cargo há cinco meses, frisaria que a concretização de tal propósito «não será possível em um ou dois anos», manifestando, no entanto, a esperança de que, «com trabalho, paciência e entusiasmo, algo de novo surgirá na formação dos agentes da Polícia».

BRUXELAS FAZ MIL ANOS EM 1979



Venha felicitar esta cidade eternamente bela
e assistir às magnificas e variadas celebrações do seu Aniversário.
Uma oportunidade a não perder.

Exposições • Espectáculos • Desportos • Música • Teatro • Bailado • Etc ..
...e mil anos de Arte e História.

Consulte a sua Agência de Viagens ou o

TURISMO BELGA

Rua do Salitre, 84-3.° Dt.° • Tel. 53 56 30 – Lisboa

LEILÃO

DIA 16 DAS 9.30 ÀS 12 HORAS

AOS COMERCIANTES E PÚBLICO EM GERAL

Por mudança de ramo, loja de móveis vende toda a sua existência, pela melhor oferta.

Grande variedade de mobílias novas e maples de vários modelos, etc.

Não perca esta grande oportunidade.

Rua Reinaldo Ferreira, 6-A Alvalade

PRESENTES NA FEIRA DE SANTARÉM

MÁQUINAS DE ORDENHA IMPULSA

Veja na **LACTI 79 (Vale de Cambra)** as últimas inovações técnicas

SERVO-PHISIOMATIC — Sistema integrado de protecção fisiológica e remoção automática das tetinas

U M 95 — Novo Colector Impulsa

M 908 — Bomba de Leite impulsa de nova Concepção

C.D. COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS AGRO-PECUÁRIOS, SARL

Rua Brancamp, 66, 1.° Dto. – Tel. 57 44 7/57 45 22/44 59 0

RELATÓRIO DO BANCO DE PORTUGAL

Profunda recessão em 1978

O Produto Interno Bruto (PIB) português cresceu apenas 3,4 por cento em 1978, contra 6,5 em 77 e 6,6 em 76 – revela o relatório do Banco de Portugal para 1978, agora divulgado. Esta baixa do crescimento representa uma pesada quebra da taxa de produção e resulta da política económica fortemente restritiva posta em prática em 77 e 78, nomeadamente em obediência aos acordos com o FMI.

A evolução do PIB só não foi ainda mais desfavorável porque os sectores da Administração Pública, Saúde e Educação mantiveram o ritmo de expansão de cerca de 6 por cento, ultrapassando largamente o que estava programado.

Segundo o Banco de Portugal, o sector agrícola recuperou parcialmente da quebra de 77, sobretudo devido à produção pecuária: a produção vegetal foi mais fraca do que nesse ano. No que toca à indústria transformadora, a desaceleração é particularmente notória: tendo crescido 9,4 por cento em 77, o seu ritmo caiu para 3,3 por cento em 78. Os sectores principalmente responsáveis pelo crescimento de 77 encontravam-se seriamente deprimidos no final de 78, e os magros índices de desbloqueamento nesta data não eram de molde a permitir qualquer optimismo.

O papel da Construção, determinante na dinâmica conjuntural, foi também fortemente atingido pela recessão de 78: o crescimento do seu produto foi de 5 por cento, após um de 11 por cento em 77. O mesmo se passou nos sectores da Electricidade, Gás e Água: 6,5 por cento em vez dos 20 por cento de 77. Quanto ao sector dos Serviços globalmente considerado, e que segundo dados da OCDE já ocupa o maior «terço» da população (em segundo lugar vem a indústria e em terceiro a agricultura), foi aquele que em 78 registou menor taxa de expansão: 3 por cento, tendo perdido ligeiramente peso no conjunto da economia nacional.

URSS interessada em vinhos portugueses

Diversos tipos de vinho de mesa português poderão vir a interessar ao mercado da URSS passado o exame minucioso a que serão submetidos para utilização entre os soviéticos. Esta hipótese ganha força na sequência do seminário sobre vitivinicultura nacional efectuado em Moscovo e organizado pela firma portuguesa «Imporleste», no qual participaram representantes de organizações do Comércio Externo da União Soviética especializadas em importação da produção agrícola, inclusive vinhos, assim como vinhateiros e provadores russos.

Recorde-se que a URSS compra actualmente algumas variedades de vinho português, nomeadamente do «Porto» (dois milhões de garrafas), de quinze espécies diferentes, mas não de mesa engarrafado. Daí a importância do seminário agora promovido em Moscovo.

CEE: ECONOMIA PORTUGUESA EM QUESTÃO

Conselho de Ministros tem nas mãos programa extraordinário de ajuda

A Comissão Europeia vai propor ao Conselho de Ministros da CEE um programa extraordinário de ajuda à econnomia portuguesa, resultando a proposta da necessidade de modernizar o aparelho produtivo português para o tornar competitivo dentro do Mercado Comum por forma a suportar o choque em consequência do desarmamento aduaneiro decorrente da adesão.

O sentimento de simpatia que existe no seio da CEE por Portugal para que prossiga a via da industrialização (que cria mais dificuldades ao nosso país que à CEE) favorecerá essa ajuda. Daí, aliás, essa proposta feita pela Comissão Europeia, convencida que os mecanismos normais existentes não são suficientes para promover o desenvolvimento económico em Portugal. Entre outras das acções a levar a cabo pela referida comissão, antes da adesão, conta-se a do protocolo financeiro assinado por Portugal com o BEI (Banco Europeu de Investimentos), além de um plano de apoio às pequenas e médias empresas industriais nos mais diversos domínios.

Por outro lado, e face à difícil situação económica de Portugal, ao crescente desequilíbrio nas trocas comerciais entre o nosso país e a CEE, e ainda à necessidade de proteger a modernização do aparelho produtivo nacional foram formulados ao Conselho das Comunidades Económicas uma série de pedidos, oportunamente divulgados pelo Secretariado da Integração Europeia, de que há a destacar o congelamento das obrigações de desarmamento aduaneiro decorrentes do acordo comercial de 1972, a possibilidade de Portugal poder continuar a invocar a cláusula das indústrias novas para além do corrente ano, e uma autorização para manter a contingentação de automóveis.

A Comissão Europeia, para o efeito reunida em Bruxelas, deu parecer favorável a todos aqueles pedidos, prolongando os respectivos prazos até Dezembro de 82, isto é, mais 24 meses que o limite inicialmente acordado.

Para que estas medidas sejam levadas à prática, contudo, falta o «sim» do Conselho. Para o efeito, Portugal solicitou urgência na sua apreciação, uma vez que as medidas em apreço condicionam, de certa maneira, o prosseguimento das negociações para a adesão ao definir o regime comercial que passa a vigorar nas relações com a CEE. Por outro lado, as negociações encontram-se ainda numa fase que é considerada de identificação de problemas ao nível da união aduaneira.

Comércio externo português em 78

Défice de mais de 120 mil milhões de escudos

O défice da balança comercial portuguesa cresceu, o ano passado, a uma taxa de 6,7 por cento representando uma desaceleração relativamente à de 77 na ordem de 49,1%, de que resultou um défice do comércio português naquele período superior a 120 mil milhões de escudos, segundo um estudo do Fundo de Fomento de Exportação (FFE) publicado na revista «Fundexport» de Maio. Os resultados do ano findo correspondem a um agravamento de oito mil milhões de escudos em relação a 1977.

Neste período, e ainda segundo aquela publicação, as exportações cresceram em valor a uma taxa de 37,9 por cento, e as importações à taxa de 19,5%. Deste facto resultou uma sensível melhoria da taxa de cobertura das importações pelas exportações, que passou de 40,7 em 1977 para 47 por cento o ano passado.

O preço médio por tonelada exportada registou uma taxa de crescimento de 34,3 por cento (de 20,4 mil escudos em 1977 para 27,4 mil escudos em 1978), e o preço médio das importações cresceu apenas 7,1 por cento (de 12,6 mil escudos para 13,5 mil escudos por tonelada).

A «Fundexport» analisa também os factores internos e externos que mais terão contribuído para o comportamento verificado na balança comercial portuguesa. De entre os primeiros destaca «a desvalorização do escudo, dada a influência que tal provoca nos preços de importação e exportação», e «a diminuição do ritmo de crescimento da actividade económica verificada em 1978, a qual teve os seus reflexos sobretudo a nível da importação de certos bens de equipamento e matérias-primas».

Como principais factores externos desse agravamento a «Fundexport» refere a «manutenção dos preços de petróleo, a desvalorização do dólar, as suas consequências directas sobre a fixação dos preços de certos produtos e, por último, a baixa de cotações de certos produtos agrícolas no mercado mundial», os quais «não podiam deixar de produzir os seus efeitos num país que, como Portugal, depende largamente da importação dos produtos em causa».

«Há ainda a considerar que o ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto dos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) foi, em 1978, superior ao previsto, o que logicamente conduziu a uma evolução favorável das exportações portuguesas para esses mercados, que são os principais clientes» – refere o «Fundexport».

Os países da OCDE absorveram 81,6 por cento das exportações de Portugal e forneceram 77,0 por cento das importações – as percentagens mais altas de sempre, de acordo com a revista do FFE.

É para o conjunto dos países da Comunidade Económica Europeia (CEE) que a concentração é mais elevada: 55,5 por cento das exportações e 45,8 por cento das importações, em 1978. Embora o défice comercial com o conjunto destes países tenha aumentado em 1,5 por cento, a «Fundexport» assinala que o coeficiente de cobertura registou uma melhoria, passando de 48,4 por cento, em 1977, para 57,0 em 1978.

Os parceiros de Portugal na Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) absorveram, o ano passado, 13,5 por cento das exportações portuguesas, e 8,9 por cento das importações.

A «Fundexport» refere igualmente a perda de importância que se tem verificado no comércio português com os países de Leste, árabes do Norte de África e do Médio-Oriente, e países africanos de expressão portuguesa.

surdez
JÁ NÃO É PROBLEMA!
RECUPERE A AUDIÇÃO COM UM MODERNO E MINÚSCULO APARELHO RETRO AURICULAR OU COM OS FAMOSOS ÓCULOS AUDITIVOS
exames e experiências grátis
OTACÚSTICA
RUA DA MADALENA, 152 1.º ESQ.
Telef. 86 52 75 Lisboa

EVA, LDA
CABELEIREIRO
PLENA ACTIVIDADE
POUCO DINHEIRO
POUCO TEMPO
MARQUÊS DE POMBAL, 1
R. C. CASTELO BRANCO, 23

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada
PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno	~~18 000$00~~	11 950$00
Quarto casal moderno	~~21 000$00~~	12 950$00
Quarto criança moderno (desde)	~~15 000$00~~	8 500$00
Jogos de maples (desde)	~~7 000$00~~	4 500$00
Quartos Século XVII — Mogno	~~29 000$00~~	20 950$00
Salas Século XVII — Mogno	~~38 000$00~~	30 500$00
Mesas de refeição tampo vidro	~~8 000$00~~	4 950$00
Cadeiras cromadas	~~2 200$00~~	1 580$00
Estante c/ cristaleira	~~18 500$00~~	12 850$00

MUITAS MAIS MOBILÍAS E MAPLES
A.S. NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.
R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Blanco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca de Xira
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Direcção de Distribuição Tejo —, a que se refere o processo 8/64766, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Sintra, da Modificação da linha aérea a 10 kV, n.º 1098/R-2, centre o apoio n.º 2 e o posto de Seccionamento n.º 5192, com um aumento de 114 metros de comprimento, em Ranholas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Junho de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Vila do Bispo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/59 874, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Milfontes e S. Salvador, de uma linha aérea a 15kV, com 2201 metros, do poste n.º 4 da linha para o posto de transformação da ZA-GOPE ao posto de transformação das Herdades de Vila Formosa e Montalvo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Junho de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Direcção de Distribuição Tejo —, a que se refere o processo 8/64645, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 109/E-52, com 301 metros, do apoio n.º 3 da linha 109/R-38, ao posto de Seccionamento 5228, em Castanheira do Ribatejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Junho de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Direcção de Distribuição Tejo —, a que se refere o processo 8/64366, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Oeiras, da linha mista a 10 KV, n.º 129/R-11, com o comprimento total de 115 metros (na parte aérea, com 130 metros; e parte subterrânea, com 25 metros) do apoio n.º 7 da linha 129, ao posto de transformação n.º 5241, em Casal do Alfornel.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Junho de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

"Como não podia deixar de ser" Antónia Palla foi absolvida

— afirmou o Juiz Afonso de Melo

«O aborto clandestino é uma realidade social deste País com reflexos prejudiciais e não é silenciando que se combate» afirmou o juiz Afonso de Melo ao absolver Maria Antónia Palla do processo que lhe havia sido instaurado pelo Ministério Público a propósito do filme «Aborto não é crime».

A jornalista foi absolvida «como não poderia deixar de ser» (são palavras do juiz) tendo, quer a acusação quer a defesa, pedido exactamente a absolvição, tal como nós escrevemos desde o início do julgamento. A sentença do juiz Afonso de Melo prima pela clareza de opinião (ultrapassa mesmo a de algumas forças sociais a quem incumbia há muito ter levantado o problema). Recordou o artigo da Constituição que prevê métodos de divulgação do planeamento familiar e aponta para a necessidade da criação de estruturas jurídicas e técnicas «que permitam o exercício de uma paternidade consciente». Para o dr. Afonso de Melo «esta formulação não é inequívoca e dá margem para discussão e, segundo algumas interpretações, aponta mesmo para a necessidade da legalização do aborto».

Como noticiámos, Antónia Palla era acusada de «incitamento ao crime» e «atentado ao pudor». «São legítimos – afirmou o juiz Afonso de Melo – e de respeitar os sentimentos de todos aqueles a quem o aborto repugna, mas não os daqueles que o toleram sob condição de ficar escondido».

Não são legítimos os sentimentos daqueles que toleram o aborto sob condição de ficar escondido – deduz-se da afirmação anterior do dr. Afonso de Melo. Esta é a questão de fundo, pela qual todas as mulheres têm lutado. De facto, consentir a prática abortiva na clandestinidade mas impedir a sua legalização, é uma atitude de pudor cínico, incitamento à especulação e assistência degradante. E as mulheres têm o legítimo direito de lutar contra isso.

Mas o juiz Afonso de Melo levantou ainda a dúvida (ou a certeza?) de que as objecções ao filme pudessem ter sido levantadas por «outros sentimentos diferentes daqueles que são atingidos pelo crime em discussão». Reconhecendo, por último, a liberdade de informação, o juiz Afonso de Melo afirmou que os autores do processo contra Antónia Palla pretenderam «uns, pôr em causa o direito à liberdade de informação e de expressão, e outros pôr em causa uma possível interpretação do preceito constitucional que, para alguns, aponta para a necessidade da legalização do aborto».

O juiz Afonso Melo

Esta é a primeira vez neste país que um órgão do Poder – um tribunal – assume uma clara posição de defesa da discussão da legalização do aborto. Só por isso, o julgamento valeu a pena.

«O REGRESSO AO PASSADO»

Antes da leitura da sentença, a ré leu um documento em que se insurgia contra os autores do processo, «as forças que gostariam que o retorno da Censura evitasse que as misérias da sociedade fossem conhecidas» e que pretendem «o regresso ao passado com tudo o que ele representa da obscurantismo».

Para Antónia Palla, os que hoje se opõem à legalização do aborto são os mesmos que já anteriormente se opuseram ao direito de voto das mulheres e ao divórcio, e apesar de invocarem princípios religiosos, não atribuem importância ao sofrimento físico e moral e mesmo ao número de mortes reultantes da prática de abortos.

«Estou certa que, no dia em que for feita de facto uma investigação sobre a rede clandestina, se o jornalista chegar com vida ao termo dessa investigação, creio bem que depararemos com enormes surpresas». – afirmou ainda a ré. E recordou que muitas parteiras fazem um negócio de mais de mil contos por mês com a prática de abortos, dos quais «não pagam impostos e eventualmente, não são as únicas beneficiárias».

«Não quis nem quero incitar ninguém à prática do aborto, um acto em si doloroso para não poder ser encorajado por quem quer que seja. Penso antes que contribui para consciencializar um grande número de pessoas, das mais diversas camadas sociais, para um problema que afecta a vida, a segurança e a dignidade das mulheres portuguesas».

Na sentença, a delegada do Ministério Público, dr.ª Ana Maria Lobato Moreira da Silva foi substituída pelo delegado do procurador-geral da República, dr. Maia Costa.

Entretanto, a questão do aborto vai «aquecer». Já no próximo dia 5, começará a ser julgada na Boa-Hora, uma mulher acusada da prática de aborto e o capitão Geraldes, um dos responsáveis da RTP na altura da projecção do filme «Aborto não é crime» poderá ser julgado em Tribunal Militar como co-responsável da projecção da película.

Na Beira Baixa: Situação "alarmante" da assistência médica

«O distrito de Castelo Branco é particularmente esquecido por todos e a assistência médica que temos atinge aspectos alarmantes» – afirma o MAPRU (Movimento de Agricultores por uma Melhor Previdência Rural), num comunicado em que se propõe a realização de um encontro sobre a Previdência Rural e a Assistência Médica na Beira Baixa. Subscrevem ainda o documento a Comissão de Agricultores de Toulões e as casas do povo de Tinalhas, Paul e Peroviseu.

O comunicado afirma que, «além do pouco número de postos médicos existentes (cerca de 110), a grande maioria funciona em más condições, com poucos médicos e poucos enfermeiros. Em muitos casos – sublinha o comunicado – a falta de transportes e o mau estado dos caminhos obriga as populações a percorrer quilómetros e mais quilómetros para irem ao médico mais próximo».

O encontro em proposta seria um alerta para aqueles que «trabalham uma vida inteira, de sol a sol, sem apoios nem garantias para os seus produtos, sem direito ao abono de família para ajudar a criar os filhos e que chegam aos 65 anos para receberem uma reforma de miséria de 1100$00 que não chega nem sequer para comer».

Entretanto, e ainda por iniciativa do MAPRU, realiza-se no próximo domingo, pelas 15 horas, uma reunião-festa na Casa do Povo de Penamacor. A iniciativa vem no seguimento do último Encontro de Previdência Rural, efectuado em Coimbra. Nesse Encontro foram exigidos aumento das pensões de reforma para os agricultores, abono de família, melhor assistência médica e medicamentosa e medicamentos gratuitos para a terceira idade, crianças, deficientes e reformados por invalidez.

CADA CONJUNTO BLACK & DECKER É UMA ÓPTIMA OPORTUNIDADE DE COMPRAR MAIS BARATO E HABILITA A UMA VIAGEM DIFERENTE

CONJUNTO MADRID

- Berbequim 8 mm 1 Velocidade
- Dispositivo Suporte Horizontal
- Dispositivo de Esmerilar
- Livro "Faça Você Mesmo"

**TUDO SÓ 1999$** POUPE 855$
E A POSSIBILIDADE DE GANHAR
1 SEMANA EM MADRID
PARA 2 PESSOAS

CONJUNTO PARIS

- Berbequim 10 mm 2 Velocidades
- Dispositivo Serra de Recortes
- Extensão de Cabo (10 m com enrolador)
- Jogo de Acessórios Super
- Livro "Faça Você Mesmo"

**TUDO SÓ 3299$** POUPE 940$
E A POSSIBILIDADE DE GANHAR
1 SEMANA EM PARIS
PARA 2 PESSOAS

CONJUNTO ROMA

- Berbequim 13 mm 4 Velocidades com Percussão e Mala Plástica
- Dispositivo Serra Circular Super
- Dispositivo Lixadora Vibratória
- Livro "Faça Você Mesmo"

TUDO SÓ 4499$
POUPE 1285$
E A POSSIBILIDADE DE GANHAR
1 SEMANA EM ROMA
PARA 2 PESSOAS

CONJUNTO NOVA IORQUE

- Berbequim 13 mm Electrónico 14 Velocidades c/ Percussão e Mala Plástica
- Dispositivo Serra Circular Super
- Dispositivo Lixadora Vibratória
- Dispositivo Suporte Horizontal
- Dispositivo de Esmerilar
- Livro "Faça Você Mesmo"

TUDO SÓ 5499$
POUPE 2540$
E A POSSIBILIDADE DE GANHAR
1 SEMANA EM NOVA IORQUE
PARA 2 PESSOAS

PARA PARTICIPAR NOS SORTEIOS DAS VIAGENS PREENCHA E ENVIE O POSTAL QUE ACOMPANHA O CONJUNTO ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1979 (DATA DO CORREIO)

Black & Decker o seu Braço Direito

SOLTAS

"Regularizar"

Cerca de 200 mil trabalhadores imigrados em França deverão ser obrigados a regressar, anualmente, aos seus países de origem, em consequência de uma proposta de lei, revelada ontem pelo ministro do Trabalho francês. O diploma visa «regularizar» a situação legal de cerca de 2 milhões de trabalhadores emigrantes que vivem actualmente em França. Para o ministro Boulin, autor da proposta de lei, assim seria melhorada a situação dos imigrantes naquele país e simplificaria os seus contactos com o Governo francês. A nova lei, segundo informações provenientes de Paris, concederá à maioria esmagadora dos trabalhadores migrantes autorização de residência por três anos. Contudo, a sua renovação não será automática como são as de trabalho, por período mais curto, actualmente em vigor.

CERVEJA AINDA

Os trabalhadores da indústria cervejeira continuam a preparar novas formas de luta para pressionar a negociação da primeira PRT para o sector. O facto deve-se à falta de garantias, por parte do MIT, de negociações naquele sentido. E isto apesar de os Conselhos de Gerência das duas empresas públicas do sector já terem anunciado que haviam solicitado a necessária autorização àquele Ministério.

«AUMENTOS»

As pensões de invalidez e velhice para os trabalhadores agrícolas foram aumentadas para 1350 escudos mensais e as pensões de sobrevivência para os mesmos trabalhadores subiram para os 810 escudos por mês. Por outro lado, o Ministério dos Assuntos Sociais decidiu aumentar a pensão social dos actuais mil escudos para 1250 escudos mensais. Aquele Ministério reconhece, em nota enviada aos meios de comunicação, que o montante dos benefícios «é ainda diminuto», mas acrescenta «não poder perder de vista os condicionalismos financeiros a que se encontra sujeito».

CONGRESSO DOS QUÍMICOS

O I Congresso da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas realiza-se durante o próximo fim-de-semana, no Pavilhão da Quimigal, no Barreiro. Trata-se, segundo os promotores, de «mais uma nifestação vigorosa de força e inestimável capacidade criadora das massas trabalhadoras na defesa da democracia» e, ainda, uma «resposta firme e clara às forças que se vêm empenhando na tentativa de divisão do movimento sindical». Participarão 407 delegados dos 5 sindicatos filiados e, ainda, do Sindicato dos Fósforos do Porto.

INDÚSTRIA NAVAL

Para amanhã, na Sociedade Incrível Almadense, em Almada, está marcada a realização do Encontro dos trabalhadores da indústria naval. «Por uma política correcta e patriótica para o sector e para a economia nacional» – eis os objectivos, em suma, desta reunião. De acordo com os seus promotores, a resolução dos problemas existentes na indústria naval passa pela criação de um organismo coordenador do sector, pela reorganização técnico-financeira e pela diversificação de mercados.

GREVE

Os oito trabalhadores da fábrica de móveis Bernardino Dias Ribeiro, de Arreigada (Paços de Ferreira) entraram hoje em greve como forma de pressionar a entidade patronal a satisfazer o pagamento dos salários em dívida desde Março último, bem como o subsídio de Natal do ano passado. A greve é total e prolonar-se-á até à resolução do problema.

AMANHÃ E DOMINGO, NO PORTO

Indústrias gráficas e do papel em debate pelos sindicatos

● serão propostas soluções para problemas do sector

Realiza-se este fim-de-semana no Porto o primeiro Encontro Nacional dos Sindicatos da Celulose, Papel, Imprensa, Gráfica e Cartonagem, que «fará o levantamento da situação existente no sector, apontando soluções para os problemas económicos e financeiros», segundo nos declarou um elemento da comissão organizadora.

Centrados num documento base que contempla também aspectos sociais e de organização sindical, os debates mobilizarão cerca de 300 delegados, representando onze sindicatos do sector. O Encontro decorre na Faculdade de Economia do Porto, aguardando-se a presença de duas centenas de convidados.

A iniciativa partiu da Federação sindical das Indústrias Gráfica, de Celulose, Papel e Cartonagem, e insere-se na fase preparatória do 1.º Congresso daquela organização. Trata-se, no dizer da comissão organizadora, do «primeiro grande debate colectivo no sector para dar aplicação às conclusões da Conferência Nacional de Organização Sindical da CGTP-IN».

Nessa perspectiva, avulta uma proposta no sentido da fusão ou integração dos sindicatos daquelas indústrias, reduzindo o seu número para três (zonas norte, centro e sul), bem como a verticalização dos restantes trabalhadores da Imprensa (exceptuando os jornalistas) nesses novos sindicatos. Pretende-se, com esta medida, pôr termo «à indisciplina e mau dimensionamento dos actuais âmbitos geográficos», e conferir «maior capacidade de acompanhamento dos trabalhadores de todas as áreas por parte de cada sindicato».

Ainda no campo organizativo, encaram-se medidas para defesa da unidade e combate ao divisionismo, sindicalização, reforço das estruturas sindicais de empresa e de zona, formação e informação, incentivo ao aproveitamento dos tempos livres, aprofundamento da democracia e aumento da participação dos trabalhadores, maior atenção aos problemas específicos de mulheres, jovens e reformados, desenvolvimento da Federação.

O Encontro fará, como se disse, o levantamento da situação económica dos diversos sectores. A este respeito, o documento-base confere relevo especial às pequenas e médias empresas (largamente predominantes) e ao sector público.

Segundo nos afirmaram elementos da comissão organizadora, é provável que os participantes abordem a problemática inerente à (prevista) adesão ao Mercado Comum. Quanto a este ponto, poderiam surgir fortes reservas, pois as características de equipamento da generalidade das empresas e a sua estrutura económica e financeira impossibilitariam a concorrência com os monopólios dos países da CEE.

Por outro lado, «caíríamos na dependência crescente da Europa dos monopólios no campo tecnológico e científico, que reservariam decerto ao nosso País as unidades fabris menos rentáveis e mais poluentes, tirando partido da mão-de-obra barata, à semelhança do que se passava no tempo do fascismo».

Pontos quentes serão, igualmente, o projecto de lei sindical e a contratação colectiva, muito especialmente o CCTV da Imprensa, objecto de boicote por parte do patronato. A possibilidade de produzir papel de jornal no nosso País e de resolver aspectos respeitantes à Portucel (abastecimentos de matéria-prima, etc.) são outros temas a analisar no Encontro.

PRT agrícola no Norte e Centro vai ser publicada

Segundo uma nota da Comissão Coordenadora dos Sindicatos Agrícolas do Norte e Centro (COSANC) encontra-se para publicação a legislação de trabalho para o sector (PRT) que abrange cerca de 200 mil trabalhadores.

Aquela comissão salienta no comunicado: «Ainda que desconhecendo o seu conteúdo (o que justamente motivou protestos de todos os sindicatos do sector), os trabalhadores agrícolas e resineiros do Norte e Centro do País não podem, desde já, deixar de considerar tal facto como vitória sua e dos seus direitos que, desde Fevereiro de 1976 e pelas mais diversas formas, têm lutado por essa legislação».

A nota da COSANC lembra o facto dos sindicatos agrícolas do Norte e Centro terem decidido, na sua reunião de 2 de Junho, pedir audiências a diversas entidades oficiais para a tarde do próximo dia 29, com a finalidade de uma delegação ser ouvida acerca da necessidade da saída da legislação.

Dado, porém, que se anuncia agora a publicação da PRT, a COSANC decidiu suspender essa iniciativa. Entretanto, «reserva qualquer outra atitude para depois do conhecimento e estudo do conteúdo dessa PRT».

PCP denuncia manobras do patronato do Norte

«Os trabalhadores não lutam por lutar, mas porque só a sua luta decidida e unida consegue obrigar o Governo e o patronato a recuar nas suas ilegalidades e violências» – afirma a DORN do PCP num comunicado em que manifesta a sua solidariedade aos milhares de trabalhadores do Porto em luta contra os despedimentos, em defesa dos postos de trabalho, pelo pagamento de retroactivos, contra a repressão patronal, pelas liberdades sindicais, pelo caderno reivindicativo, pelo cumprimento do CCT, pela publicação ou cumprimento das PRT's, por um salário fixo e pela garantia de trabalho. O PCP refere-se particularmente aos trabalhadores das empresas Uniteca, Jacinto, Real Vinícola, Valfar, Cifa, Abel Alves Figueiredo, SEOP, Fiação de Crestuma, Gráfica Instaladora, Amorim Lage, STCP, Mondego, Beta, Belcor, Soares da Costa, EFACEC e Carvalho e Irmão, e ainda aos pescadores da sardinha.

O PCP «denuncia o carácter ilegal, antidemocrático e concertado da actuação do patronato» e o «conluio e envolvimento do aparelho de Estado, em particular do MT, do Governo Civil do Porto e das forças policiais em acções de repressão», referindo também a afronta que é o recurso do patronato a polícias privadas.

No final do documento, o PCP afirma que o ascenso das lutas reivindicativas tem constituído a resposta «justa e adequada» à política de recuperação capitalista que «tem sido fonte permanente de instabilidade social».

PUB.

ANDAR VENDE-SE — MERCÊS

Novo. 4 ass., 2 c.b., aquecimento central, a 5 minutos do C.F..
Trata o próprio, Telefs. 536363/665534.

PUB.

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul

MOÇÃO

NÃO AO PROJECTO-230/I — GONELHA

Os Reformados dos sectores da Panificação e Doçaria, reunidos em Plenário no dia 6 de Junho de 1979 na sede do Sindicato, repudiam vivamente o projecto/Gonelha por considerarem que é uma das maiores afrontas cometidas aos trabalhadores pois pretende destruir as suas organizações de classe, os Sindicatos, violando a sua independência, regulamentando de forma antidemocrática a sua vida interna, retirando-lhes grande parte das possibilidades de actuarem na defesa dos interesses dos trabalhadores, etc., etc.

Por outro lado, é ilegal, pois contraria a Constituição e as normas internacionais, nomeadamente a Convenção n.º 87, da O.I.T.

Exortam pois todos os trabalhadores a combater firmemente este monstruoso projecto.

— NÃO AO PROJECTO/GONELHA! — PELA LIBERDADE SINDICAL!

Os Reformados

(Aprovada por unanimidade)

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ALHOS VEDROS

LAR DA 3.ª IDADE

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convocam-se todos os sócios da Santa Casa, a estarem presentes na Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 20 de Junho, pelas 21,30 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

I — Reintegração duma trabalhadora

II — Eleição de 2 elementos para a Mesa Administrativa

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Carlos Jorge Oliveira

S. R.

Câmara Municipal do Barreiro

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO
PARA VENDA DE CORTIÇA

A Câmara Municipal do Barreiro faz público que, na sua reunião ordinária realizada no dia 24 de Maio de 1979, deliberou abrir concurso público para venda da cortiça existente nas suas instalações do Vale do Romão e no logradouro anexo ao edifício escolar da Quinta da Lomba, ambas situadas na Freguesia de Santo André, deste concelho.

Assim, pelo prazo de 30 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», recebem-se propostas em carta fechada, para a venda em referência.

As propostas serão abertas na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do citado prazo, perante a Câmara Municipal.

Paços do Concelho do Barreiro, 5 de Junho de 1979

O Presidente da Câmara Municipal
Helder da Silva Nobre Madeira

Governo ainda em funções continua a política de violência contra a Reforma Agrária

Os secretariados distritais das UCP's e Cooperativas Agrícolas do distrito de Évora, Beja e Portalegre exigem a suspensão imedita de todas as acções do Ministério da Agricultura e Pescas na zona da Reforma Agrária, tendo em conta a demissão do IV Governo constitucional.

Em comunicado, os secretariados afirmam que os trabalhadores agrícolas do Sul, depois da demissão do executivo Mota Pinto, manifestam «a sua firme disposição de, com serenidade, e dentro do quadro constitucional, se oporem com vigor e determinação ao prosseguimento das acções de usurpação das terras, gados e máquinas das UCP's e Cooperativas Agrícolas».

Os trabalhadores agrícolas – refere o texto – apelam para os órgãos de soberania, governadores civis, órgãos do poder local e todas as autoridades civis e militares e organizações partidárias democráticas «para que, imediatamente, tomem as medidas que impeçam ao governo demitido de prosseguir a sua acção de vandalismo e destruição».

Depois de fazer apelo à «classe operária e a todos os trabalhadores e democratas para a sua solidariedade em defesa da Reforma Agrária», o documento refere que os trabalhadores agrícolas exigem um inquérito urgente à actuação do MAP e dos SGEF, a revisão de todos os processos das reservas e a revogação da legislação discricionária e inconstitucional sobre cortiça, frutos pendentes e abates de árvores.

Os secretariados afirmam que se põem «como indispensáveis, não apenas ligeiras alterações à Lei Barreto, como pretende o PS, mas a sua suspensão e revogação e a elaboração e aprovação de uma verdadeira lei de bases gerais da Reforma Agrária».

Por último, os trabalhadores agrícolas do Sul, através das suas organizações, reclamam a formação de «um governo democrático que respeite a Constituição, a Reforma Agrária, as nacionalizações e as outras conquistas de Abril e que respeite a vontade democrática do nosso povo, quer se realizem ou não eleições intercalares».

MAIS 30 RESERVAS NOS PLANOS DO MAP

Entretanto, o secretariado distrital de Évora das UCP's e Cooperativas Agrícolas emitiu um outro comunicado onde, além de se insurgir contra as entregas de terras efectuadas nos últimos dias, neste distrito, fala sobre cerca de 30 casos «que estão em curso e que o MAP de Vaz Portugal/João Goulão se prepara para concretizar antes de ser substituído e antes de as alterações à Lei Barreto estarem promulgadas».

Neste documento refere-se, ainda, «o comportamento indesculpável de alguns oficiais da GNR», exigindo-se a suspensão dos mesmos, e afirma-se, quanto ao IV Governo constitucional, que «faltando-lhe agora a legitimidade democrática e o apoio político necessário (...) não reconhecemos ao MAP (...) qualquer capacidade de prosseguir e muito menos apressar e agravar a sua ofensiva contra a R.A.».

PCP CONDENA «POLÍTICA DESPÓTICA»

Entretanto, em nota do seu Comité Central, o Partido Comunista Português condena energicamente a «política despótica, arbitrária, ilegal e inconstitucional» do Governo ainda em funções.

O PCP reclama «que cessem imediatamente as arbitrariedades e violências contra os trabalhadores, suas organizações de produção – as UCP's e Cooperativas – e que se estabeleça um clima de respeito pela legalidade constitucional, pelos direitos dos trabalhadores e pelos interesses nacionais; que cessem as entregas ilegais de terras, gados, máquinas e outros bens e seja respeitada a viabilidade económica das UCP's e Cooperativas e asseguradas aos trabalhadores da Reforma Agrária condições de segurança para continuarem o seu trabalho produtivo e patriótico».

O PCP defende o cumprimento das decisões do Supremo Tribunal Administrativo que anularam medidas do MAP e faz notar que o Governo ainda em exercício «procura aproveitar os últimos dias para levar ainda mais longe a sua raivosa ofensiva contra as UCP's e Cooperativas».

Em vez dos técnicos os soldados da Guarda...

No último colóquio do ciclo organizado pela Associação de Estudantes do Instituto Universitário de Évora sob o tema «A economia portuguesa depois de 25 de Abril de 1974», o economista Carlos Carvalhas sublinhou o facto de o aparelho de Estado vir a negar qualquer forma de apoio à Reforma Agrária e «de em vez de fornecer às cooperativas os técnicos de que elas necessitam, lhes mandar os soldados da GNR, que nada sabem de agricultura».

Carlos Carvalhas recordou que existe na Universidade de Évora «um excelente laboratório de análise de solos, mas esse laboratório não tem sido posto ao serviço das UCP's e cooperativas agrícolas».

EM PEDRAS RUBRAS

Filomena "voava"

PORTO, 15 – Encontra-se em Custóias uma mulher cuja identidade não foi revelada (sabe-se apenas que se chama Filomena e ser natural da Póvoa de Lanhoso, onde nasceu há 56 anos), detida na tarde da passada quarta-feira pela Guarda Fiscal, no Aeroporto de Pedras Rubras, na altura em que se preparava para viajar no voo «AF-505» com destino a Paris. Era portadora de cerca de 2.500 contos (173 mil francos franceses e 305 contos) que levava num saco de mão. Segundo a detida, o dinheiro destinava-se à compra de um imóvel.

Entretanto, a GF afirma tratar-se de um caso de tráfico de divisas, já que Filomena é reincidente em crimes deste tipo.

FORTSCHRITT

ESTAMOS NA FEIRA DE SANTARÉM

Ceifeiras debulhadoras

Robustez, qualidade, economia.

Medalha de Prata no Salão Internacional de Paris de 1977

Distribuidor Exclusivo para Portugal

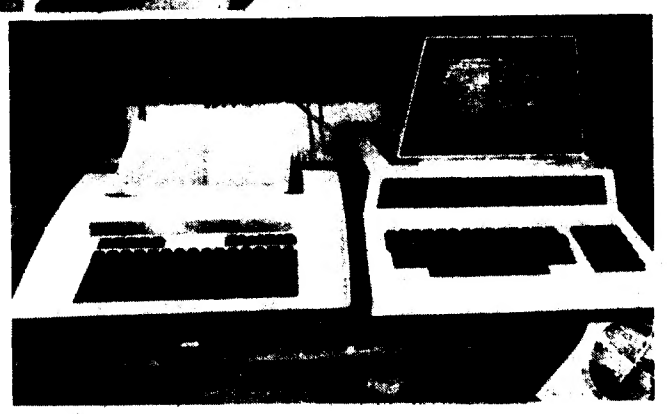
C. D.COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS AGRO-PECUÁRIOS, SARL

Rua Brancamp, 66, 1.º Dt.º – Telef. 57447/574522/44590

PUB.

SORUBAL, S. A. R. L.

Rua General Pimenta de Castro, 15-8.º (à Av. Frei Miguel Contreiras) — 1700 LISBOA
Telefs. 89 65 55 (Ansafone 24 h/dia)/76 65 48 — Telex 16640 CAB TX P (Atenção Sorubal)
Stand 562 Pavilhão 4 na Feira Internacional de Lisboa



RADIOTELEFONES para fins recreativos (amador e banda do cidadão), marítimos e comerciais.
Grande variedade de acessórios/materiais para telecomunicações

MICROCOMPUTADORES, periféricos e respectivos programas para todas as aplicações

Representantes/Distribuidores:

ICOM, STE, Microwave Modules, Jaybeam Zetagi, VHF Engineering, Antenna specialists, Atlas, CDE, Cushcraft, Drake, Gold Line, Hy-Gain, Quartslab, Tele-Connect, Ten-Tec, Times Wire & Cable, General Electric e dos computadores PET, Sorcecer e North Star

Pub

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do n.º 2 do Art.º 25.º dos Estatutos, convoca-se a Assembleia Geral Extraordinária para o dia 28 DE JUNHO DE 1979, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

— Consulta sobre a adesão ou não à UGT

— Clarificação da posição dos Trabalhadores Bancários relativamente à CGTP/IN.

Esta Assembleia Geral realiza-se a requerimento da Direcção e conforme proposta de deliberação desta, aprovada na reunião do Conselho Geral de 28 e 29 de Maio p.p., transcrita no comunicado do Conselho Geral n.º 1/79, de 30/05/79.

MESAS DE VOTO

1. Funcionarão mesas de voto, no âmbito das Secções de Empresa: nos locais de trabalho com mais de 100 associados.

1.2 No âmbito das Secções Regionais: nas instalações da secção e nas localidades com mais de 100 associados.

2. Funcionarão ainda mesas de voto num local apropriado em Lisboa, a designar oportunamente, onde votarão todos os associados que não constem nos cadernos eleitorais distribuídos pelas diversas mesas de voto a funcionar nos locais de trabalho, da área de Lisboa, inclusive, os colegas que se encontram em situação de reforma.

3. Os associados das Secções Regionais cuja localidade de trabalho não atinja os 100 associados nas instalações da Secção Regional respectiva.

HORÁRIO DA VOTAÇÃO

A Assembleia Geral e a Assembleia da Secção terão início às 8 horas e encerrarão às 22 horas.

As urnas instaladas nos locais de trabalho abrirão trinta minutos antes e encerrarão sessenta minutos depois, respectivamente do começo e do termo do período normal de trabalho.

Lisboa, 6 de Junho de 1979

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

António Alves da Fonseca

CONGRESSO DO PSD

Sociais-democratas mais moderados em relação ao PR

A posição a adoptar pelo Congresso do PSD perante o presidente da República poderá ser não tão dura como a princípio se anunciava e como propunha o presidente do partido, Francisco Sá Carneiro.

Uma reunião realizada na passada terça-feira entre os proponentes de seis das sete moções de estratégia que foram apresentadas nos prazos estabelecidos, permitiu alcançar um consenso que se traduzirá na apresentação de uma moção de síntese ao Congresso do próximo fim-de-semana, que se realiza no cinema Roma, em Lisboa.

A moção será subscrita por Paulo Portas, Matos Oliveira, Helena Roseta, José Vitorino, Meneres Pimentel e Alberto João Jardim, que encabeçavam as listas de promótores das moções que se fundiram. O texto de consenso adopta, em relação ao Presidente da República, a posição moderada de Meneres Pimentel, até agora presidente da Comissão Política do PSD.

Apesar de continuarem a existir algumas divergências entre os subscritores das propostas, que serão decididas pelo Congresso, entre outros pontos de acordo, pode-se salientar o mandato a atribuir à direcção política que for eleita para negociar um acordo governamental com o CDS, depois das eleições legislativas intercalares.

Sobre o Presidente da República, a ser eleito em 1980, a moção-síntese defende que ele deve ser um civil, ou um militar que não possa acumular as suas funções com as de chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

LISTAS ÚNICAS

Entretanto, e de acordo com informações do PSD, foram apresentadas listas únicas para os órgãos estatutários do partido, a eleger no Congresso. Para presidente o nome é, evidentemente, o de Francisco Sá Carneiro. À frente da Comissão Política passa a estar Leonardo Ribeiro de Almeida (que substituirá Meneres Pimentel), enquanto que o cargo de secretário-geral deverá ser preenchido por António d'Orey Capucho, que substitui Amândio de Azevedo. Este, com Ângelo Correia, Carlos Macedo, Francisco Pinto Balsemão, Helena Roseta, Tomaz Oliveira Dias, Eurico de Melo, António Cabecinha, José Manuel Barradas e Mário Adegas, fará parte da Comissão Política.

O Conselho de Jurisdição Nacional será presidido por António Sande Lemos, enquanto a Mesa do Congresso tem como presidente Nuno Rodrigues dos Santos e como vice-presidente Alberto João Jardim e Montalvão Machado.

CC DO PCP SOBRE O MOMENTO POLÍTICO

"A questão central é encontrar uma rápida saída para a crise"

«A questão central da vida política portuguesa no momento presente consiste na necessidade de se encontrar uma rápida saída para a crise governamental» – afirma o Comité Central do PCP num documento de oitocentas palavras emitido no final de uma reunião plenária realizada anteontem em Lisboa. O CC do PCP emitiu ainda uma nota sobre a situação na zona de intervenção da Reforma Agrária e uma resolução convocando para Outubro deste ano uma conferência sobre o Poder Local.

Para a direcção comunista colocam-se duas alternativas democráticas para a crise: a primeira é a «formação de um Governo com as características fundamentais de um governo democrático»; a segunda, é «a convocação de eleições intercalares».

Expondo a primeira proposta diz o documento:

«A experiência demonstra que um tal governo para contribuir para a estabilização da situação e a solução dos mais graves problemas nacionais terá que basear a sua actuação no respeito pela Constituição e a ordem democrática, na defesa das conquistas da Revolução – as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo de gestão – no diálogo e no apaziguamento abstendo-se de interferir nas zonas mais conflituosas da nossa sociedade, rectificando os erros essenciais dos governos anteriores, assegurando uma gestão eficiente dos negócios correntes do Estado.»

«O CC do PCP entende que há condições políticas e sociais, designadamente a existência duma maioria de deputados socialistas e comunistas na Assembleia da República, para viabilização de um governo com estas características essenciais, que corresponde às exigências do amplo movimento popular que se levantou contra a actuação do Governo Mota Pinto.»

«O PCP reafirma a sua disponibilidade para examinar esta proposta com o Presidente da República (a quem cabe a decisão da escolha de um novo primeiro-ministro) e com os partidos, especialmente com o PS, outras forças e sectores políticos interessados numa tal solução» quanto à segunda alternativa, «a não ser possível dar concretização à formação de um governo democrático, o PCP encara como saída constitucional legítima **a segunda alternativa que se apresenta** – isto é, **a convocação de eleições intercalares** nos moldes e nos termos constitucionalmente estabelecidos». E o documento acrescenta: **«A concretização desta saída para a crise pressupõe a antecipada solução da questão do governo de gestão** que ficará em funções até ao acto eleitoral e intervirá na sua preparação.»

«Se esta alternativa se impuser, o PCP reafirma estar pronto a examinar com o Presidente da República e com os partidos, forças e sectores políticos interessados todas as questões que se prendam com a formação de um governo de gestão designadamente a sua composição e programa de actuação.»

«O CC do PCP adianta desde já que **as atribuições dum governo de gestão se devem restringir estritamente à preparação do acto eleitoral e à gestão corrente dos negócios de Estado** e que a sua composiçao tem obrigatoriamente que **dar garantias de isenção e imparcialidade, de respeito pelas regras do comportamento democrático, de forma a assegurar a completa igualdade a todos os partidos concorrentes às eleições.»**

A tarminar o CC do PCP refere-se em termos ásperos à posição do PS que acusa nomeadamente de com uma «sistemática recusa em encarar uma solução governativa baseada no acordo entre o PS e o PCP» e com « a iniciativa da direcção do PS de fazer votar na Assembleia da República (hoje) o celerado projecto Gonelha de destruição do movimento sindical e favorecer e encorajar a estratégia das forças reaccionárias».

«CRIMINOSA OFENSIVA» – DIZ O PCP

«Criminosa ofensiva», assim classifica o PCP, numa nota do seu Comité Central, ontem divulgada, a mais recente actuação do Governo (exonerado) de Mota Pinto no domínio da Reforma Agrária.

O PCP refere-se à entrega, considerada «ilegal e arbitrária», de «terras, gados, máquinas e outros bens a agrários sabotadores», e diz que «no Alentejo e no Ribatejo vive-se uma situação de terror e repressão. Dezenas de trabalhadores são espancados, insultados, revistados e presos».

«O MAP (...) pretende impedir as UCP's e Cooperativas de recolherem os frutos pendentes no valor de muitos milhares de contos» – assegura o PCP, salientando o facto de as entregas serem efectuadas nesta altura do ano.

O texto fala de alguns casos concretos, designadamente a UCP Revolucionária de Saõ Romão (Reguengos), UCP, Nascer do Sol (Reguengos), e Cooperativa Coopaminé (Beja).

«O Governo exonerado exorbita os seus poderes» – lê-se no texto, a dado passo.

CONFERÊNCIA SOBRE O PODER LOCAL

A convocação, para Outubro, de uma conferência do PCP relacionada com o Poder Local prende-se directamente com as eleições autarquicas que decorrerão em Dezembro, deste ano.

Segundo o CC do PCP «torna-se necessário recolher, de uma forma sistemática, as experiências do trabalho efectuado, definir orientações para o trabalho futuro e dinamizar o trabalho eleitoral no quadro da APU». Além disso, diz ainda a resolução da direcção comunista, «uma grande iniciativa de massas na proximidade das eleições para as autarquias contribuirá para a mobilização de todo o partido para o trabalho eleitoral, para a divulgação das realizações das autarquias com maior influência da APU e para o aprofundamento de orientaçẽs, na perspectiva das acrescidas responsabilidades que certamente iremos assumir após as eleições». A conferência foi marcada para Outubro, nada se adiantando ainda sobre o local.

Universidade de Caracas não quis ouvir o prof. Adriano Moreira

Uma palestra que o prof. Adriano Moreira deveria ter proferido na sexta-feira passada, na Universidade Simão Bolívar, de Caracas, não se realizou em virtude de a direcção dos Institutos de Ciências Políticas ter rejeitado a sua presença, segundo afirmou à ANOP, em Caracas, o professor Joaquim Marta de Sousa, filho de portugueses radicados na Venezuela e professor de Ciências Políticas naquele Instituto.

O professor Marta de Sousa, que já foi membro do Congresso de Deputados da Venezuela por três vezes, as duas primeiras pela COPEI, o partido social-cristão e a última pelo Movimento ao Socialismo (MAS), solicitado a indicar a causa principal que levara à rejeição da presença do professor no referido Instituto, disse que «a direcção teve conhecimento que o professor Adriano Moreira teve íntimas ligações com a política internacional de Salazar», acrescentando que «embora reconhecendo os méritos intelectuais do professor Adriano Moreira a direcção considerou não ser conveniente a sua presença no Instituto de Ciências Políticas nem tão pouco que desse a sua palestra».

Disse ainda que alguns docentes e discentes do Instituto – um dos departamentos da Universidade Simão Bolivar – manifestaram o seu desagrado pela possível presença do professor Adriano Moreira, e que «as pessoas com ideias conservadoras têm muitos outros lugares onde falar».

Outro dado significativo do prestígio do professor Adriano Moreira e das ideias que representa é o facto de que, das treze associações de portugueses radicados na Venezuela – duas em Caracas, três em Valência, uma em Maracay, Barquisimeto e Maracaíbo, duas em Porto Ordaz e uma em Cidade Bolívar, El Tigre e Cumana – apenas uma, o Centro Português de Caracas, o ter convidado para estar presente nestas comemorações.

Hoje, amanhã e domingo

Festa da Alegria em Braga não cobra bilhete às crianças

Festa da Alegria – esta a designação do convívio de três dias (hoje, amanhã e domingo) que a Comissão Distrital do PCP organiza em Braga, no Parque Municipal de Exposições.

O programa geral da Festa da Alegria, que inclui exposições, colóquios, teatro, cinema e desporto, proporcionará a apresentação, em três palcos, de mais de cinquenta artistas nacionais, oito grupos folclóricos, bandas de música e fanfarras, «zés-pereiras» e palhaços.

Domingo de manhã, a Festa da Alegria será especialmente dedicada às crianças, cuja entrada é gratuita.

Atente-se, ao longo dos três dias, no conjunto francês de «jazz-rock» denominado «Bejda Brecht», que apresentará um tipo de música que conta com numerosos adeptos entre as camadas juvenis – e não só...

Na parte desportiva, salienta-se a I Festa da Alegria, com dez taças em disputa, «defrontando-se» as cidades de Guimarães e Braga durante a manhã de domingo.

Nomes de alguns dos artistas presentes na festa:

José Viana, Manuel Freire, Brigada Victor Jara, Carlos Mendes, Samuel, José Jorge Letria, Dora Leal, Manuel Branco, Nuno Gomes dos Santos, Carlos Moniz e Maria do Amparo, «Trovante», Fernando Tordo, Carlos Paredes, etc.

Um parque de campismo funciona junto ao recinto da Festa da Alegria.

NA FEIRA DE SANTARÉM VEJA OS TRACTORES BELARUS

NA PRÓXIMA SEGUNDA-FEIRA

Vance assina em Lisboa acordo sobre as Lajes

O secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance chega a Lisboa no próximo dia 18, para proceder à troca de notas que formaliza o acordo luso-americano para utilização da base das Lajes, nos Açores, que será discutido no Congresso americano no próximo mês de Outubro.

O acordo, em cuja assinatura estará também presente o presidente do Governo regional dos Açores. Mota Amaral, põe fim a dois anos de negociações e traduz-se, para Portugal, numa contra partida de 140 milhões de dólares, em auxílio económico e militar. Parte deste montante será aplicado nos Açores, para o arranque de vários projectos de desenvolvimento. No campo militar também não se conhecem pormenores da contrapartida portuguesa, mas Joseph Luns, secretário-geral da NATO anunciou durante uma recente estadia em Lisboa que os Estados Unidos fornecerão a Portugal caças «F-5E», no âmbito dos acordos.

O anterior acordo luso-americano expirou em 1974, e desde aí a presença das forças americanas nos Açores tem sido tolerada pelas autoridades portuguesas.

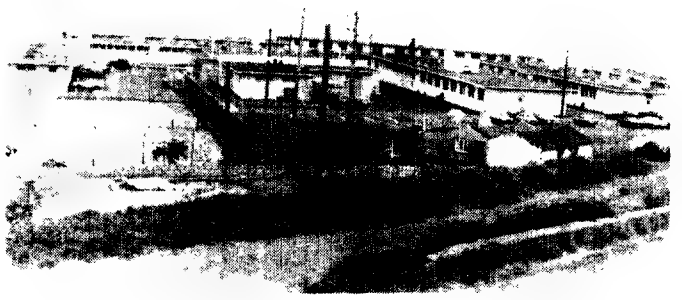
Em 1977 recomeçaram as negociações para a substituição do anterior acordo, assinado em 1951, negociações que só agora terminaram.

Nas Lajes, só existe uma base aérea, que é a portuguesa BA-4, mas que é compartilhada pela Força Aérea norte-americana, que tem cinco vezes mais soldados que os portugueses.

Ali estacionam normalmente uma esquadrilha de busca e salvamento P-3, além de outras estruturas de apoio ao abastecimento e escala de aviões dos Estados Unidos que viajam de e para a Europa.

O aeroporto das Lajes surgiu nos princípios dos anos 40, em plena guerra. Em 1943 os ingleses construíram uma pista de terra batida, coberta com placas metálicas para a aterragem dos seus aviões. No ano seguinte a «US Air Force» começou a utilizar também a pista, transferindo-se, depois de desinteligências com os britânicos, para a ilha de Santa Maria, onde construíram o actual Aeroporto Internacional. Em 1946 regressaram às Lajes, onde se têm mantido até hoje.

Foi então estabelecido um acordo com o Governo português, que criou o comando da Zona Aérea dos Açores. Esta é comandada por um brigadeiro da FAP, mais antigo que o comandante das forças americanas ali estacionados que tem igual patente.



Em caso de conflito internacional a base das Lajes é comandada pelo oficial general português, que hoje é também comandante do Comando Aéreo dos Açores.

A ocupação americana da base das Lajes tem trazido alguns problemas internacionais para Portugal. Nomeadamente durante a Guerra dos Seis Dias, entre Israel e os povos árabes, a base serviu para o reabastecimento das Forças Armadas israelitas, perante os protestos do mundo árabe. Ainda recentemente estiveram em escala nas Lajes fuzileiros norte-americanos com destino ao Irão, ao que se alegou então para protecção das instalações diplomáticas dos Estados Unidos, que foram proibidos de passar por Espanha.

Actualmente, a base das Lajes emprega perto de mil e quinhentos portugueses, ao passo que tem seis mil americanos como residentes. As instalações de apoio dos americanos são muito completas incluindo bares, «dancings», campos desportivos, emissores de TV a cores e, mesmo, uma Universidade.

Nobre da Costa não quer voltar a S. Bento

O eng. Nobre da Costa, antigo primeiro-ministro e personalidade cujo nome alguns sectores políticos adiantam como conveniente para ocupar de novo esse cargo, declarou em entrevista ao «Primeiro de Janeiro» que não aceitaria qualquer convite para voltar a S. Bento.

As declarações de Nobre da Costa surgem na sequência de outras proferidas pelo ex-PSD Sousa Franco, que no final de uma audiência com com o Presidente da República afirmou que Nobre da Costa seria «uma excelente solução» para primeiro-ministro, de um quinto Governo que, se Eanes o solicitar, poderá ser apoiado pela Associação Social Democrata que estes deputados dissidentes do PSD acabam de formar.

Na opinião de Sousa Franco e dos seus colegas, a realização de eleições intercalares, com os restantes actos eleitorais previstos, «condenariam o País a mais ano e meio de instabilidade política».

Sousa Franco defendeu um executivo apoiado por socialistas e sociais-democratas, ou por socialistas, sociais-democratas e centristas.

V Governo volta a ser de iniciativa presidencial?

Um V Governo de iniciativa presidencial mas, desta vez, com apoio parlamentar maioritário, vai ser provavelmente a saída para a crise governamental. Esta hipótese reforça-se no actual cenário parlamentar onde as relações entre socialistas e comunistas atravessam um período de tensão,enquanto os deputados sociais-democratas independentes recusam assumir qualquer acordo sem o beneplácito de Belém. Carecendo do concurso de uma destas forças políticas, o PS não dispõe de base suficiente para constituir Governo,o que, mais uma vez, entrega a condução do «jogo» a Belém.

Partindo do reconhecimento desta situação, e pretendendo evitar a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições intercalares, os socialistas estariam na disposição de alinhar numa terceira iniciativa governamental presidencial,autorizando a participação de militantes no novo gabinete ministerial. Na sua última reunião a Comissão Directiva terá aprovado os tópicos do que serão as condições dos socialistas para apoiarem um Governo deste tipo e as quais passam pela correcção da política que vem sendo seguida nos domínios da Comunicação Social e da Reforma Agrária, por alterações no sector da administração pública e pelo retorno às teses económicas dos I e II governos constitucionais. Um documento final, contendo estes e outros itens, está presentemente a ser elaborado e deverá ser entregue ao Presidente da República na próxima audiência com Mário Soares.

Da parte de Belém, entretanto, não é de prever qualquer gesto esclarecedor antes da divulgação dos resultados do Congresso do PSD, que amanhã principia em Lisboa. Um dado importante será a posição que o Congresso assumir face ao Presidente da República, numa altura em que, juntamente com o CDS, os sociais-democratas de Sá Carneiro defendem a dissolução do Parlamento e a realização de eleições em Outubro.

Diversos observadores apontam para a possibilidade do PSD vir a adoptar uma posição de maleabilidade, não apenas no que diz respeito à Presidência da República mas também no plano dos entendimentos partidários. Assim, para além do acordo que se prevê que seja assinado antes do fim do mês com o CDS e o PPM, que terá incidência governativa, julga-se provável que os sociais-democratas venham a defender a abertura do bloco a constituir com centristas e monárquicos e dissidentes do PS, designadamente ao bloco reformador de Medeiros Ferreira e António Barreto e a personalidades próximas como Vítor Cunha Rego. Em relação ao PS é igualmente provável que não sejam fechadas todas as portas tendo em vista uma possível relacionação nas eleições do fim do ano para as autarquias locais e na revisão constitucional que o PSD pretende executar antes dos prazos previstos.

Neste cenário, o Comité Central do PCP reafirmou,entretanto, a posição dos comunistas em termos de duas alternativas: uma primeira, passando pela formação de um V Governo de base democrática; uma segunda apontando para a realização de eleições intercalares caso falhem os entendimentos necessários à concretização da primeira.

Navios de guerra da RFA no porto de Lisboa

Deram esta manhã entrada no porto de Lisboa, para uma estadia de quatro dias, o aviso «Lahn» e os submarinos «U 16» e «U 29», da Armada da República Federal da Alemanha.

Os submarinos, de propulsão convencional, foram especialmente construídos para operarem nas águas baixas do mar do Norte e do mar Báltico. O aviso serve de apoio aos submarinos, abastecendo-os de combustível, água e mantimentos.

Os navios regressam de uma viagem ao Mediterrâneo, onde realizaram várias experiências técnicas. São comandados pelo capitão-tenente Guenther Bruck, segundo comandante da terceira esquadra dos submarinos da Armada da RFA.

© — Livros do Brasil/College Trustees

—Sabe uma coisa, sr. Marlowe? Nós vivemos numa época extraordinária. Por uns parcos quinhantos dólares eu podia ferrá-lo no hospital com vários ossos partidos. É engraçado, não acha?

—Tem pilhas de graça—respondi-lhe.—O senhor dá as suas picadinhas nas veias, não dá? E caramba, se o animam!

Quando eu ia mesmo a sair ele gritou-me:

—*Hasta luego, amigo.* E não se esqueça dos dez dólares que tem de pagar à enfermeira.

Na sala de espera estava outra dúzia de pessoas com o mesmo ar inconfortável.

—Dez dólares, sr. Marlowe. Neste consultório paga-se no momento da consulta.

Eu continuei a andar. Ela pulou da cadeira e contornou a secretária. Eu abri a porta.

—Que acontece quando se não paga?

—O senhor verá o que acontece—disse-me com um ar zangado.

—Está bem. Você está a cumprir o seu dever. E eu também. Dê uma olhadela ao cartão que eu lhe deixei em cima da secretária e saberá qual o meu ofício.

Eu saí. Os doentes na sala de espera ficaram a olhar-me com indignação. Não eram maneiras de tratar o doutor.

18

O dr. Amos Varley era de um género muito diferente. Tinha uma casa antiga e grande metida dentro de um jardim antigo, sombreado por velhos, enormes carvalhos. Velhinhos com um aspecto delicado estavam sentados na varanda, em cadeiras de repouso com cobertores sobre as pernas.

A entrada tinha portas duplas. O *hall* era grande e fresco e o chão estava perfeitamente encerado e não tinha um único tapete. Altadena é muito quente no Verão. Há oitenta anos as pessoas sabiam construir casas para este clima.

Dei o meu cartão a uma enfermeira e depois de algum tempo de espera o dr. Amos Varley consentiu em receber-me.

119

Este, é o nosso cartão de visita.
Trabalhamos na vanguarda da técnica.
Representamos marcas de prestígio internacional.
Os nossos profissionais estão aptos a responder com eficiência à montagem, e assistência técnica de todo o material de comunicação.

Comunique connosco.
Trabalhamos para o servir.

CARTIL

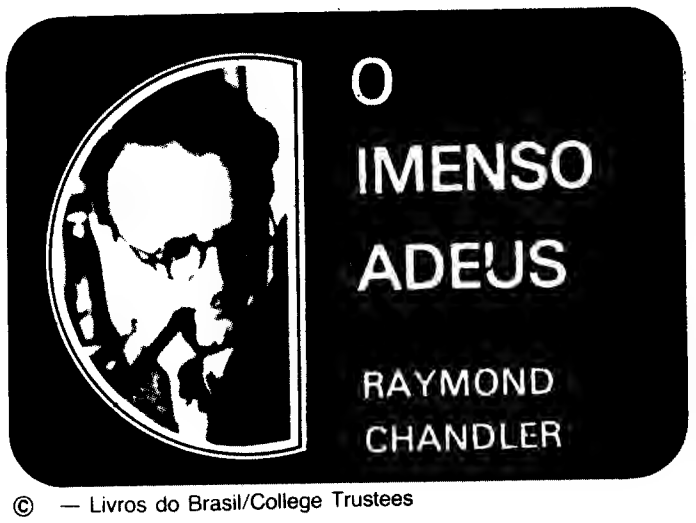
Radiotelefones Fixos, Móveis e Portáteis de VHF e UHF
Antenas e Acessórios para Radiocomunicações.

Praça Olegário Mariano, 5 - 2.º Dt.º, Telefone 82 58 00 - 1100 LISBOA

Europa 04/79

ct
FÉRIAS de VERÃO
•TRÓIA
•MONTECHORO
•AQUAZUL
•AÇOTEIAS
•COSTA BRAVA
•COSTA DEL SOL
•MAIORCA
•MENORCA
•IBIZA
•AÇORES
•MADEIRA
faça férias
Capristanos
Av. Duque de Loulé 47 A - 1000 LISBOA T 560171
R. Mouzinho de Albuquerque 47 8500 PORTIMÃO - T. 23136/7
R. de Santa Catarina 500 - 4000 PORTO T. 20208/24571
Terminal - Centro Comercial do Rossio - Loja 101/2 - 1200 LISBOA T 368164/368131/371695

União Soviética
Programa A — 8 dias
visitando MOSCOVO E LENINEGRADO
Partidas: 24/7; 28/8; 4 e 18/9; 2/10
Programa B — 8 dias
visitando MOSCOVO, TASHKENT, BUKHARA E SAMARCANDA
Partida: 7/8
Programa C — 15 dias
visitando MOSCOVO, TALLINN, LENINEGRADO, VLADIMIR e SUZDAL
Partidas: 14/8 e 4/9
TUDO INCLUÍDO: avião, hotel, refeições, visitas e acompanhamento guia abreu
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundado em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO.
LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs. 27011/2
FARO Av. da República, 124 Telefs. 28035/6
FUNCHAL Rua do Gorguilho, 1 Telefs. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



© — Livros do Brasil/College Trustees

Era um tipo alto, completamente calvo, com um sorriso bem disposto. Trazia uma bata branca limpíssima e caminhava silenciosamente sobre sapatos de solas de crepe.

—Em que lhe posso ser útil, sr. Marlowe?

Tinha uma voz cheia mas doce, a voz própria para aliviar a dor e consolar a aflição. Devia ser maravilhoso e duro de roer.

—Doutor, procuro um homem chamado Wade, um alcoólico com dinheiro que desapareceu de casa. Pelo que já lhe tem acontecido no passado fomos levados a pensar que ele deve estar metido num sanatório qualquer para tratamento. Tudo o que sabemos é que o nome do médico começa por um V. O senhor é o terceiro que procuro e começo a perder a esperança.

Ele riu com um ar benévolo:

—Só o terceiro, sr. Marlowe? Certamente que há pelo menos uns cem médicos nos arredores de Los Angeles cujos nomes começam por V.

—Tem toda a razão, mas nem todos têm janelas com grades. Reparei que o senhor tinha umas quantas no primeiro andar.

—Velhos—disse o dr. Varley com tristeza.—Velhos sem amparo, deprimidos e com desgostos, sr. Marlowe. Por vezes... —e fez um gesto expressivo com a mão, uma pausa e deixou cair a mão como se fora uma folha morta caindo por terra. —Aqui não se tratam alcoólicos—acrescentou.—E se me permite eu agora...

—Desculpe, doutor. Acontece que o senhor estava na nossa lista. Trata-se, muito provàvelmente, de um engano. Parece que o senhor teve há anos um sarilho com a Fiscalização dos Narcóticos.

—Fiscalização dos Narcóticos?—Fez uma expressão perplexa mas logo em seguida disse:—Ah, tem toda a razão. Foi um assistente que trabalhou comigo durante uns tempos e abusou miseràvelmente da minha confiança.

120

Conferência da UNCTAD: um malogro

O «grupo dos 77» analisou os resultados da quinta Conferência da UNCTAD e soube-se que os países em desenvolvimento têm a impressão de que, nas negociações entre nações ricas e pobres, se verificou uma alteração.

Assim, o chamado diálogo Norte-Sul, iniciado em 1974, tem como meta uma nova ordem económica mundial, mas agora recriminam-se abertamente os países industrializados por nada terem oferecido nas negociações.

O «Grupo dos 77» apresentou um amargo balanço da Quinta Conferência de Comércio e Desenvolvimentodas Nações Unidas (UNCTAD).

Numa declaração dada ontem a conhecer, depois de uma reunião à porta fechada, acentua-se que, entre os países em desenvolvimento, é unânime a opinião de que a conferência foi um fracasso.

Descubra os encantos da Grã-Bretanha!

A relva verde do Parque St. James, sobre a qual marcham os guardas em túnicas escarlates. O sol faiscando sobre o latão dos capacetes e das couraças da cavalaria. Os flancos brilhantes das suas montadas pretas.

Este apenas um dos atractivos da capital mais linda da Europa: Londres.

Venha visitá-la este ano.

A cidade mais animada da Europa

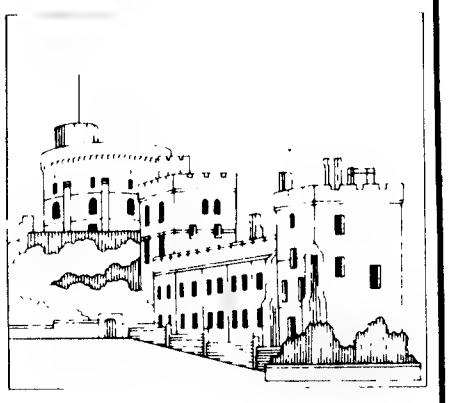
Mas Londres oferece-lhe muito mais do que a tradição. De dia, poderá passear nos parques maravilhosos — Londres é a cidade do mundo com mais espaços verdes. E poderá visitar catedrais, palácios e velhas mansões tais como a do Duque de Wellington. Lojas maravilhosas, museus esplêndidos dedicados à arte, antiguidades, marinha, peças militares, bonecas antigas — encontra de tudo em Londres. Dê um passeio fluvial até Greenwich, partindo de Piccadilly Circus dê uma volta à cidade, no segundo andar dum autocarro vermelho. Em Londres, ninguém se maça! Seja qual for a idade ou os seus gostos, Londres à noite oferece-lhe mais do que qualquer outra cidade europeia: concertos ao ar livre, luna-parques e discotecas bem como uma imensa escolha de restaurantes.

A Beleza única das Regiões Campestres

Enquanto estiver na Grã-Bretanha, assegure-se de que não perde a visão única do verde dos seus campos.

A menos de uma hora de Londres, deparará com verdadeiros tesoiros históricos:

Monumentos da mais remota antiguidade, mansões aristocráticas, castelos famosos como o de Windsor, residência de campo da Raínha, velhos palácios e aldeias pitorescas. Descubra a Grã-Bretanha este ano e



viva as suas férias mais interessantes de sempre.

Envie este cupão para: Apartado 2133 1033 Lisboa Codex

É favor enviar-me o catálogo de férias do BTA

Nome

Morada

DL/79

BRITAIN

Num horizonte mais vasto, uma casa para si.

Em Lisboa, desafogo de horizonte - grande espaço interior - conforto - qualidade total.
A 200 metros do Largo da Luz, junto à Circular do Campo Grande,
uma casa para si. Visite agora a Torre 2.

Uma realização Gogel Sociedade Geral de Empreitadas Lda

Quinta da Luz

publinter

EUROPA

Primeiro encontro Brejnev-Carter

Os chefes de Estado dos EUA (James Carter) e da URSS (Leonid Brejnev) encontram-se hoje pela primeira vez num imponente palácio vienense, no começo da histórica «cimeira» que culminará na segunda-feira próxima com a assinatura do segundo acordo sobre limitação de armas estratégicas (SALT II). O encontro de hoje será meramente protocolar. Só amanhã de manhã se efectuará o primeiro encontro de trabalho entre os dois estadistas, que viajam acompanhados dos seus ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa.

O presidente dos EUA chegou ontem à noite a Viena e declarou à chegada ao aeroporto que formulava votos no sentido de este tratado vir a permitir o alargamento e o reforço da cooperação e compreensão entre os EUA e a URSS.

Por sua vez, o órgão oficial do PCUS, «Pravda», escrevia hoje que a cimeira de Viena assume uma importância particular para a causa da paz e do desarmamento, sublinhando que a situação internacional no seu conjunto depende em grande medida do modo como se desenvolverem as relações entre Moscovo e Washington.

Enquanto isto, destacadas personalidades da ciência e da religião reuniram-se neste fim-de-semana em Estocolmo para discutirem problemas do desarmamento e do desanuviamento. No final da reunião foi salientada a importância do encontro de Viena.

A versão definitiva do tratado que os dois chefes de Estado vão assinar na segunda-feira necessitou de 2031 dias de negociações e compreende cerca de 80 páginas e vários apêndices, tendo sido rubricado na quinta-feira da semana passada em Genebra. Substituirá o tratado SALT I, assinado em Março de 1972 entre Gerald Ford (presidente dos EUA na altura) e Brejnev, em Vladivostock.

Nos termos deste acordo, até 1985 qualquer dos signatários não poderá dispor de mais de 2400 foguetões e bombardeiros internacionais.

O tratado terá de ser ratificado pelos parlamentos de ambos os países.

Após o seu primeiro encontro de hoje, Carter e Brejnev visitarão juntos o presidente da Áustria, Rudolf Kirchschlaeger, e depois avistar-se-ão com o chanceler Bruno Kreisky.

Segundo se espera, Brejnev assistirá esta noite com o casal Carter à estreia de uma ópera de Mozart na Ópera de Viena.

● O PRIMEIRO-MINISTRO ITALIANO Giulio Andreotti, chega hoje a Londres para o seu primeiro encontro com a senhora Margaret Thatcher, desde que foi nomeada, há um mês, chefe do governo britânico. Andreotti partiu já de avião de Roma, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Arnaldo Forlani.

● O GOVERNO BRITÂNICO apresentou na quarta-feira passada o seu orçamento, o qual inclui reduções dos impostos de rendimento e que foi elaborado sob uma perspectiva antagónica à da anterior Administração britânica.

Conversações em Chipre

Começam hoje em Nicósia conversações entre delegados das comunidades grega e turca de Chipre, para tentar acordar uma solução para o problema da ilha.

O local de reunião é num posto de Comando das Nações Unidas, em Ledra, na zona-tampão que separa as duas zonas cipriotas.

O subsecretário da ONU, Javier Perez Decuellar, que chegou ontem à ilha, presidirá à conferência.

As conversações destinam-se prioritariamente a elaborar uma constituição federal para a República de Chipre e a determinar o terreno a ser administrado por cada uma das comunidades.

AMÉRICA

Somoza bombardeia Manágua e mata nove mil pessoas

Morreram ontem mais de nove mil habitantes dos bairros mais populares de Manágua, vítimas dos «indiscriminados» bombardeamentos realizados pela Guarda Nacional de Anastasio Somoza.

Esta afirmação está contida num comunicado ontem difundido na Cidade do México pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

A nota da FSLN assinala ainda que entre os bairros bombardeados figuram «San Judas», «Centroamerica», «Monseñor Lezacano», «Altagracia» e «Altamira».

Além disso, o comunicado sandinista refere que, «embora o governo do general Somoza afirme bombardear posições guerrilheiras, a verdade é que está a massacrar o povo».

Densas nuvens de fumo pairavam sobre os «bairros de lata» da capital, ontem, à noite, quando Somoza pediu a intervenção da sua Força Aérea numa tentativa para desalojar os guerrilheiros, empenhados numa luta de morte para o derrubarem. Os sandinistas ocupam agora mais de metade da cidade.

Há uma falta tremenda de alimentos e actos de pilhagem ocorreram ontem quando tropas governamentais cortaram estradas conduzindo a Manágua.

Quatro dias de combates renhidos de casa em casa causaram milhares de mortos e áreas da capital acham-se em ruínas.

En Leon, ao norte de Manágua, elementos da Guarda Nacional apareceram com tanques ligeiros e artilharia para bombardear barricadas dos guerrilheiros, que ocupam a maior parte da cidade.

Os sandinistas tentam expulsar as tropas governamentais do seu posto de comando central em Leon. Ontem, aviões de Somoza atacaram com foguetões posições de guerrilheiros no perímetro do posto de comando.

Registou-se fogo intenso dos tanques e disparos frequentes de franco-atiradores das posições dos guerrilheiros.

Ao cair da noite, não se sabia ao certo se qualquer dos lados tinha conseguido vantagens.

terraços do jamor

PARQUE RESIDENCIAL

Ampla cobertura de transportes, na area da 2ª coroa do passe social Muito perto da estação de C.F de Queluz

Habitações prontas a habitar e a fazer escritura.

ZONA COMERCIAL INTEGRADA

Lojas de grandes áreas para todos os ramos de comércio desde 950 contos

Amplos espaços verdes!

3 assoalhadas 1.025 - C.
4 assoalhadas 1.175 - C.

icosal

Sociedade de Investimentos e Construções S A R L
Sede Av Almirante Reis 131 1º
Telefs 55 36 32 55 47 43 - 1100 Lisboa
Centro de Vendas Torres de Kilimanjaro Rua F
Tel 96 13 54 — Terraços do Jamor
Queluz Ocidental

Andar modelo da: dimensão móveis

MÓVEIS

ORGANIZAÇÕES:

MOVILINDAR • R. Conde Redondo, n.º 127-A Tel. 554869 — LISBOA-2

LISBOA • PAÇO D'ARCOS • PORTO SALVO

E AGORA NA:

COVA DA PIEDADE • MILMÓVEIS
Rua Ilha de S. Tomé, Lote 41-B (à Estrada das Barrocas)

SODOMOL • Rua Luciano Cordeiro, 70 LISBOA-2

CASAL • Largo da Estação, 26-B (frente à estação) PAÇO D' ARCOS Tel. 2434834

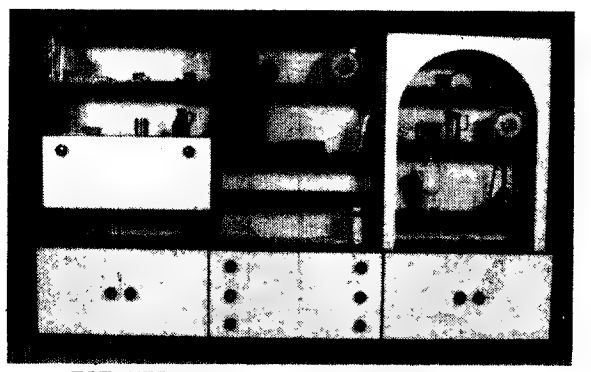
BALOIÇO • Rua Firmino Rebelo, Lote 43 (ao lado da farmácia) PORTO SALVO

QUARTO CASAL COMPLETO DESDE 10 950$00

ACREDITA NESTES PREÇOS?

QUARTO SOLTEIRO — 10.500$00 — JOGO DE MAPLES, 5950$00 - MESA REFEIÇÃO, 3250$00

ATENÇÃO: Até fins de Julho, na compra de mobiliário no valor de 40 contos, nós oferecemos 2 passagens de avião (ida e volta) para o Algarve, ou o desconto das mesmas. Trazendo o anúncio ainda receberá um brinde.



ESTANTE DE 3 CORPOS, 11.950$00

GARANTIMOS ASSISTÊNCIA • FACILIDADES DE PAGAMENTO • ABERTO À HORA DO ALMOÇO

AFRICA

Política de boa vizinhança reafirmada por Neto e Mobutu

Os presidentes Agostinho Neto e Mobutu Sese Seko, respectivamente chefes dos Estados angolano e zairense, reiteraram «o compromisso solene de jamais permitir que o território dos seus respectivos países seja utilizado como base de qualquer actividade de natureza a perturbar a segurança de um ou de outro estado».

Este compromisso vem expresso no comunicado comum assinado pelos dois chefes de Estado vizinho, africanos no final das conversações que tiveram a sós na quinta-feira à tarde em Kinshasa por ocasião da visita de «amizade» que Agostinho Neto efectuou ao Zaire.

A propósito da reabertura do caminho-de-ferro de Benguela, os dois estadistas observaram que nenhum obstáculo político se opõe à sua reabertura, apenas os «problemas técnicos» retardam a sua entrada em funcionamento.

Esta terceira visita do presidente Neto a Kinshasa, estima-se na capital zairense, constitui um novo passo nas relações entre os dois países após três anos de desentendimento e de hostilidade declarada que precederam a espectacular reconciliação ocorrida em Julho de 1978 no dia seguinte aos acontecimentos de Kolwesi. O presidente Neto regressou a Luanda ontem à noite.

● O SENADO AMERICANO PRONUNCIOU-SE na quarta-feira pela suspensão imediata das sanções económicas contra o Zimbabwe-Rodésia, cuja manutenção fora recentemente decidida pelo presidente Carter. O chefe do Executivo poderá ser levado a utilizar o seu direito de veto, se o texto aprovado pelo Senado for também aceite pela Câmara dos Representantes.

● O QUÉNIA ESTÁ PRONTO a organizar no seu território uma conferência de todas as partes interessadas no conflito da Rodésia a fim de permitir «criar um clima de estabilidade» na África Austral, declarou na quarta-feira em Londres, Daniel Arap Moi, chefe do Estado queniano.

● O GOVERNO ANGOLANO INFORMOU ontem que a povoação de Cumbo, na província de Cunene, foi atacada no passado dia 11 por aviões sul-africanos do tipo «Mirage». O ataque causou três mortos e 14 feridos, e destruiu uma loja do povo, viaturas e máquinas.

● O PRESIDENTE DO PERU Morales Bermudez, que se encontra de visita oficial à Argentina, realizou ontem a sua primeira entrevista com o seu homólogo argentino, general Jorge Videla.

● A FRANÇA DESENVOLVEU ANTEONTEM intensa actividade diplomática no Chade, a fim de persuadir as diferentes facções a negociar depois do fim dos recontros de terça-feira na capital, N'Djamena. Os combates tinham oposto duas organizações político-militares rivais a Frolinat (Frente de Libertação Nacional do Chade) e o MPLT (Movimento Popular para a Libertação do Chade), de que se reclama o chefe do Estado, Lol Mhamat Chua, que se encontraria nas mãos dos seus adversários políticos.

ASIA

Projecto constitucional divulgado no Irão

Um compromisso parece ter sido encontrado no Irão, quinta-feira, entre, por um lado, religiosos integristas pró-Khomeiny, e por outro, liberais, partidos de esquerda e minorias étnicas, na polémica para a ratificação da futura Constituição. Esta, em vez de ser directamente ratificada por referendo, «será aprovada por uma Assembleia restrita eleita por sufrágio universal», segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Yazdi.

As eleições para essa assembleia restrita decorrerão na segunda quinzena de Julho. O projecto da Constituição será hoje divulgado.

Anunciando um calendário para a nova Constituição, o ministro dos Projectos Revolucionários, Yaddollah Sahabi, declarou ontem, à noite, na Rádio Nacional que ao público seria dado o prazo de um mês para comentar a minuta.

A Assembleia eleita em Julho estudaria a minuta durante mais um mês e o documento seria apresentado a um referendo, este Outono.

De acordo com a minuta, o Irão seria confirmado como uma República Islâmica, com um chefe de Estado muçulmano eleito para um mandato de quatro anos.

O presidente teria o direito de declarar guerra numa emergência e de pedir a realização de um referendo para dissolver o parlamento, uma vez durante o seu mandato.

O chefe de Estado seria também o comandante supremo das Forças Armadas e nomearia o primeiro-ministro, cujo governo deveria ter a confiança da única Câmara do Parlamento, a Assembleia Nacional.

ECONOMIA

OCDE impotente para resolver a crise

Os países industriais do Ocidente desistiram de procurar o «remédio milagre» para a crise da energia. Os 45 ministros da OCDE, reunidos na quarta-feira e na quinta-feira, em Paris, separaram-se sem poderem oferecer a mínima promessa nova aos 18 milhões de desempregados que há nos 24 países da Organização.

Muito pelo contrário: para além das conclusões de impotência perante a gravidade da situação económica e dos apelos – já clássicos– às economias de energia, os responsáveis das grandes nações industrializadas avisaram claramente as suas populações de que terão que pagar a nova crise petrolífera.

«A redução dos rendimentos reais provocada pelo aumento dos preços do petróleo importado é inelutável», afirma categoricamente o comunicado final». Procurar compensar a perda do poder de compra com um aumento dos rendimentos nominais «serviria apenas para piorar as coisas, agravando a inflação e o desemprego», acrescenta o texto.

A quinze dias da cimeira ocidental de Tóquio, uma verdadeira psicose petrolífera submergiu todos os aspectos da cooperação económica que a OCDE tem por objectivo promover.

Governo de Pretória recua e remodela-se

O primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha, renunciou, 5.ª feira, aos pontos controversos dum projecto de lei que, originalmente, proibia a Imprensa de dar conta dos casos de corrupção na Administração. Aceitou assim dar um «prazo» aos jornalistas, na condição de estes se conduzirem de forma «responsável».

Esta decisão inesperada coincidiu com a notícia dada por Botha da sua primeira remodelação ministerial importante, que consiste, em particular, na partida de Jimmy Kruger, ministro da Polícia, Justiça e Prisões, cujo nome está ligado à controvérsia sobre a morte na prisão do dirigente negro Steve Biko, e na entrada para o governo do dirigente ultraconservador Andries Treurnicht, nomeado ministro das Obras Públicas, Estatísticas e Turismo.

A grande concessão de Botha em relação à Imprensa surpreendeu: ainda na véspera o controverso projecto de lei tinha regressado ao Parlamento e continuava a conter a cláusula que provocara um coro de protestos na África do Sul.

Por outro lado, a remodelação ministerial não indica alteração de orientação no gabinete Botha, mas introduz importantes mudanças a nível de personalidades. A partida de Kruger será decerto saudada pela população negra, para quem ele representava um símbolo da repressão. O seu ministério foi dividido em dois. Em contrapartida, não deixará de ficar inquieta essa mesma população com a entrada de Treurnicht, baptizado «Dr. Não» pelos jornais, devido à sua oposição a toda e qualquer mudança.

Marrocos queixa-se da Argélia na ONU

O governo do Marrocos pediu uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU para que este examine alegados actos de agressão que a Argélia terá perpetrado contra o seu território. Contudo, parecem escassas as possibilidades de esta reunião vir a efectivar-se, pois vários países africanos e o próprio secretário-geral da ONU estranharam o pedido e o seu carácter de urgência.

O grupo africano informou que, ao contrário do habitual nestes casos, Rabat não tinha previamente avisado os seus parceiros desta solicitação.

A França e a Inglaterra defenderam, entretanto, a realização da reunião. A decisão sobre este ponto será tomada na segunda-feira.

Enquanto isto, a Frente Polisário anunciou ontem que as suas forças atacaram no dia anterior a vila de Tan Tan, no Sul de Marrocos. O bombardeamento (que não foi confirmado por Rabat) terá provocado imensos estragos.

MÉDIO ORIENTE

Prorrogado o mandato da FINUL no Líbano

O Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu ontem manter, por mais seis meses, a sua força de manutenção de paz de 6000 homens no Sudoeste do Líbano.

Simultaneamente, pediu a Israel que cessasse imediatamente os seus ataques na região e a sua ajuda às milícias direitistas cristãs libanesas.

A decisão surge na sequência de vários avisos, incluindo os formulados pelo secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, de que as Nações Unidas seriam em breve forçadas a retirar as suas tropas do Líbano, se Israel continuasse a mostrar-se intransigente.

O Conselho votou por 12-0 no sentido da prorrogação do mandato até 19 de Dezembro.

Entretanto, no Líbano, registaram-se recontros entre membros de facções rivais das milícias direitistas, de que resultou a morte de uma pessoa e 11 feridos.

Esta foi a segunda vez, em menos de um mês, que facções do partido falangista, dirigido por Pierre Gemayel, se bateram com membros do Partido Liberal Nacional, dirigido pelo antigo presidente Camille Chamoun.

Os dois líderes, que no mês passado anunciaram a união formal das suas milícias, apelaram aos seus militantes para que acabem com os combates.

AIPU SUSPENDE O EGIPTO

A União Interparlamentar Árabe (AIPU) decidiu suspender a filiação do Egipto.

A suspensão, na sequência de medidas semelhantes com êxito para expulsar o Egipto de organizações pan-árabes por ter assinado o tratado de paz com Israel, foi proposta pela delegação síria na reunião da AIPU realizada na capital tunisina.

O Sudão foi a única delegação que se absteve na votação. A AIPU também aceitou a Argélia como novo membro.

Sismo violento no Peru

Um violento sismo abalou hoje, sexta-feira, às 03.55 h locais (08.55 h tmG) a capital peruana.

Por enquanto, desconhece-se ainda em Lima a importância dos estragos, a intensidade e a localização do epicentro do sismo.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

SUCURSAL DE LISBOA
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 6-A * TELEF. 89 34 06

VENDE

C/ GARANTIA E FACILIDADES DE PAGAMENTO

Automóveis usados provenientes de trocas

Renault 4L 1977
Renault 4L 1978

Mini 1000 1977
Citroën Dyane 1975
Citroën Dyane 1977
Fiat 127 1976
Ford Taunus 1300 1976
Opel 1204 1974

AUTOMÓVEIS DE SERVIÇO

Renault 4 LC 1978

AUTOMÓVEIS USADOS PARA COMERCIANTES

Citroën Dyane 1975
Ford Cortina .... 1971, 1973 e 1976
Mazda Breack 1975
Miniclubman 1974

Possuímos mais viaturas em «stock»

VAMOS APARECER

A partir de 18 de Junho todas as tardes um jornal diferente para si.

a Nação

Director Carlos Pina

Vespertino independente de grande informação.

CUBA

VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
partidas a 20/7, 3/8 e 28/12 (Comemorações do 21º Aniv. da Revolução Cubana)
HAVANA, GUAMÁ e CIENFUEGOS
tudo incluido
Informações e inscrições das 13 as 19h na
ASSOC. AMIZADE PORTUGAL-CUBA
R ROD DA FONSECA 107 r/c Lx-Telef-657305
ORGANIZAÇÃO DA MUNDIRAMA

PUB URSS

VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
ESTADIAS DE 2 SEMANAS
partidas a 14/AGO visitando:
MOSCOVO • EREVAN
BAKU • TBILISSI
e a 21/AGO visitando:
MOSCOVO • IRKUTSK • FRUNZE
NOVOSSIBIRSK • ALMA • ATA
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das 15 as 20 h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-U.R.S.S.
R S CAETANO 30 TELEF 601099 601199 601124
ORGANIZAÇAO DA MUNDIRAMA

ESTALAGEM DO INFANTADO

REABRIU

Com nova gerência

PRATOS REGIONAIS

RECTA DE PEGÕES

Onde há "brisa" renova-se o ar!

Temos em stock ventiladores industriais para todos os fins, desde pecuária, restaurantes, hotéis, instalações fabris.

CONTACTE-NOS
ENTREGAS IMEDIATAS

POLAR

BREEZA

REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
Av. Almirante Reis, 94 C - Telef: 82 33 66/7 - 1100 LISBOA

Europ 0780

TORRÃO DE AÇUCAR

SUPERMERCADO

Produtor Armazenista
José Henriques Rosa Carvalho

Alimentos frescos directamente da sua produção
Secção de Talhos e mercearias de alta qualidade

PROVE O VINHO DA NOSSA LAVRA
Garrafão a 16$800

* Ide pois das vossas compras aproveitar para conhecer o nosso serviço de Restaurante e Snack Bar

Rua Tenente Espanca, 36 A — Tel. 776840
(a Praça de Espanha)

ALCATIFAS
PRECISA?
TEL. 68 24 05

● ORÇAMENTOS GRÁTIS
● ENTREGAS IMEDIATAS
● APLICAÇÕES RÁPIDAS

M.L. GUERREIRO, LDA

Rua Arco de Carvalhão, 20-A
A CAMPOLIDE!... LISBOA 1

TEATRO ABERTO
p. de espanha (palhavã) telef. 770969

grupo 4
apresenta

CORPO-DELITO
na sala de espelhos

de JOSÉ CARDOSO PIRES
encenação de FERNANDO GUSMÃO

«...um espectáculo a ver sem falta e urgentemente(...). É como teatro e como forma de informação, um espectáculo indispensável».

Carlos Porto (Diário de Lisboa)

TODAS AS NOITES ÀS 21.30 h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS:
TAMBÉM ÀS 16 HORAS

MOURÃO FERREIRA EM MACAU

Salve-se o património!

A chegada do secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira, a Macau, foi marcada por um apelo, de «um grupo de amigos de Macau» para que seja salvo o património histórico e cultural português no território.

É necessário sensibilizar o secretário de Estado da Cultura, para a urgente carência de «em nome da cultura portuguesa no mundo, do prestígio de Portugal e do respeito devido aos nossos valores históricos, o Governo português intervir em Macau no sentido de salvar o que resta do património histórico e cultural» sublinha uma carta publicada no bissemanário «O Clarim» e assinada por um grupo de cidadãos amigos de Macau.

Na carta, dirigida ao historiador padre Manuel Teixeira, que acompanhará David Mourão Ferreira durante a sua estada nesta cidade, assinalam-se «as dificuldades com que Macau se debate para, sem deixar de responder às inadiáveis necessidades do seu desenvolvimento, manter vivos edifícios, praças, ruas, bairros inteiros em que se estratifica a História da cidade se não a mais antiga pelo menos a de há cem anos para cá».

O grupo de cidadãos amigos de Macau considera ainda imprescindível que sejam apresentadas a David Mourão Ferreira nas suas visitas à cidade «algumas hipóteses de intervenção do Governo português e até, através dele, a de organismos internacionais que por todo o mundo se têm dedicado a salvar da ignorância insolente, da especulação financeira desregrada e do crescimento demográfico a que não tenha sido dada a resposta adequada os traços característicos das cidades, que sem eles se massificam irremediavelmente e reduzem os seus habitantes a meras peças de uma engrenagem voraz e desumana».

Depois de assinalar que alguns dos traços mais característicos e únicos de Macau estão em permanente risco de se perderem por carência de uma política governamental esclarecida e eficaz, o grupo diz ser «urgente tornar viável uma política de desenvolvimento urbano e um plano regulador, da defesa da cidade que tenha em devida conta a protecção do património arquitectónico e urbanístico legado do passado, bem como as garantias mínimas de que a geração a que pertencemos deixe ela própria marcas positivas da sua presença e não uma amálgama de edifícios que da nossa cultura darão na generalidade triste notícia aos nossos descendentes».

A terminar, a carta publicada por «O Clarim» refere que se deve sugerir a Mourão Ferreira que «a sugestão desta iniciativa e acção em Macau parta de Portugal e se apoie no Governo de Macau – entidade a quem naturalmente compete dar toda a colaboração como fiel intérprete de uma política cultural esclarecida.

XVI CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA

"O Disfarce" hoje em antestreia

Inicia-se hoje, no Cinema Quarteto, o XVI Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa reunindoem quatro subciclos, 58 filmes dos quais 16 são antestreias. Esta «maratona» de quinze dias, que percorrerá 25 anos do **western** e do **musical** americano, revelará os trabalhos marginalizados de 7 realizadores portugueses e proporá obras de mais 18 cineastas de outros 8 países da Europa, abre com o clássico e mítico **Shane,** de George Stevens. Um curioso ensaio de **musical** «de câmara», mas ao ar livre (**Godspell**, de David Greene) e o algo polémico **Uma Canta a Outra Não,** da francesa Agnès Varda, enquadram a antestreia do dia: **O Disfarce,** de Sandor Pal. Filme unicamente apresentado no recente Ciclo de Cinema Húngaro, esta produção de 1976 narra, num sumptuoso clima visual afim dos de Visconti, uma intriga fascinante e ambígua situada durante o esmagamento da «República dos Conselhos», no início dos anos 20.

sofilmes

com ALLEN GARFIELD · KATHLEEN LLOYD · LEIF GARRETT
e apresentando os 40 Maiores Skaters da América
incluindo TONY ALVA e ELLEN ONEAL · Technicolor

Não aconselhável a menores de 13 anos

HOJE — ESTREIA ÀS 21.30 H.
NO CINEMA VOZ

Com a colaboração de:
PEPSI - COLA
JORNAL «O CORREIO DA MANHÃ»
CLUBE PORTUGUÊS DE SKATE
SKATES, EM MADEIRA, NEV

A BANDA SONORA DESTE FILME ENCONTRA-SE GRAVADA EM DISCOS DA MARCA RCA

"Trigo Limpo" de Tondela em Marvila e na Comuna

O Grupo de Teatro Amador «Trigo Limpo», de Tondela, constituído por cerca de duas dezenas de jovens que nas aldeias daquela região têm estado a desenvolver um importante trabalho de divulgação cultural através do teatro, apresenta-se hoje e amanhã em Lisboa com a peça «Com Duas Pedras na Mão», de Orlando Ferreira.

Esta noite às 21 e 30 o «Trigo Limpo» actuará na Associação 3 de Agosto, em Marvila, e amanhã na Comuna, também às 21.30 h.

A GRANDE, INTERNACIONAL E MÁGICA COMPANHIA DE CIRCO DE MADAME TEXAS
NA CASA DA COMÉDIA — TEATRO DE BOLSO DE LISBOA
Rua S. Francisco de Borja, 22/24

Diariamente às 21.30 (folga às terças-feiras) marcações pelo tel. 607299
Um espectáculo de FILIPE LA FÉRIA
«Criação Autêntica» C. PORTO

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

Assim até dá gosto

Fiz paragem obrigatória, claro, no Jornal 1, **o órgão de Informação com maior tiragem em Portugal. Bem, depois de ter passado pelo «País, País» com seu largo período dedicado ao Ano Internacional da Criança, cujas comemorações mais valiosas cabem ao povo atrás de suas variadas organizações. Por vezes, nessas notícias infiltra-se a angústia e a tristeza que tão mal condizem com a data.**

É o caso daquele infantário criado em Brejos de Assa, perto de Palmela. O infantário, sonho antigo da povoação, tem uma lotação para 80 bambinos, mas presentemente frequentam-no apenas 40 por ter fechado uma fábrica que utilizava principalmente mão-de-obra feminina...

No balanço final para a UNESCO espero não ver esquecido este pormenor. Entendido?

Passei igualmente pelo programa de Aldónio Gomes. Logo ao princípio, as declarações daquele emigrante em França. A vida dos portugueses no reino social-democrata das bidonvílias torna-se cada vez mais difícil, os emigrantes são marginalizados e também há o chomage, não sei se sabe o que é...

Claro que sabemos. Até de mais, como se diz nas novelas brasileiras da TV. Não seria melhor, em vez de democracias ocidentais, passarmos a dizer «democracias do desemprego»?

Ah, estávamos a falar do **Jornal/1** em que se dizia estar por horas o regime fascista da Nicarágua. Bom, o **Jornal/1** não dizia por estas palavras, dizia de maneira mais delicada, estão a perceber?

Aliás, a linguagem da RTP face aos acontecimentos na Nicarágua tem-se modificado nos últimos meses de maneira acentuada. Primeiro, o fascista Somoza era «o dirigente da Nicarágua há 40 anos». Depois, passou a ser «o presidente Somoza». Agora, é «o ditador Somoza»...

Os sandinistas começaram por ser «terroristas». Depois evoluíram para «rebeldes». Agora passaram a ser «nacionalistas»...

Quanto à situação naquele país ela foi sendo «preocupante», «degradante», agora é uma situação de mudança, com o Somoza em salve-se quem puder...

No Telejornal do 2.º Programa, o asséptico Mega Ferreira dá Carter, dá Cyrus Vance, só não dá os oito tostões por causa da inflação e da dificuldade na transferência das divisas.

Aqui, a UNITA e a FNLA são tratados como «movimentos nacionalistas angolanos». Igualmente não se perde a oportunidade de dar mais uma facadinha ao jeito da guerra fria, com reportagem e tudo.

Fica-nos na memória aquela minientrevista com a atleta Manuela Alves que ainda detém o máximo dos 400 metros barreiras.

Se volta ao atletismo? Não, certamente que não. E porquê, que diabo, uma atleta de tanto valor? Por causa da vida intensa que leva, trabalha muito, não pode pensar em desporto. Manuela Alves está radicada na Alemanha, empregou-se numa lavandaria. Como se vê, assim se protegem os atletas no nosso País e depois, se os atletas calham a ir parar à Alemanha Federal, a exploração, desculpem!, a «protecção» aos atletas continua.

Assim até dá gosto.

Mas de tudo, de tudo, o que mais apreciei foi a exposição sobre a agricultura cometida por Vaz Portugal em Santarém.

Este cavalheiro possui uma extraordinária capacidade oratória. Para utilizarmos uma expressão **ingrícola**, diga-se que é um autêntico nabo. Não se chega a compreender o interesse da Televisão pela palestra desse a quem chama reverentemente «ministro da Agricultura». Da mesma Televisão que seguiu caninamente os passos de Mota Pinto em visita à feira, uma espécie de reportagem póstuma a um Governo que se mexe muito, que viaja muito, para mostrar que está em exercício.

Ah, mas a eloquência de olhos em baixo de Vaz Portugal, a falar não se sabe para quem, com esse vago ar sonâmbulo das pessoas que falam para o boneco! Nitidamente, estes homens querem ordenhar a Televisão até à útlima gota de leite. Agarram-se-lhe às tetas como bezerrinhos esfaimados.

Mas não é por mal nem por política. É apenas porque a família, os amigos e outras pessoas mais chegadas gostam tanto de os ver lá, ficam tão bem, ficam tão jóias...

Ufff! Preciso de um duche. É só o tempo de acabar o D. João.

HUNGRIA
CIRCUITO MAGIAR
·BUDAPESTE E O
DANUBIO
part. semanais - início a 26JUN
1SEMANA TUDO INCLUIDO
desde 15.600$00
consulte o seu agente de viagens
MUNDIVIAGENS
OPERADORES TURISTICOS

A BARRACA
« r. alexandre herculano 70 »
tel: 686300
4.ª Semana (m/13)
sub SEC
hoje 21.30 dom. tbr 16.00
D. JOÃO 6.º
Texto e encenação Hélder Costa
Rua Alexandre Herculano, n.º 70
LISBOA

Entre o burlesco e o drama, o cómico do desespero!
PRÉMIO DA REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DE CANNES
CARLO PONTI APRESENTA
A INSUPERÁVEL INTERPRETAÇÃO DE NINO MANFREDI
NUMA MAGISTRAL REALIZAÇÃO DE ETTORE SCOLA
FEIOS, PORCOS E MAUS
(BRUTTI SPORCHI E CATTIVI)
o melhor filme de 78
A eleição foi feita pelos vinte críticos do Secretariado do Cinema e da Rádio-Boletim Cinematográfico
INTERDITO a menores de 18 anos
A PARTIR DE HOJE no City CINE
DISTRIBUIDORES REUNIDOS

ACADEMIA ALMADENSE
A NOITE DO 25 DE ABRIL PELA 1.ª VEZ NO TEATRO
A NOITE
de JOSE SARAMAGO
Enc. de JOAQUIM BENITE
Cen. de ANTÓNIO ALFREDO
com
HENRIQUETA MAYA
LUIS ALBERTO
ANTÓNIO ASSUNÇÃO
EMA PAUL - DANIEL GARCIA - FRANCISCO COSTA - FERNANDO LOURO - TERESA GAFEIRA - VALDEMAR DE SOUSA
TODAS AS NOITES AS 21,45 h
SABADOS E DOMINGOS TAMBEM AS 16 h
SEGUNDA DESCANSO
GRUPO DE CAMPOLIDE
50% DE DESCONTO EM DESLOCACÕES COLECTIVAS
TRATAR PELO TELEF 2752175
TRANSPORTES CAMIONETAS PR ESPANHA
BARCOS CACILHAS

PASTELEIROS
Necessita-se para Hotel no Algarve,
Favor indicar referências e habilitações profissionais.
Apartado nº 132 — FARO

FILME PORNOGRÁFICO HARD CORE
SEXO POR RECEITA MÉDICA...
AS SOFREGAS
(LES GOULUES)
um filme pornográfico de invulgar interesse!
MICHELE JEAN • JACQUES COUDERC
RENÉ JEAN Realiz. de ANDRÉ MARCHAND
[INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS] EASTMANCOLOR
3.ª SEMANA CINEBOLSO
DISTRIBUIDORES REUNIDOS

TEATRO DA TRINDADE
INATEL
apresenta
Hoje e amanhã às 21.30 horas
O GRUPO CÉNICO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CASCAIS
com a opereta
"Senhora dos Navegantes"
original de Fernanda Santos, João Reis e Luís Barros
música do maestro Amadeu de Moura Stoffel
Os sócios do INATEL, dos CCDs. e CPTs. e SINDICATOS beneficiam de 50% de desconto.
(Este espectáculo repete-se nos dias 22, 23, 29 e 30)
(Maiores de 13 anos)

Hoje

Os Fabulosos Anos do Cinema

I PROGRAMA

18.35 **Jardins Zoológicos** – Jardim Zoológico de Tóquio.
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
19.20 **10 Milhões de Consumidores** – programa do dr. Beja Santos.
19.50 **Manuel e Beatriz**
20.00 **Jornal RTP/1**
20.35 **«O Astro»** – episódio n.º 172.
21.10 **O Tempo**
21.20 **Em Questão** – debate sobre problemas da actualidade nacional.
22.30 **«Poldark»** – 15.º episódio.
23.35 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
23.50 Fecho

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **No Rasto de...** – 10.º episódio.
21.00 **Os Fabulosos Anos do Cinema** – os westerns.
22.00 **Informação/2**
22.30 **Cine/Clube** – «Linha Geral».
23.30 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Poldark» (22.30)
II PROGRAMA
Os Fabulosos Anos do Cinema (21.00)

Amanhã

I PROGRAMA

13.30: Formação de Professores; **14.00**: Sumário; **14.05**: Novos Horizontes; **14.30**: Era Uma Vez o Homem; **15.00**: O Circo Chegou; **15.25**: Eu, Tu, Ele, Nós Trabalhamos; **15.30**: «A Carta da Nova França»; **16.00**: Tempo de Desporto; **16.30**: Animação; **17.00**: País, País-Magazine; **17.30**: Transmissão Directa de Santarém; **18.30**: A Escultura de Henry Moore, **19.10**: 4300 Minutos; **20.00**: O Seu Motor; **20.30**: Folclore de Santarém, **21.25**: Manuel e Beatriz; **21.30**: Jornal RTP/1; **22.00**: Alamedas da Noite – «Um Estranho Igual a Mim»; **23.15**: 24 Horas; **23.25**: Fecho.

II PROGRAMA

14.00: Ano Propedêutico; **20.30**: «Dick Tracy» – 6.º episódio, **21.30**: Desporto 79; **22.00**: Cartas na Mesa; **23.00**: Série Portuguesa; **23.30**: Fecho.

PUB
CABELEIREIRO
BRITO E BRITO
COIFFEUR • PERFUMARIA • ARTIGOS DE BELEZA
Av. de Roma, 66-1.º — TELEF. 896571
Av. da Liberdade, 236 — TELEF. 572944

FUTEBOL, TORNEIO DE PARIS

Vitória final do Benfica: 4-0 ao Estrela Vermelha

PARIS – (ANOP, FP-DL) – Realizando o que a generalidade da imprensa desportiva da capital francesa considera mais uma exibição de alto nível – uma das suas melhores, esta temporada, certamente – a equipa de futebol do Benfica venceu ontem o Torneio Internacional de Paris, ao derrotar o Estrela Vermelha, de Belgrado, no jogo final, por 4-0. O Benfica tinha conquistado o direito à final, eliminando a selecção olímpica do Brasil.

No jogo de ontem, ao intervalo, o Benfica já ganhava por 1-0. Actuando em grande plano, logo na primeira parte, a equipa portuguesa pôs em campo um futebol de grande estilo e imaginação criadora, actuando com um todo harmónico e movimentando-se com extrema rapidez da defesa para o ataque. O primeiro golo foi marcado por Reinaldo aos 28 minutos.

O Estrela Vermelha – finalista da Taça UEFA, esta temporada, lembre-se – actuou na sua máxima força, com os internacionais Stojanovic, Jovanovic e Petrovic, que não tinham alinhado no primeiro-jogo (contra o Paris Saint-Germain) por obrigações da selecção da Jugoslávia, que defrontou a Itália. Mas nada pôde contra um Benfica altamente inspirado.

O segundo golo foi obtido aos 5 minutos da segunda parte, ainda por Reinaldo, e o terceiro e quarto respectivamente por Nené e Toni, aos 79 e aos 81 minutos.

Grande número de espectadores – portugueses, que se deslocaram ao Parque dos Princípes para verem actuar o Benfica – invadiram o campo quando da marcação do quarto golo.

Sob a direcção do árbitro francês, as equipas alinharam como segue:

Benfica: Bento, Bastos Lopes (Toni, depois. aos 62 minutos), Humberto Coelho, Alhinho, Alberto, Pietra, Alves, Shéu, Nené, Reinaldo e Chalana.

Estrela Vermelha: Stojanovic, Krompotic, Jovanovic, Juric, (Nikolic, aos 40 minutos), Jovin, Milanovic, Muslin, Burvnica, Petrovi, Savic (Lucik. aos 46 minutos), Kovacevic (aos 58 minutos, Sestic).

O Benfica atingiu a final depois de ter vencido a selecção olímpica do Brasil por 2-0. No outro jogo da primeira jornada, o Estrela Vermelha venceu o Paris Saint-Germain, organizador do torneio, pela mesma marca.

No jogo a contar para o terceiro lugar, o Paris Saint-Germain venceu a selecção olímpica do Brasil.

Vítima, no ano passado, dum acidente de viação cujas consequências mantêm ainda muito problemática a sua total recuperação para o futebol – o seu regresso às grandes tardes, como teve algumas, sobre o relvado, integrando a equipa do Sporting, a sua equipa, em Portugal – o brasileiro Da Costa foi anteontem homenageado por colegas, de clube e de profissão, e numeroso público. No programa dois jogos: um entre antigos internacionais (alguns «magriços», entre eles) e um seleccionado de Lisboa, que terminou com a vitória deste por 2-1; outro, entre outro seleccionado de Lisboa e a equipa principal do Sporting, que o Sporting venceu por 2-1. Da Costa recebeu diversas lembranças e uma sucessão de aplausos por parte do público presente

II DIVISÃO

Portimonense, 2-União de Leiria, 1

O Portimonense derrotou o União de Leiria por 2-1, em jogo de futebol da fase final do Nacional da I Divisão.

Foi a segunda jornada: a primeira tinha-se disputado no passado domingo em Leiria, onde o União local venceu o Sporting de Espinho por 1-0.

Depois do jogo de ontem, Portimonense e União de Leira, cada um com dois pontos, estão à frente do Sporting de Espinho.

A prova prossegue no domingo em Espinho com um jogo entre o Sporting de Espinho e o Portimonense.

«LIGUILHA»

O Rio Ave venceu o União de Lamas por 1-0 em jogo ontem disputado em Santa Maria de Lamas, a contar para o torneio de promoção da II à I divisão nacional de futebol.

Foi a segunda jornada deste torneio. A primeira fora no domingo, tendo o União de Lamas derrotado o Juventude de Évora (outro dos segundos classificados), por 4-0.

Rio Ave e União de Lamas, com dois pontos cada, estão à frente do Juventude, ainda a zero.

No domingo, em Évora, o Juventude joga contra o Rio Ave.

SALÁRIOS EM QUESTÃO

Os jogadores da primeira categoria de futebol do Atlético decidiram não alinhar no próximo domingo no jogo contra o Almada, em atraso do Campeonato Nacional de Futebol da Segunda Divisão, Zona Sul, se os seus vencimentos, em atraso desde Abril, não forem satisfeitos na totalidade.

Esta decisão foi tomada hoje pelos futebolistas do clube alcantarense, na sequência de uma reunião efectuada nas instalações do clube.

Entretanto, os jogadores deliberaram ainda continuar a sua preparação normal «convictos de que a solução do problema chegue a bom termo».

O Atlético defronta o Almada no próximo domingo, às 17 horas, no Estádio da Tapadinha, e do resultado do jogo está dependente a continuação do clube alcantarense na Segunda Divisão. Anop.

DEFICIENTES:

Integração pelo desporto

PORTO, 15 – Crianças cegas correram hoje na pista de cinza do Estádio Universitário do Porto.

Cerca de meio milhar de crianças deficientes visuais, intelectuais e auditivas participaram, durante o dia, em provas desportivas organizadas pelo Centro de Esducação Especial do Porto, no âmbito da Quinzena de Educação Especial, que decorre também por iniciativa do Centro.

É a primeira vez que se realiza em Portugal uma acção desta natureza e não se conhece outra que, com esta dimensão, se tenha efectuado no estrangeiro – garantiu à ANOP um dos organizadores, o professor de educaçõ física Alberto Jorge Eiras.

Segundo este técnico «o desporto é um magnífico meio de integração social dos deficientes». Em seu entender, alguns dos participantes nesta jornada têm potencialidades, não obstante as limitações naturais, para representar colectividades desportivas em provas de competição.

Tubos de borracha foram assentes ao longo da pista de cinza, para orientar os cegos que correram ao lado de companheiros deficientes auditivos ou intelectuais.

Alberto Jorge Eiras manifestou à ANOP o seu desgosto «porque a grande maioria das populações ignora que os cegos podem jogar futebol, podem patinar, podem guiar uma bicicleta».

Nesta acção desportiva, foi pelos organizadores afastada, tanto quanto possível, a ideia da competição, da vitória. Os 500 participantes, de idades compreendidas entre os 5 e os 18 anos, correram e saltaram divididos em escalões etários, mas todos eles receberam indiscriminadamente uma medalha de participação.

As duas jornadas desta movimentação, uma de manhã, outra à tarde, integraram provas de atletismo (corridas de velocidade, de estafetas e de minifundo, saltos em altura e em comprimento e lançamento de massas) e futebol de sete.

Os jovens participantes frequentam três internatos de deficientes visuais, três de deficientes intelectuais e três de deficientes auditivos, todos do Porto.

CICLISMO

A. Rua à frente do G. P. Sumol

SAGRES, 15 – Vencedor das duas primeiras etapas do Grande Prémio Sumol, o ciclista Alexandre Rua encontra-se à frente da classificação geral desta prova, que anteontem começou no Cartaxo e termina no próximo domingo em Loulé.

Rua, que este ano integra a equipa da Coelima, venceu anteontem a primeira etapa, uma ligação entre Cartaxo e Lisboa, e voltou a ser o primeiro, ontem, na meta de Sines, termo da etapa que tinha começado na Costa de Caparica.

Com o mesmo tempo do líder da prova, na classificação geral, estão mais onze ciclista, entre eles dos mais cotados actualmente no velocipedismo português e, naturalmente, candidatos à vitória final: Firmino Bernardino (Lousa), Fernando Fernandes (Bombarralense), Manuel Martins (Coelima), Francisco Miranda (Bombarralense), Luís Teixeira (Coelima), Raul Terêncio (Bombarralense), Rui Azevedo (Sangalhos), [illegible] Sampaio (Zala), Américo Silva (Zala), e outros.

Por equipas, em primeiro lugar está o Bombarralense, com 4 segundos de vantagem sobre o Coelima, e 1[illegible] sobre a Zala.

Luís Teixeira (Coelima) está à frente na classificação do Prémio da Montanha.

Esta tarde corre-se a ligação entre Sagres e Pria da Rocha, na distância de 131 quilómetros.

[illegible]DAS

«PELEZÃO» À VENDA

O Estádio Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido por «Pelezão», vai ser posto à venda na próxima semana – anunciou a Associação Desportiva de Brasília.

O estádio, que recebeu o nome de Pel[illegible] em homenagem ao futebolista [illegible] campeão do mundo, tinha sido colocado à venda há um ano mas problemas administrativos haviam determinado a suspensão do processo.

Construído em 1972 e com capacidade para 40 000 pessoas, o «Pelezão» foi utilizado poucas vezes e começou a dar prejuízos depois da construção de pequenos estádios nas cidades satélites de Brasília.

"MIDI-LIBRE"

Agostinho em 8.º

O ciclista português Joaquim Agostinho encontra-se em oitavo lugar na classificação geral do «Midi-Libre», prova ciclística das de mais alta cotação no calendário velocipédico mundial, e que começou anteontem.

A prova é comandada pelo italiano Giussepe Saroni, a grande revelação do «Giro» recentemente disputado. Saroni ganhou as duas primeiras etapas: o prólogo, anteontem, e a primeira, ontem, entre Laissac e Ales.

Os primeiros lugares depois de Saroni são ocupados por Gisier (da Suíça), Bonnet (França), Villemaine (F), Kuiper (Holanda), Le Guiloux (F), e Meslet (F), todos a poucos segundos do líder.

No seu oitavo lugar, Agostinho está apenas a 20 segundos do líder.

Um passo dos negros

O Wandrers Club, a maior e mais tradicional agremiação da África do Sul, vai passar a admitir associados negros. A modificação nos estatutos do clube, com 12 000 sócios, foi aprovada por 381 votos a favor e trinta contra, durante uma reunião do comité directivo do clube. Anteriormente, as 17 secções desportivas do clube tinham aprovado, por unanimidade, a alteração.

Contudo, os cidadãos negros que vierem a ser admitidos como sócios não o serão de pleno direito, embora para isso, na opinião dos dirigentes, «falte apenas um pequeno passo».

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Direcção de Distribuição Tejo — Zona de Lisboa, a que se refere o processo 8/65049, arquivo 14, para o estabelecimento na freguesia de Santo Estêvão, concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 10 kV, n.º 1183/R-20 com 296 metros, do apoio n.º 30 da linha 1183, ao posto de transformação n.º 2436-C, de António José L. Viçosa, em Ribeira Nova Pedras de Ouro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Junho de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Direcção de Distribuição Tejo — Zona de Lisboa, a que se refere o processo 8/65048, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Oeiras, de uma linha mista a 10 kV, n.º 1142/R-2, com o comprimento total de 824 metros (parte aérea com 799 metros, e parte subterrânea com 25 metros), do apoio n.º 2 da linha n.º 1142/R-1, ao posto de transformação n.º 2427-C, da «EPAL» — Empresa Pública das Águas de Lisboa, no Alto do Montijo, em Alfragide.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Junho de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Vila do Bispo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/65 116, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Sagres, concelho de Vila do Bispo, de linha aérea a 15 kV com 738 metros, do poste n.º 266 da linha Bensafrim — Posto de Contagem Sagres ao Posto de Transformação de Vale da Torre.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 5 de Junho de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 78-79

EMPREITADA N.º 24-79-0-3.ª — CONSTRUÇÃO DE 8 CORPOS DE OSSÁRIOS SIMPLES NO CEMITÉRIO DE BENFICA

Faz-se saber que o valor da caução provisória referente ao concurso em epígrafe é de 63.249$90 e não de 632.499$00, como por lapso tinha sido indicado no edital n.º 72-79, datado de 14 de Maio de 1979.

O processo de concurso continua patente todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na DSO 3.ª Repartição, Rua da Palma, 169 — 3.º e na DSTE 1.ª Repartição Armazens e Imprensa Municipal, Av. 24 de Julho, 171.

Paços do Concelho de Lisboa, 5 de Junho de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Aquilino Ribeiro Machado

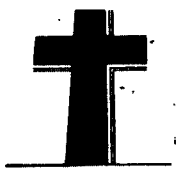
CLUBE DESPORTIVO IMPÉRIO DO CRUZEIRO

ASSEMBLEIA GERAL

Sábado dia 16.6.79, pelas 21 horas.
Para eleição de corpos gerentes 79-80.

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início: 21 de Junho
GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
Início: 22 de Junho
DACTILOGRAFIA
Início todos os dias
Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º



— ENGENHEIRO —
ANTÓNIO JOÃO BARROSO ANTUNES

(Director dos Serviços Gerais da J.A.E.)

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Casimira J.C. Esteves Antunes, Maria Cândida Esteves Antunes, António Joaquim Esteves Antunes e família participam que será celebrada amanhã, dia 16, pelas 19 horas, na Igreja Paroquial da Sagrada Família do Calhariz de Benfica, missa por alma do seu muito querido marido, pai e familiar, agradecendo desde já a todos aqueles que se dignarem assistir a este acto, bem como a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada.

ROTEIRO CULTURAL

Como tivemos ocasião de dizer na terça-feira, as festas da cidade e a chegada do bom tempo não favoreceram os acontecimentos culturais. Isto não quer dizer, porém, que os leitores deste Roteiro não tenham nada a fazer.

Começamos por recomendar uma visita ao Museu Bordalo Pinheiro onde se encontram em exposição cerca de 800 exemplares das revistas «António Maria» e «Pontos nos ii», que Rafael Bordado Pinheiro dirigiu, embora estejamos certos de que a grande maioria dos leitores deste Roteiro conheçam o mais do que célebre «Álbum das Glórias» de Bordalo, uns haverá que o não conhecem e este álbum também se encontra em exposição no Museu. Resumindo: uma excelente ocasião de conhecer a obra de um importante artista português e de ver as suas caricaturas de alguns dos portugueses mais em evidência no seu tempo.

Ja que falámos da exposição das revistas de Bordalo, vem a propósito referir uma outra exposição importante: a exposição «O Povo de Lisboa», inaugurada ontem no Palácio dos Corucheus. Trata-se de uma exposição inteiramente subordinada a quatro temas — tipos, ambiente, actividade e mentalidade do povo de Lisboa — que se integra nas festas da cidade promovidas pela Câmara Municipal.

Das exposições relacionadas com a vida da cidade, passamos às outras. Na Diferença (Antiga Grafil), onde Palolo, como dissemos, fez recentemente uma «habilidade», acaba de ser inaugurada uma exposição da artista italiana Tulia Saldanha. Nada mais podemos dizer, por enquanto, desta mostra, porque ainda a não fomos ver.

Na SNBA é inaugurada hoje uma exposição do artista Daniel Fissore.

Os amadores de pintura infantil e, de um modo geral, todos os que exercem actividades relacionadas com o mundo das crianças, devem ir ao Casino do Estoril ver a exposição que é hoje inaugurada nesse local. Fazem parte desta exposição cerca de 500 trabalhos de pintura, cerâmica, desenho e tapeçaria de alunos de escolas de todo o país.

Os nossos leitores de Castelo Branco podem ir, a partir de hoje, ao Museu Tavares Proença ver uma exposição sobre o nascimento, o crescimento e a vida de uma cidade. Trata-se de um certame que está destinado a ser exposto em várias localidades da Beira Baixa.

Em Abrantes, é inaugurada hoje uma exposição de artes plásticas de artistas da região. Trata-se de uma iniciativa que bem poderia ser imitada noutras localidades, já que promove os valores locais e proporciona a todos a possibilidade de se conhecerem melhor. Esta exposição tem lugar no Convento de S. Domingos.

Um quadro de José Capeto, em exposição na SNBA

Para além destas «novidades» há outros certames que os nossos leitores não devem perder. Está neste caso a exposição de Lourdes Castro, na 111, a cuja iportância já fizemos referência, várias vezes, neste Roteiro. Maria Antónia continua a expor as suas obras na galeria de «O País». Lembramos que esta pintora «ingénua» pinta com verniz das unhas. Continua patente ao público na SNBA, a exposição de pintura dos alunos de Rodrigo. Trata-se de uma exposição de reúne cerca de 200 quadros de pessoas que frequentaram um curso subsidiado pela Gulbenkian e muitas delas, como é o caso de José Capeto, de quem, hoje, reproduzimos uma tela, nunca tinham pegado num pincel.

No sector das belas-artes, passamos para o da música. Depois de amanhã, os nossos leitores que vivem na área de Campo de Ourique ou que queiram ir até à Parada desse popularíssimo bairro, podem ouvir um concerto da banda da Academia Filarmónica Verdi, que começará a actuar às 17 h. no jardim da parada.

Em Coimbra, o grupo «Light Stream» estará hoje em acção, às 21 h., na Faculdade de Letras. Esclarecemos que este grupo é natural de Fresno (Califórnia) e que é constituído por 20 instrumentistas e cantores.

Para terminarmos o Roteiro de hoje, mais uma notícia referente a Coimbra: começa amanhã, no Palácio de S. Marcos, dessa cidade, o I Encontro de Investigação Científica e Ensino de História e Arqueologia. Trata-se de um acontecimento importante que reunirá, em Coimbra, docentes de todos os institutos, departamentos e secções de história e de arqueologia das universidades e das escolas superiores de belas-artes do país.

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Música popular; **20.30**: Temas de desporto; **21.00**: 27.º episódio do folhetim «O Apóstolo da Juventude» — música variada; **22.00**: Conjuntos; **22.30**: Forma e conteúdo, quotidiano das artes e das letras; **24.00**: Último jornal.

2.º Programa

16.27: Música de Mahler; **17.30**: Música de tecla; **18.00**: Música sinfónica; **19.00**: Música da Renascença; **19.30**: As palavras dos músicos, pelo dr. João de Freitas Branco; **20.00**: Música de câmara; **20.45**: Música de piano; **21.30**: Ópera; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.35**: Sinfonia n.º 3, em ré maior, de Schubert; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Contacto com o Mundo; **18.10**: Tutti-frutti, histórias sérias de música ligeira; **18.45**: Espaço Citroen; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.00**: Música para meditar; **21.33**: Quando o telefone toca; **22.33**: O tema é; **23.00**: Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.06: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Actualidade económica; **23.55**: Fecho.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	19º
BRAGANÇA	16º
VILA REAL	18º
PORTO	17º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	20º
ÉVORA	18º
SINES	16º
BEJA	19º
SAGRES	17º
FARO	23º
PONTA DELGADA	18º
FUNCHAL	18º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.04	3,9 m	10.34	0,8 m
17.21	4,1 m	23.06	0,8 m
Dia 16			
7.38	3,6 m	0.58	1,1 m
20.00	3,8 m	13.19	1,3 m
Dia 17			
8.42	3,5 m	2.05	1,2 m
21.06	3,6 m	14.31	1,4 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado, podendo apresentar-se temporariamente muito nublado no litoral a norte do rio Mondego; vento fraco ou moderado de Noroeste.

AMANHÃ

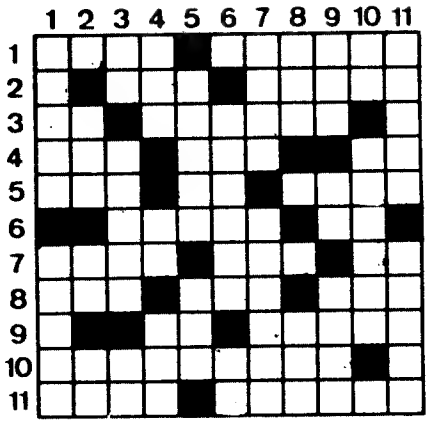
NASCER ÀS 6.11
OCASO ÀS 21.04

DIA 17 DIA 24 DIA 2 DIA 9

EM
S. Pedro do Estoril
o Diário de Lisboa
é vendido por
Porfírio da Silva
Carreira

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 360



HORIZONTAIS:

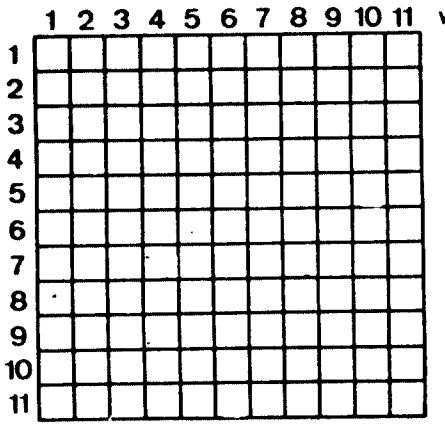
1 Cidade da Galileia. Prevenir.
2 Pronome pessoal. Nome de homem.
3 Bromo (sq). Queridas.
4 Raer. Nome de mulher. Platina (sq).
5 Camareira. Satélite de Júpiter. Bebida do Peru.
6 Comida. Pronome pessoal.
7 Aquele que. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Gálio (s.q).
8 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Acreditei. Cabelos brancos.
9 Oferece. Formai as abas de.
10 Adorar. Artigo definido.
11 Xaile das mulheres indias e persas. Petiza.

VERTICAIS:

1 Serpente. Pronome relativo.
2 Monarca. O mesmo que uma (ant. e pop.). Oferece.
3 Neon (sq). Rocei. Sufixo que designa estado.
4 Fileira. Amónio (sq). Quinhentos e cinquenta e um em romano.
5 Estimais. Designação genérica das plantas herbáceas.
6 Esclarecer com comentários. Tungsténio (sq).
7 Existência. Preparara com ópio.
8 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Botequim.
9 Solitários. Grande ribeira da Ásia Russa. De alto preço.
10 Prefixo de privação. Cravai.
11 Sobeja. Esmonca.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 420



HORIZONTAIS:

1 Animal doméstico. Olé.
2 Estimas. Bromo (sq). Época.
3 Da Rússia. Canto em coro.
4 Assassinar. Ateado.
5 Apelido. Oferecer. Rio da Suíça.
6 Espigais.
7 Curso de água natural e abundante. Sódio (sq). Antes de Cristo.
8 Artigo definido. Pancada na canela da perna.
9 Suástico. Anéis.
10 Medida de superfície. Sufixo que designa abundância. Rádio (sq).
11 Nivelas. Adições.

VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Suplicar.
2 Que é da raça dos mus. Rio de França.
3 Pena. Espaço de trinta dias.
4 Tosta. Aqui.
5 Salários.
6 Povo bárbaro que no século V assolou a Gália e a Península Ibérica.
7 Avaliara. Ósmio (sq).
8 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Nota musical.
9 Que são do ar. Clima.
10 Descrédito. Venera.
11 Teperatura elevada. Emparelhas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 359

HORIZONTAIS:

1 COÇAR. Era.
2 Os. Roas. Coa.
3 Mim. Móis.
4 Esmaiarias.
5 Comias. AR.
6 COMER. AC.
7 Amar.
8 Que. Co. Lo.
9 Urrar. Assas.
10 Era. Imitara.
11 Rompo. Samas.

VERTICAIS:

1 COMEÇO. QUER
2 Siso. Surro.
3 MMMC. Eram.
4 Or. Aios.
5 Cosiam. Brio.
6 Aa. Ases.
7 Rs. Cais.
8 Mia. 9 Ecoaram. Sam.
10 Róis. Calara.
11 Aas. Rosas.

PROVÉRBIO: **COÇAR COMER, COMEÇO QUER.**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 419

HORIZONTAIS:

1 Parca. Solas.
2 Ateara. Rema.
3 Sumo. Aparos.
4 Rã. Aras.
5 Pã. Farpas.
6 Arcar. Be.
7 Alargaras.
8 Avó. Aurora.
9 Ana. Ase. Srs.
10 Dar. Alças.
11 Alancaria.

VERTICAIS:

1 Pás. Pão. Anã.
2 Aturar. An.
3 Rema. Cavada.
4 Cão. Falo. An.
5 Ar. Sara. Arc.
6 Aa. Rãs.
7 Papaguear.
8 Orara. Ar. La.
9 Lerás. Rosca.
10 Amos. Barra.
11 Sãs. Pesasse.

farmácias

Lisboa

Permanente

ARNALI, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **DILENA**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **SANEX**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **PROVIDÊNCIA**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA**, E. de Benfica, 678-E (T. 702552); **ALMEIDA**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **AÇOREANA**, L. Conde Barão, 2 (T. 661330); **CENTRAL DA LAPA**, R. Navegantes, 10 (T. 661734); **BRANCO**, Av. Duque de Loulé, 61-65; **CARRONDO**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **LEITÃO**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051); **CÉSAR FERNANDES**, Az. dos Bezouros, lote R-8.

Reforço

ESPERANÇA, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882868); **BAIRRÃO**, R. Prior do Crato, 27 (T. 661321); **GUERRA**, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **MORÃO**, R. da Assunção, 17-19 (T. 321289); **ZIRA**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 321216); **BELÉM**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **GASPARINHO**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **ALAMEDA**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **J. RIBEIRO**, E. da Luz, 199-A (T. 780969); **MADRE DE DEUS**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **SAGRES**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BRITO**, R do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076); **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466); **LARANJEIRO: A. Araújo**, Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020); **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017); **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: S. Pedro**, Av. Camões, 16 (T. 2311133); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 232137).

Linha de Cascais

ALCABIDECHE: Carvalho. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas: **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**. Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hengar, 3 (T. 260008). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 21 horas; **Cascais**, R. Conde Monte Real, B. Caixas (T. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); **CAMARATE: Nova**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Permanente; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CAMPOS – Rua Padre Luís Cabral, 943, Foz Tel. 68113; **ALVES MOREIRA** – Av. Rodrigues de Freitas, 167. Tel. 51889; **MAIA** – Rua do Campo Alegre-eee, 192. Tel. 64450; **MONTE DOS BURGOS** – Rua do Monte dos Burgos, 802. Tel. 62279. **ALIANÇA – Rua da Conceição, 2. Tel. 24203. BOTELHO** – Rua da Alegria, 863. Tel. 480069; **ESTÁGIO** – Rua Sá da Bandeira, 120. Tel. 22664; **LIDADOR** – Rua do fLidador, 265. Tel. 683739.

De dia e toda a noite)

MENESES DE LIMA – Praça Dr. Pedro Teotónio Pereira, 277. Tel. 51764; **CLÉRIGOS** – Rua dos Clérigos, 36. Tel. 31539; **CRUZ** – Rua de Costa Cabral, 1082. Tel. 48004; **GUARANI** – Rua de Pedro Hispano, 367. Tel. 62250.

Coimbra

SILCAR – R. Fer. Borges, 88-94. Tel. 22923; **S. SEBASTIÃO** – R. António Jardim, Tel. 72802.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A – 18 anos
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
EQUUS
Às 24 horas
BANANAS
SALA B – 18 anos
Às 15, 17, 19, 21.45 e 24
CLUBE DE ASSASSINOS

ALVALADE 897480
Av. de Roma
15.15, 18.15 e 21.30
O expoente máximo em Artes Marciais
FORÇA POR FORÇA
com Cheung Lik, Hsia Wen, Yukio Fomeno
Não ac. a men. 18 anos
2.ª semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
Não ac. men. 13 anos
O GRANDE GATSBY

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 21.30
Não acons. men. 13 anos
Sobreviver no cais era duro mas Bronson era **mais** duro ainda!
O LUTADOR DA RUA
com Charles Bronson, James Coburn
Às 15.30 e 18.30
O ÚLTIMO TANGO EM ZAGROL

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N ac. men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE (BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
6.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
um filme de Randal Kleiser – colorido
GREASE (Brilhantina)
6.ª semana

CASTIL 530194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
M. 18 anos
Lino Ventura e Françoise Fabian em
A MULHER E O PATIFE
O filme de Claude Lelouch
2.ª semana

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
AS SÔFREGAS
Int. men. 18 anos
Pornográfico
Às 24 h – Não acon. men. 13 anos
O RELEJOEIRO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30, 21.30
Não acons. men. 13 anos
O AMOR IMORTAL
Bahra Sharif, Chulan Mohcildin

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
N. ac. men. 18 anos
E DERAM-LHE UMA ESPINGARDA
com Timothy Bottoms e Kathy Fields
Às 23 horas
OS PÁSSAROS

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Int. men 13 anos
A SELA DE PRATA
c/Montgomery Wood
2.ª Semana

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
Às 15.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
BUFALO BILL E OS ÍNDIOS

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Às 21.15 horas
Não acons. men. 13 anos
CAVALEIROS DO ASFALTO

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Hoje estreia às 21.30
Não acons. men. 18 anos
Kabir Bedi, Jeetendra, Numtaz em
SORTILÉGIO DE AMOR
Um filme de Raj Kumar Kohli – colorido
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Últimas exibições do filme
AMERICAN FEVER
Não acons. men. 13 anos

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O REBELDE
(Giordano Bruno)
Com Charlotte Rampling e Gian Maria Volante
3.ª semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
A CARREIRA DE UM SEDUTOR
Desde a inocência à experiência
com Karen Black, Tom Berenger
Susan Strasberg, Alexandra Stewart
2.ª semana

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15 e 21.30
Int. men 13 anos
Se gosta de um bom filme de acção, nao perca!
MORTE DE UM CANALHA
Alain Delon Mireille Darc

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30, 21.30
Para todos
A maior aventura jamais filmada!
A CONQUISTA DO OESTE
70 m/m
com Henry Fonda, Gregory Peck, Carroll Baker
O filme dos 3 «Oscars»

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30 e 18.45
Não acons. men. 18 anos
UM CASAMENTO
c/Vittório Gassman-Mia Farrox

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
3 sessões: 15.15, 18.15, 21.30
Interdito a men. 13 anos
O indomável foragido
ÓDIO VELHO
Charles Bronson, Liv Ulmann, James Mason, Jill Ireland

MONTECARLO Tel. 881117
A. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30 e 18.30
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
Às 21.30 – Estreia
TARZAN E A CAÇADORA
Um filme de Kurt Newmann
Class.: Para todos
(Estacionamento privativo)

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
KOJAK, O DETECTIVE
Duas foram assassinadas... qual será a próxima?
Com Telly Savalas, Marjoe Gorthel e José Ferrer

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
LED ZEPPELIN
num concerto ao vivo em
ROCK É ROCK MESMO
ATENÇÃO: O filme começará a ser projectado logo no início das sessões

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30
Interdito men. 13 anos
A VERDADEIRA HISTÓRIA DE FRANKENSTEIN
com James Mason, Jane Gaynor

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
UMA MULHER EM SEGUNDA MÃO
Impressionante – Chocante – Comovente

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Robert Redford e Faye Dunaway em
OS TRÊS DIAS DO CONDOR
Um filme de Sydney Pollack
TECHNICOLOR
Interdito men. 13 anos

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. a men. 18 anos
A CORRIDA DA MORTE DO ANO 2000

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19, 21 e 23
Int. men. 13 anos
M. MATOU
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 anos
JONAS
SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
UM DIA DE PRAIA
Realiz. Sergio Citti
SALA 4
Às 15, 17, 19, 21 e 23
Não acons. men. 13 anos
DR. ESTRANHO AMOR

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
... 21.30
Interd... 13 anos
O REGRESSO DOS HERÓIS

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote ...
Às ... e 21.30 h
Não acon... 18 anos
Edwige ... e não só...!
O VÍCIO ... FAMÍLIA
uma ... comédia
com Edwige ... e não só

ROXY 548560
Av. Almirante Reis ...
Às ... 18.45 e 21.30
... Yung em
O REGRESSO DO DRAGÃO
Um filme ... Meng-Hua
...
Não ... 18 anos
...

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade ...
Às ... e 21.30
A terna histó... amor apaixo-...
UM AMOR EM NEW YORK
Paul ... Ditchburn
Não ac. ... 13 anos
...

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Hoje e amanhã às ..., 17, 19 e 21.30 h.
Interdito men. 13 anos
Entre a sua felicidade e a do filho ...
... o amor sacrificado de uma mãe!
DESTINOS OPOSTOS
Marlène Jobert - Philippe Léotard
Nas tardes projecção do filme 5 minutos após o início das sessões

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro 14-C
Int. men. 13 anos
Às 14.30, 17.30, 21.30
OS NOVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti, Alberto Sordi e Ugo Tognazzi

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h — Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Com Dustin Hoffman e Vanessa Redgrave
7.ª SEMANA

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
GREASE (BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
6.ª semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
Não acon. men. 18 anos
ARIZONA COLT
com Montgomery Wood e Corinne Marchand

ZODÍACO
R. Conde Redondo, 5
14.15, 16.30, 19 e 21.30
2.ª semana
Nao ac. men 13 anos
UM ITALIANO EM NOVA IORQUE
com Marcelo Mastroiani

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
Ciclo ROBERT MULLIGAN
Filme: **EM BUSCA DA FELICIDADE**
Classificação: Maiores de 17 anos
Sessões: 15.15, 18.15, 21.15 horas
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural

teatros

Lisboa

CASA DA COMÉDIA – «Faztudo, Faz-Tudo» 21.30 (13anos)
MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
D. MARIA II – «A Bisbilhoteira», às 21.45 (6 anos)
VARIEDADES – «Tu e Eu Somos 3», às 21.45 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Família», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Corpo Delito na Sala de Espelhos», às 21.30 (18 anos)
A BARRACA – «D. João VI» às 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES – «Que Grandé Bronca» 21 45 (13 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

OLÍMPIA – «Atributos Sexuais» sessões permanentes (18 anos)
CINEARTE – «Aquele Verso» 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «As Devassas», às 19. 21 e 23 (18 anos)
PROMOTORA – «Um Homem Duas Mulheres» 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «Um Cadáver à Sobremesa» 21.30 (13 anos)
PARIS – «O Quebra Ossos» 21.30 (13 anos)

outros cinemas

Linha de Sintra

SINTRA – Carlos Manuel – «Cheiro a Carne», às 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Passagem», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «2001, Odisseia no Espaço», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «O Comboio dos Duros», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Cavaleiros do Asfalto», às 17.00 e 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Califórnia Suite», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «O Toque da Medusa», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – S. José «Lucio Flávio, o Passageiro da Agonia» 21.45 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «Os Comandos da Morte», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Incrível – «Testemunha na Ratoeira», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «O Homem de Duas Faces», às 21.15 (13 anos)
SACAVÉM – S. José – «A Esposa Virgem», às 21.30 (18 anos)
PÓVOA DE ST. ADRIÃO – S. José – «O Belo Animal», às 21.30 (13 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO – «Adeus Emmanuell» 21.45 (18 anos)

BATALHA — «Golpe de Estado» 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Direita Volver», às 22.00 (13 anos)
TRINDADE – «A Laranja Mecânica» 21.30 (18 anos)
ESTUDIO – «A Porta ao Fundo do Corredor», às 21.45 (18 anos)
ÁGUIA – «A Fúria do Dragão» 21.30 (18 anos)
S. JOÃO — «Grease», às 21.30 (13 anos)
LUMIARE-L – «Quando o Amor se Torna Lenda» 21.45 (13 anos)
LUMIÉRE – Sala A «O Mistério de Agatha» 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ – «A Última Sessão», às 21.45
CHARLOT – «As Mais Doces Confissões» 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «O Super Dinâmico», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS -- «Não me Puxes os Collants» 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «A Sela de Prata», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Dersu Uzala, a Águia da Estepe» 21.30 (13 anos)
TERÇO — «Quo Vadis» 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Batalha no Espaço 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Alô Lisboa ... Daqui Porto» 21.30 (18 anos)

Coimbra

SOUSA BASTOS – «Noite de Silêncio, Noite de Sangue» 21.30 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 684531/2/3
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154/5 328271/2/3 328229 372/81/2
PUBLICIDADE 368740
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154
MENSAGENS GRAVADAS 328229
• ENDEREÇO TELEGRAFICO DIRGA TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 38 2.º TELEFONES 20004/5

CONFIRMADO ESTA MANHÃ PELO "DL"

Dois milhões de balas portuguesas para Somoza

Um avião procedente de Lisboa com material bélico destinado à Nicarágua, foi ontem confiscado pelo Governo da Honduras. Segundo a Frente Sandinista de Libertação Nacional a operaão de transporte foi controlada pela CIA. Enquanto o Ministério dos Negócios Estrangeiros dizia esta manhã não ter conhecimento de nada o EstadoMaior-General das Forças Armadas confirmava que tinham sido ultimamente vendidas à Nicarágua, por uma empresa da especialida (Norte – Importadora?) dois milhões de balas 7.62, próprias para «G-3».

A notícia deste transporte de armas a partir de Lisboa foi dada pela agência espanhola EFE (citando os sandinistas) e é hoje veiculada pela agência ANOP.

Aliás, os opositores de Somoza avançam pormenores: o avião de transporte agora apresado pertence à companhia «Cargosur»; quando o aparelho ficou retido nas Honduras, o presidente nicaraguense passou a pedir, de Manágua, o carregamento que o avião transportava.

Colocada a questão ao presidente da Junta Militar que Governa as Honduras, general Policarpo Paz Garcia, este declarou aos jornalistas da EFE que o seu país continua a assumir uma posição neutral no conflito armado da Nicarágua. O general procurou desmentir, deste modo, rumores provenientes de sectores hondurenhos de esquerda, pró-sandinistas, segundo os quais o Exército das Honduras estaria a favor de Somoza e pressionando os guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional nos quase mil quilómetros de fronteira comum.

Não obstante, o Comité Panamiano de Solidariedade com a Nicarágua voltou ontem a denunciar a presumível ingerência das Honduras, materializada no livre trânsito de aviões com carregamentos de armas para Anastasio Somoza, e tropas fazendo pressão sobre os guerrilheiros sandinistas nas zonas fronteiriças e, inclusivamente, em território da Nicarágua.

Entretanto, um porta-voz do EMGFA admite que a operação da companhia transportadora «Cargosur» se deve relacionar com os dois milhões de balas (munições excedentárias do Exército português) vendidas através de tal empresa especializada, desconhecendo em todo o caso se as balas foram transportadas todas «de uma vez» ou se, como é normal, esta foi apenas uma fase da operação.

Por ironia sabe-se que a venda das munições à Norte – Importadora(?) se verificou justamente no dia 25 de Abril passado. É sabido que o EMGFA pode impedir a exportação deste tipo de material desde que considere, por exemplo, não ser conveniente a sua utilização por este ou aquele país. Não obstante, Somoza parece não ter merecido o «veto» das autoridades portuguesas.

DESDE A ÚLTIMA TERÇA-FEIRA

Comerciantes "sabotam" lotas e pescadores não vão ao mar

• Toneladas de peixe pela borda fora

Os pescadores do sector de cerco de Portimão, Peniche e Póvoa de Varzim continuavam esta manhã a greve iniciada na última terça-feira, devido «à recusa de compra do pescado por parte dos comerciantes, na maior parte do País, na sequência da publicação de um decreto que aplica uma taxa de dois por cento sobre o peixe adquirido». A primeira acção dos pescadores, face à atitude dos comerciantes nas lotas, cifrou-se no lançamento ao mar de todo o peixe (sobretudo sardinha) capturado tanto naqueles três portos como também Peniche.

Responsabilizando o secretário de Estado das Pescas, João Albuquerque, pela situação criada ao pretender «destruir o que ainda resta de bom nas pescas», os sindicatos do sector fazem jus em realçar que «a interrupção de trabalho não deve ser tida como uma greve de solidariedade com os comerciantes nem a sua responsabilidade atribuída aos trabalhadores e à sua organização sindical».

Numa moção aprovada ontem num plenário, e que irá ser entregue aos diferentes órgãos de soberania, os pescadores de Portimão afirmam-se dispostos a «apoiar uma política que vise reduzir ou anular a especulação no sector, de forma a garantir o normal abastecimento de peixe a toda a população, a preços acessíveis», considerando, no entanto, «não ser com leis como a que estabelece a taxa e sem se criarem estruturas alternativas que se pode conseguir tal objectivo».

Os pescadores algarvios acusam, por outro lado, o Governo demitido de Mota Pinto «de prosseguir coerentemente a política de um executivo que procurou fazer que a saída da crise económica recaísse abusivamente sobre os trabalhadores, que não são responsáveis por ela».

Entretanto, o presidente do Sindicato de Pescadores de Portimão, Marcolino Jorge, afirmaria esta manhã ao «DL» que a paralisação só será levantada «quando o Governo der garantias absolutas de escoamento do pescado».

Mineiros da Panasqueira podem agravar formas de luta

Os trabalhadores das minas da Panasqueira realizaram, ao fim da manhã de hoje, um plenário para decidirem quais as formas de luta a adoptar face à ruptura das negociações com a administração, verificada na terça-feira.

Segundo nos foi possível apurar, essas formas de luta deveriam representar, de qualquer modo, um agravamento sensível das que haviam sido praticadas na semana passada: ocupação, durante dois dias, do fundo da mina.

A ruptura esta semana verificada nas negociações fez radicalizar ainda mais os já exaltados ânimos dos sacrificados trabalhadores das Minas da Panasqueira e que a administração da Beralt Tin and Wolfram pretende explorar mais acentuadamente.

Assim, a administração daquela multinacional pretende agora consagrar o trabalho aos sábados, o que já tinha sido abolido. Nas negociações havidas esta semana, os representantes dos trabalhadores continuaram a defender aumentos salariais de 18 por cento, com retroactividade a 1 de Janeiro do ano corrente, consagração das diuturnidades e retroactivos idênticos do subsídio de alimentação.

No entanto, tornaram-se mais maleáveis no que respeita ao trabalho aos sábados: aceitaram-no, com a condição de ser alternado semanalmente, com descanso à segunda-feira e pagamento de um subsídio de compensação de 1200 escudos.

Manifesto de Marx e Engels em leilão

Uma primeira edição do Manifesto Comunista de Karl Marx deverá ser leiloada em Paris no dia 4 do mês que vem, noticia a ANOP num despacho datado da capital francesa.

A edição, de 23 páginas, está avaliada em mais de 50 mil dólares (cerca de dois mil e quinhentos contos) e foi publicada em alemão há 31 anos, em Londres, onde o autor do «manifesto» vivia exilado.

No leilão, a efectuar na sala grande do Hotel Drout, será a segunda vez que uma primeira edição do Manifesto Comunista será vendida na Europa desde a II Guerra Mundial.

PROFESSORES DO NORTE

Estatutos à espera da 2.ª volta

PORTO, 15 – Por nenhum dos cinco projectos de estatutos ter recolhido os necessários 75 por cento, os professores da Zona Norte vão ter que voltar às urnas, talvez no dia 26 como está previsto, para escolher definitivamente o projecto desejado. Desta vez, a votação recairá apenas sobre os dois projectos mais votados, na quarta-feira: o «A», subscrito pela Direcção, que obteve 2867 votos, 69,2 por cento, e o «F» proposto por defensores do Movimento Sindical Unitário, que recolheu 1021 votos, 24,6 por cento. Os restantes projectos: «B» - 1,1, «C/E» - 2,27, e «D» -0,14.

(Hoje 20 páginas)

FUNDADOR DAS LIGAS CAMPONESAS NO BRASIL

Francisco Julião em Lisboa

• Trabalhistas brasileiros exigem "amnistia total"

«Estamos muito felizes e agradecidos aos companheiros brasileiros por terem escolhido Lisboa para sede deste encontro» afirmou esta manhã Mário Soares num breve discurso que antecedeu o início dos trabahos do Encontro dos trabalhistas do Brasil com os trabalhistas no Exílio que decorre na sede do PS ao Rato, até ao próximo dia 17.

O encontro visa a reorganização do partido Trabalhista brasileiro e conta com a participação de setenta delegados vindos do Brasil e outros sessenta actualmente no exílio. No decorrer do dia de hoje será analisada a conjuntura brasileira. Leonel Brizola, secretário-geral do Partido Trabalhista brasileiro preside aos trabalhos encontrando-se presentes conhecidas figuras da resistência brasileira nomeadamente Francisco Julião, Doutel de Andrade Oswaldo Lima Filho, Lisânias Maciel entre muitos outros. Os grandes objectivos da actual fase histórica brasileira são o fim do regime ditatorial e a conquista do estado de Direito e das liberdades democráticas. Para alcançar estes objectivos os trabalhistas brasileiros batem-se pela conquista de uma amnistia ampla, geral e irrestrita; liberdades democráticas com a livre organização política e sindical; o fim dos organismos de repressão e espionagem, a plena vigência do Estado de Direito e das prerrogativas do Judiciário e do Legislativo.

Esta manhã: o abraço entre Julião e Brizola. Soares no papel de anfitrião

A democratização do Brasil passa ainda pela convocação para uma Assembleia Nacional Constituinte destinada a elaborar uma nova Constituição da República; entendimento das reivindicações formuladas no curso das recentes greves e movimentações dos trabalhadores; contenção do custo de vida, do endividamento externo galopante e pela desnacionalização da economia e fim da hipoteca da soberania nacional.

FRANCISCO JULIÃO DEFENDE AMNISTIA TOTAL

«Sempre encarei a vida do povo pelo lado da esperança» afirmou esta manhã Francisco Julião, organizador das ligas camponesas do Brasil actualmente no exílio. Ao ser interrogado pelo «DL» sobre o seu provável regresso ao Brasil ainda este ano, Francisco Julião afirmou que tal só acontecerá se for dada uma amnistia total «no caso de uma amnistia fraccionária o meu regresso não se verificará. Quero voltar com todos os brasileiros que actualmente se encontram no exílio».

Recorda-se que a primeira liga camponesa surgiu em 1955 e tinha como objectivo, segundo palavras de Francisco Julião, «unificar os camponeses sem terra e os que a possuíam em pequena quantidade não só no Nordeste como em todo o Brasil». Em 1961 em consequência das ligas camponesas, o governo brasileiro foi obrigado a decretar a sindicalizaçao rural até então considerada subversiva. Criaram-se assim as condições para a efectivação da Reforma Agrária. O golpe fascista de 1964 veio destroçar quase completamente as lutas camponesas.

Actualmente Francisco Julião encontra-se no México onde se tem dedicado desde há anos a um trabalho sobre Zapata e a sua época histórica que segundo nos informou publicará em breve. Os trabalhos de investigação histórica têm sido retardados pela acção política de Julião como militante do Partido Trabalhista Brasileiro.

CASA DA SORTE
Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:
1.º PRÉMIO – 28 007 – 12000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 38 452 – 2400 CONTOS
3.º PRÉMIO – 13 220 – 1200 CONTOS
A sorte grande foi vendida aos balcões da CASA DA SORTE
... para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA PORTO COIMBRA BRAGA SETÚBAL

MOTOPEÇAS
FÉRIAS
TEMPOS LIVRES
CAMPANHA DE FÉRIAS!
MOTOPEÇAS CAMPISMO
TENDA E ATRELADOS André JAMET
COM 15% DESCONTOS!
RESTANTE MATERIAL COM DESCONTO DE 10%
Rua António Enes, 23 (à Av. Duque de Ávila)
1000 LISBOA — Telefone 53 96 20
HORÁRIO
2.ª A 6.ª FEIRA: DAS 10 ÀS 20 HORAS
SÁBADO: DAS 10 ÀS 17 HORAS

JOGOS DE MAPLES
E SOFÁS-CAMA
COMPRE NO FABRICANTE
TEMOS EM EXPOSIÇÃO GRANDE VARIEDADE E EXECUTAMOS TODOS OS MODELOS
FACILIDADES DE PAGAMENTO
REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS
AV. ALMIRANTE REIS, 110
(DEFRONTE DA CERVEJARIA PORTUGÁLIA)

APARTAMENTOS ALGARVE
FÉRIAS VERÃO PRAIA
"FORTE S. JOÃO" e "AREIAS DO MAR" — ALBUFEIRA
"VILAMAR" — VILAMOURA
"PLANFÉRIAS" — QUARTEIRA
NÚMERO LIMITADO DE APARTAMENTOS
INSCREVA-SE JÁ!
INFORMACOES E RESERVAS
abreu
fundada em 1840
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 270 11/2
FARO: Av. da República, 124 • Telefs. 25035/6

FÉRIAS NO
ALGARVE
VERÃO
APARTAMENTOS E MORADIAS
Praia D. Ana — LAGOS
CARVOEIRO
Alcantarilha — ARMAÇÃO DE PÊRA
Bemposta — PRAIA DA ROCHA
disponibilidades ainda em Junho/Julho/Agosto/Setembro
nos feriados de Junho são possíveis estadias de 4/5 dias
preços desde 200$ pessoa/dia
informações e reservas:
Europeia
• A EXPERIÊNCIA AO SERVIÇO DO TURISMO •
Av. da Liberdade, 233 • 1252 LISBOA Codex • Tel. 536121
Rua Rosa Araújo, 19 • 1252 LISBOA Codex • Tel. 561141
Av. Tomaz Cabreira • Vivenda Sant'Ana • Praia da Rocha 8500 PORTIMÃO Tel 23377
membro WATA em Portugal

Entrevista com os "People's Music"

Págs. 4 e 5

Morreu o "Duke"

Pág. 3

Ciclo da Casa da Imprensa:

O Quarteto já nos habituou, durante o período de Verão, a romper com a sua actividade habitual de vulgar (embora criteriosa) exibição comercial de filmes para dar lugar a iniciativas várias de tipo para-festivaleiro. Foi a Quinzena dos Realizadores, as Perspectivas do Cinema Francês, é, este ano, o Ciclo da Casa da Imprensa.
Durante quinze dias, as quatro salas da Rua Flores do Lima vão exibir nada menos que cinquenta e oito filmes distribuídos por quatro ciclos.

Quinze dias de cinema para todos os gostos

Um ciclo **western** onde os cinéfilos lisboetas poderão encontrar alguns dos traços dominantes que atravessaram esse género cinematográfico nos últimos vinte e cinco anos: clássicos como **Shane** de George Stevens, **Rio Bravo** de Howard Hawks ou **O Homem que Matou Liberty Valance** de John Ford estarão contrapostos a tentativas de renovação como **O Vale do Fugitivo** de Abraham Polonsky, **Aconteceu no Oeste** de Sérgio Leone ou **Pequeno Grande Homem** de Arthur Penn e até a falhanços honrosos como **Desafio à Coragem** de Richard Brooks ou **Soldado Azul** de Ralh Nelson.
Um ciclo dedicado ao musical americano também estará presente. Menos coerente que o ciclo **western** (limitações de películas disponíveis na distribuição portuguesa a isso obrigam), nele cabem porém alguns dos seus marcos fundamentais (pena que não anteriores aos anos 50) como **Um Dia em Nova Iorque** e **Serenata à Chuva** de Stanley Donen e Gene Kelly ou **Um Americano em Paris** e **A Roda da Fortuna** de Vincente Minnelli, não esquecendo um dos momentos fulcrais dos anos 60 (**West Side Stroy** de Robert Wise) e, talvez, o mais conseguido **musical** da década que ora finda (**New York, New York** de Martin Scorsese).
Infelizmente o ciclo inclui algumas gritantes mediocridades cuja vizinhança com os nomes que atrás se citaram é ouco compreensível; é o caso de **Car Wash** de Michael Schultz ou **Graças aDeus é Sexta-Feira**, duas inanidades incluídos no som **disco** que nos vem poluindo nos últimos tempos.
Mas se o cinema americano parece ocupar um bom espaço, os cineastas europeus não foram esquecidos e com destacável ecletismo: oito países representados (Espanha, França, URSS, Itália, RFA, Hungria, Suíça e Polónia) e um conjunto de filmes de óptimo nível. A destacar algumas antestreias (**A Árvore de Guernica** de Arrabal, **O Cartaz Vermelho** de Frank Cassenti, **Ascensão** de Larissa Chepitko e **Dias Frios** de András Kovács são as mais importantes mas não as únicas), a oportunidade de ver filmes que, aquando da estreia, passaram, injustamente, com uma meteórica velocidade pelas salas onde se exibiam (caso de **Jogos Perigosos** de R. W. Fassbinder, **Amor** de Karoly Makk, **Terra Prometida** de Andrzej Wajda ou **O Jogo da Fortuna e do Azar** de Luigi Comencini) ou, ainda, as hipóteses de rever merecidos sucessos (como **Vícios Privados, Públicas Virtudes** de Miklos Jancsó, **Perfume de Mulher** de Dino Risi ou **Delito de Amor** de L. Comencini).
E também há cinema cá do burgo. Se ainda não é «a hora e a vez do cinema português», pode dizer-se que a série de antestreias programadas é curiosa. **A Fuga** de Luís Rocha é, sem dúvida, o filme mais esperado do lote, para além das médias-metragens **Nem Pássaro nem Peixe** de Solveig Nordlund e **Ma Femme Chamada Bicho** de José Álvaro Morais, já exibidas na RTP-2 mas que agora poderemos ver na situação para que foram concebidas: um **écran** de cinema.
Se exceptuarmos **Máscaras** de Noémia Delgado (um curioso, embora longo e não-comercial, levantamento cinematográfico das máscaras populares do nordeste transmontano) e **O Peixinho Vermelho**, primeiro trabalho de António Drago, as informações abalizadas que me chegam dos restantes filmes (dois de Luís Couto, **Lerpar e Madrugada** e um de António Macedo, **O Princípio da Sabedoria**) não são de molde a esperar grandes supresas. De qualquer modo «ver para crer», lá dizia o S. Tomé que nem era cinéfilo mas não era parvo.
Quinze dias de bom cinema (orquestrado pela mão serena e competente de Manuel Machado da Luz, o responsável pela selecção deste ano) eis o que nos espera no Quarteto. Lá nos encontraremos todos, entre dois filmes, duas bicas ou duas polémicas.

J.L.R.

Miklos Jancso, o mais importante realizador húngaro, presente através do seu único sucesso português: «Vícios privados, públicas virtudes».

Gene Kelly e Cyd Charisse num momento da supercélebre «Serenata à chuva»

AGENDA DL SEMANAL DOS TEMPOS LIVRES ESPECTÁCULO, ARTE, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete PONTO sete

suplemento semanal

TV/PONTO **televisão** 6

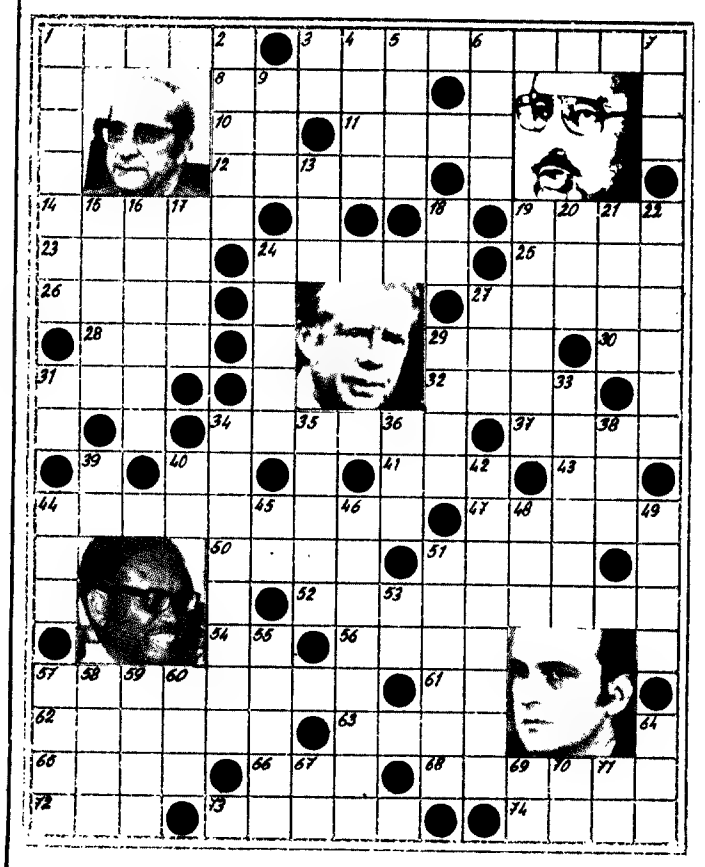
CINE/PONTO **cinema** jorge leitão ramos 3

caixa do PONTO **teatro** carlos porto 4

GIRA DISCO **música** manuel anta 5

Lisboa, 15 a 21 de Junho de 1979

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/14 Pelo seu papel de incansável lutador pela PAz, este general, foi distinguido pela Câmara Municipal de Portimão com a medalha de ouro da cidade; 6/19 Com acordo sobre o reforço da cooperação mútua, terminou há dias em Luanda a primeira cimeira das cinco antigas colónias portuguesas de África, onde este dirigente político africano esteve presente; 8 Apelido; 10 Idem. 11 Freguesia do concelho de Castelo Branco; 12 Gorgulhos tropicais; 23 Escavados; 24/34 O porta-voz da Casa Branca, Rex Granum confirmou que este presidente americano decidiu lançar o programa de fabricação do míssil «MX», um novo engenho intercontinental de grande potência; 25 Sacrifica; 28 Estou; 29 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital; 30 Antigo Testamento; 31 Pronome pessoal; 32 Criança Francesa célebre pelo seu heroísmo; 37 Gostas muito de; 40 Rádio (s.q.); 41 Hora canónica correspondente às quinze horas; 43 Érbio (s.q.); 44/47/57 Foi mandado arquivar o processo movido contra este director do semanário «Expresso» a propósito do caso dos sete mil contos que foram depositados na Suíça por um membro do Governo; 50 Nome do trono imperial da Etiópia; 51 Freguesia do concelho de Barcelos; 52/68 Guerrilheiros sandinistas e tropas governamentais travaram violentos combates nas ruas de Manágua onde pretendem derrubar o governo deste presidente indesejável; 54 Apelido; 56 Tosquia; 61 Clima; 62 Mistura; 63 Desmoronava-se; 65 Favorece; 66 Faça doação de; 72 Época; 73 Tecido de algodão ou linho muito transparente; 74 A Pérsia.

VERTICAIS:

1 Pessoa que leva vida regalada (pl. e pop.); 2 Despachas; 3 O mais; 4 Gomo (prov); 5 Rezas; 6 Após; 7 Freguesia do concelho de Amarante; 9 Passado; 13 Monarca; 15 Poente; 16 Lento; 17 Personagem bíblica irmão gémeo de Jacob; 18 Acrescentando uma vogal, é ilha da costa francesa do Atlântico; 19 Requesta; 20 Boato (fig); 21 Louca; 22 Loucos; 24 Torneio; 27 Czar da Rússia cognominado «O Terrível»; 29 Descerro; 31 Nosso Senhor; 33 Aprazíveis; 34 Apanhasses; 35 Briga; 36 Cidade da Turquia no delta do rio Mariza; 38 Artigo; 39 Crómio (s.q.); 40 Rado (s.q.); 42 Tocarão apito; 44 Familiar; 45 Acrescentando uma vogal é rei lendário de Tróia; 46 Poetas; 48 Cólera; 49 Freguesia do concelho de Santa Comba Dão; 51 Tostais; 53 Preposição e artigo; 55 Querida; 57 Cidade da Áustria; 58 Grande afeição; 59 Latada; 60 Sua Senhoria; 64 Freguesia do concelho de Esposende; 67 Ósmio (s.q.); 69 Nota musical; 70 Sufixo que designa estado; 71 Letra árabe.

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/14 COSTA GOMES; 3/19 AGOSTINHO NETO; 8 Vilar; 10 Id; 11 Mata; 12 Aoros; 23 Ocos; 24/34 JIMMY CARTER; 25 Imola; 28 Sou; 29 Avô; 30 AT; 31 Nós; 32 Bara; 37 Amas; 40 Ra; 41 Noa; 43 Er; 44/47/57 FRANCISCO PINTO BALSEMÃO; 50 Alga; 51 Airó; 52/68 ANASTÁSIO SOMOZA; 54 Sa; 56 Tosa; 61 Ar; 62 Amassa; 63 Ruia; 65 Dota; 66 Doe; 72 Era; 73 Cassa; 74 Irão.

VERTICAIS:

1 Cónegos; 2 Avias; 3 Al; 4 Gomo; 5 Oras; 6 Trás; 7 Olo; 9 Ido; 13 Rei; 15 Ocaso; 16 Moroso; 17 Esaú; 18 Yeu; 19 Namora; 20 Eco; 21 Tola; 22 Orates; 24 Justa; 27 Ivã; 29 Abro; 31 NS; 33 Amenos; 34 Caçasses; 35 Rusga; 36 Eno; 38 Art; 39 Cr. 40 Rn; 42 Apitarão; 44 Fam; 45 Ilo; 46 Cantores; 48 Ira; 49 Ovoa; 51 Assais; 53 Ao; 55 Amada; 57 Bade; 58 Amor; 59 Lata; 60 SSa; 64 Fão; 67 Os; 69 Mi; 70 Or; 71 Za.

Uma Mulher em Segunda Mão

SENTA BERGER * RENA NIEHAUS * BRUNO VALENTE

N/acon men 18 anos

Realizador PINO TOSINI

Diário de Lisboa

a notícia e a opinião
o dia a dia do País
a economia das coisas
a poesia das coisas
a poesia das crianças
a poesia dos apaixonados
mais coisas com mais poesia

15 A 29 DE JUNHO DE 1979 ● CINEMA QUARTETO

XVI CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA

4 CICLOS ● 58 FILMES ● 16 ANTESTREIAS

DIAS	HORÁRIO	SALA 1	SALA 2	SALA 3	SALA 4
15	21 15	SHANE	GOOSPELL	O DISFARCE	UMA CANTA, A OUTRA NÃO
16	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	RIO BRAVO*	A RODA DA FORTUNA	AMOR	A ALCOVA DO BISPO
17	(*?) 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	UM HOMEM	WEST SIDE STORY**	NOITE SOBRE O CHILE	JOGOS PERIGOSOS
18	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	CARAVANA DE MULHERES	VOLTANDO AOS BONS TEMPOS	ASCENSAO	O ENIGMA DE KASPAR HAUSER
19	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	SOLDADO AZUL	CAR WASH	A ÁRVORE DE GUERNICA	TERRA PROMETIDA**
20	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	O VALE DO FUGITIVO	OS MARIDOS DE ELISABETH**	O CARTAZ VERMELHO	O JOGO DA FORTUNA E DO AZAR
21	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	DUELO DE FOGO	SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS	QUINTA-FEIRA TRAGICA	DELITO DE AMOR
22	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15	OS PROFISSIONAIS	HOLLYWOOD HOLLYWOOD	A CANÇÃO DE BRUNO S	VÍCIOS PRIVADOS, PUBLICAS VIRTUDES
23	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	O ULTIMO COMBOIO DE GUN HILL	SERENATA A CHUVA	O PRINCÍPIO DA SABEDORIA*	TIO VANIA
24	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE	NEW YORK, NEW YORK	MASCARAS	UM HOMEM E TRÊS MULHERES
25	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	DESAFIO À CORAGEM	ISTO É ESPECTACULO	O PEIXINHO VERMELHO MADRUGADA	DIAS FRIOS
26	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	ACONTECEU NO OESTE**	UM DIA EM NOVA YORK	LERPAR	PERFUME DE MULHER
27	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	HONRA A UM HOMEM MAU	UM AMERICANO EM PARIS	A FUGA	A SEGUNDA DIMENSAO
28	14 30 - 16 45 - 19 00 21 15 - 23 30	O PEQUENO GRANDE HOMEM**	GRAÇAS A DEUS E 6ª FEIRA	NEM PASSARO NEM PEIXE MA FEMME CHAMADA BICHO	A HONRA PERDIDA DE KATHARINA BLUM
29	14 30 - 16 45 - 19 00				

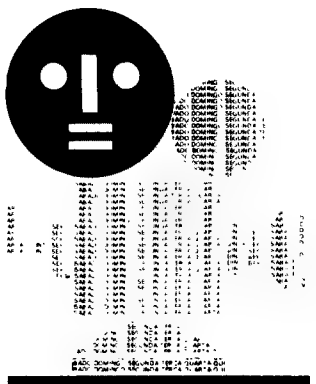
* HORÁRIO ESPECIAL (14 00 - 16 30 - 19 00 - 21 30 - 24 00) **HORÁRIO ESPECIAL (14 30 - 18 00 21 00 - 24 00)

15 A 29 DE JUNHO DE 1979 ● CINEMA QUARTETO

XVI CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA

4 CICLOS ● 58 FILMES ● 16 ANTESTREIAS

Cinema



CINE/PONTO

UM AMOR EM NEW YORK
de John G. Avildsen
(USA — 1978)

Uma das (moderadas) surpresas deste começo de Verão/79. John G. Avildsen (lembram-se de **Rocky?**) investe dinheiro, esforço e inventiva num filme que se constrói por sobre um argumento superbanal.
A história é, porém, contada com tal **métier** que é possível esquecer os rodriguinhos e a pieguice e atentar apenas ao prazer de ver/ouvir a forma como nos é comunicada. Para mais, a revelação (portuguesa) de um actor de excepção: Paul Sorvino.

Cinema S. Jorge (15.15, 18.30 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

O REBELDE
de Giuliano Montaldo
(França - Itália — 1973)

A História requentada e dividida, em bom jeito maniqueu, em bons e maus. Giordano Bruno é a vítima/herói da ficção que nada nos diz sobre a sua importância real no contexto renascentista. Um filme que testemunha a **moda** do filme político-comercial que invadiu a itália no princípio da década. Gian Maria Volonté, a vedeta de esquerda desse género duvidoso lá está, emprestando o rosto e garantindo o aval.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

EQUUS
de Sidney Lumet
(G.B. — Canadá — 1977)

Quase-teatro, quase-cinema, **Equus** é um filme preso nas malhas desse meio termo. Incapaz de se decidir, esta película acaba por falhar, sendo, porém, os seus inegáveis erros extremamente interessantes de analisar. Nos limites do discurso intimista, pedra angular de muito teatro anglo-saxão, **Equus** é um filme de uma honestidade basilar.

Cinema ABCine
(Não acons. men. 18 anos)

O CÉU PODE ESPERAR
de Warren Beatty e Buck Henry
(USA — 1978)

Comparam-no vagamente a Orson Welles e a Woody Allen e aí esteve a sua perda. O mal deste filme está na tentativa vã de o hipervalorizar culturalmente quando é muito óbvio que Beatty não pretendeu mais que uma película escorreita, agradável, comercial. Conseguiu-o: **O Céu Pode Esperar** é um entertenimento simpático e inofensivo. Ver nele mais do que isso é que me parece incurável miopia.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

UM CASAMENTO
de Robert Altman
(USA — 1978)

Porque recuso alinhar numa ficção toda centrada no desprezo que o realizador sente face á globalidade dos seus personagens e porque não considero esse sentimento uma forma útil e justa, ética e politicamente, de crítica social, prefiro distanciar-me marcadamente deste **Um Casamento.** Apesar de muitos o considerarem uma obra-prima, apesar do sucesso de público que está a obter.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h)
(Não acons. men. 18 anos)

BRILHANTINA
de Randal Kleiser
(USA — 1978)

Expoente acabado da recuperação do **rock** através do som **disco,** campeão do esquecimento por sobre uma melopeia inútil e indistinta (do tipo «vira o disco e toca o mesmo»), o mito-Travolta aí está a fazer dinheiro aos rodos. Está certo: **Brilhantina** não é um filme mas uma **slot-machine** (para os seus proprietários, claro).

Cinemas Caleidoscópio, Berna e Tivoli (14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

Morreu o "Duke"

John Wayne, em «Os Cowboys», 1972

John Wayne, falecido em Los Angeles na passada segunda-feira, participou, em 48 anos de carreira, em mais de 200 filmes, que importaram para Hollywood em mais de 700 milhões de dólares (cerca de 35 mil milhões de contos).
Um único «Oscar» consagrou a sua carreira. Foi considerado o melhor actor do ano em 1969, pelo seu desempenho de «sheriff» Rooster Cogburn, em «True Grit», de Henri Hathaway.

Aquele a quem chamavam «Duke», que travara tantas batalhas no écran, lutava contra a morte há vários meses, depois de a ter vencido pela primeira vez há quinze anos. John Wayne foi vítima de um cancro em Setembro de 1964 e sofrera a ablação do pulmão esquerdo. Uma operação de coração aberto em 1978 e posteriormente um cancro no estômago em meados de Janeiro de 1979, transformaram este lendário comediante numa personagem envelhecida e alquebrada, de rosto arruinado. O «cowboy» de Hollywood conseguira sempre recuperar. Assistira à entrega dos «Oscares» em 9 de Abril, regressara novamente no dia 1 de Maio ao Centro Médico da Universidade de Los Angeles, para saber que as células cancerosas se tinham disseminado no organismo e submeter-se a uma nova operação aos intestinos.

John Wayne nasceu no dia 26 de Maio de 1907 em Iowa, filho de um pai trabalhador e de mãe irlandesa. Do seu verdadeiro nome Marion Michael Morrison, emigra em criança com a família para a Califórnia e quando entra na escola, a sua elevada estatura leva à sua imediata admissão na equipa de futebol americano.

Depois de desempenhar diversos trabalhos na Fox Film Corporation, desempenha os primeiros papéis graças a John Ford, que o utiliza nos seus filmes mudos, como é o caso de «Hangman's House» (1928) ou «Salut» (1929) e chega mesmo a pronunciar algumas palavras em «Men Without Women» (1930). Raoul Walsh dá-lhe o seu primeiro grande papel no mesmo ano, em «The Big Trail», onde actua pela primeira vez sob o nome de John Wayne.
Só em 1939 é que o seu nome aparecerá à cabeça do genérico, em «The Stagecoach», de John Ford.

John Ford recorrerá ainda muitas vezes ao actor, nomeadamente em «The Long Voyage Home» (1940), «Fort Apache» (1948), «Rio Grande» (1950), «The Quiet Man» (1952) ou «The Man Who Shot Liberty Valance» (1962). Howard Hawks oferecer-lhe-á igualmente importantes desempenhos em «Red River» (1948), «Rio Bravo» (1958) ou «Hatari» (1962).
Soldado ou «cowboy», John Wayne incarnou os heróis da América. Célebre pelas suas declarações inesperadas, deu o seu apoio a políticos conservadores como Richard Nixon, Ronald Reagan ou Barry Goldwater.

Casado três vezes e três vezes divorciado, John Wayne era pai de sete filhos.

Modernidade de Fritz Lang

O espaço «off» como fundamental na ficção

Se a crítica valorativa, a culinária, que divide os filmes em comestíveis e intragáveis (qual **maître d'hotel** cinematográfico de uma burguesia indistinta), é sempre uma crítica a regeitar, há filmes que a deixam gaga ou, pelo menos, com fortes problemas de articulação: são os «indiscutíveis», os clássicos, os quatro-estrelas-quatro sem remissão. Buscam-se então os adjectivos, resolvem-se os ficheiros à procura das palavras já ditas pelos patriarcas (de estranja, invariavelmente), bloqueando-se deste modo qualquer aproximação inteligente do filme. Filme que está ali, na sua provocante materialidade, à espera não do nosso juízo (a crítica não é um tribunal do gosto) mas cumplicidade do nosso olhar e da nossa escrita.

M-Matou de Fritz Lang é um desses filmes. Não adianta dizer que «é uma data na História do Cinema» ou outros lugares-comuns do género. Talvez tenha alguma utilidade tentar analisar porque é que, à distância de quase cinquenta anos, este filme nos perturba ainda.

A inteligência do cinema que **M-Matou** testemunha não é apenas a de uma definitiva utilização do som (em termos de elemento basilar da ficção) ao tempo dos primeiros passos do filme sonoro. Direi que o que mais me fascina nesta película (e aí está a sua modernidade inegável) é a presença obsessiva do espaço **off**, entendido este não só como as margens do **écran**, como até como o que a imagem realça (porque ausente do **écran**, como das margens) e mesmo como aquilo que a ficção evoca.

O espaço **off** de **M-Matou** é, assim, divisível em três círculos: um que rodeia imediatamente o **écran**, onde frequentemente se joga o que é definitivo para a acção (a primeira ameaça concreta chega através de uma sombra, a morte é representada pelo parar de uma bola...); outro que rodeia esse espaço, onde acontecem os fundamentos da ficção (nele se poderia incluir quer o «interior» do assassino, quer a materialidade, quer a entrevista, dos seus crimes: o acto de matar ou os corpos das vítimas); por último um espaço social e político definitivamente fora do filme mas para o qual ele remete sem cessar (a situação da Alemanha no início da década de 30).

Este filme perturba, ainda hoje, exactamente porque não se limita a contar admiravelmente uma história policiária, mas porque mistura habilmente o espaço do **écran** com os vários espaços **off** e, portanto, **nos implica fatalmente na ficção**. A proclamada ambiguidade do filme vem mais da recusa que o espectador faz em se movimentar no seu interior do que dele mesmo, isto é, o espectador sente a necessidade de se implicar no julgamento ético e social do **fait-divers** policiário, nunca pensando em o deixar limitado à pequena história narrada, aliás baseada num facto real.

Isso mesmo o entenderam os nazis ao proibirem o filme mal chegaram ao poder.

Ficção aberta, portanto, só encerrável num corpo sem brechas pela vontade de quem o vê. A indecisão é, assim, nossa, são as nossas concepções éticas e políticas que não se entendem entre si, somos nós em luta com nós mesmos. Ser posto em causa através de uma ficção, tal é o supremo fascínio das várias formas de arte, tal a tarefa que **M-Matou**, genialmente, continua a operar nas nossas conciscências.

J.L.R.

caixa do PONTO

A BARRACA
(R. Alexandre Herculano
T. 68 63 00)
D. João VI
de Hélder Costa
Um texto duplamente premiado de um autor triplamente premiado. Provavelmente o melhor espectáculo em cena.

CASA DA COMÉDIA
Faztudo! Faz-Tudo!! Faz Tudo!!!
de Filipe La Féria
O teatro, o circo, a música, a política, o amor, a vida! O esforço vale a recompensa do público.

COMUNA
(P. de Espanha
T. 76 26 24)
Perdidos na Noite Suja
de Plínio Marcos
pela Seiva Trupe
Veio do Porto um dos maiores êxitos lisboetas. Indispensável.

LAURA ALVES

Que Grande Bronca
de Nicholson, M. Alberto e G. Preto
pela Cooperativa Vem Cá Ver
Vá ver a Ivone, e não pense mais nisso.

MARIA MATOS

(Av. Frei Miguel Contreiras
T. 89 70 17)
A Família
de Oduvaldo Viana Filho
A peça é fraca, o espectáculo também. Veja Mariana Rey Monteiro num dos seus melhores trabalhos.

D. MARIA II

A Bisbilhoteira
de Eduardo Schwalbach
A última da temporada do Nacional. A perder.

TEATRO ABERTO

(P. de Espanha
T. 77 09 69)
Corpo-Delito na Sala de Espelhos
de José Cardoso Pires
pelo Grupo 4
Lia Gama e Mário Jacques: duas grandes interpretações num espectáculo polémico.

TEATRO DO NOSSO TEMPO

(P. José Fontana
T. 57 40 37)
A Grua do Entardecer
Um espectáculo para crianças e para adultos.

Uma cena de D. João VI, n' «A Barraca»

Entrevista com os "People's Music" (Irlanda)

Pode-se aceitar o estereotipo da música como qualquer forma de Governo ben

Esteve há dias em Lisboa, a fim de participar na festa de âmbito internacional «Encontro dos Povos Oprimidos do Mundo» e que decorreu no Pavilhão da Amadora, o grupo musical irlandês «People's Music». E quer seja pelo facto de a música (céltica) irlandesa ser uma das que, na história da cultura ocidental, mais tenha influenciado todas as outras expressões musicais, quer pelo facto de, até hoje, pouco se ter conhecido entre nós — em contacto directo — da música e dos intérpretes desse tão interessante país, foi por tudo isso que nos decidimos a entrevistar os elementos deste grupo que ora nos visitou.

Os «People's Music» são compostos por Seán Halpenny (que toca «bodhran», uma espécie de pandeireta e tambor), Fintan Valley (flauta); Finbar Boyle (vocalista); Tom Clarke (gaita irlandesa) e Mick J. Burns (concertina). Nenhum deles é profissional de música, no sentido comercial do termo, é claro. As suas diversas profissões, que vão desde os trabalhos de bar ao jornalismo, mais não revelam que para eles o folclore musical que praticam é fundamentalmente o cimento que os une, aliás desde há longa data.

E se perguntarmos a muitos dos que nos leiam quais os conhecimentos que têm da música de um país tão lindo como a Irlanda — a música de um país no entanto ainda colonizado segundo eles mesmos afirmam — talvez em poucos nomes se fale além do duo «Tir Na Neg», dos Horslips (que têm sido, caso único, editados regularmente em Portugal) ou de Van Morrison que pela sua sempre crescente popularidade nos Estados Unidos, muito tem descurado a questão irlandesa, quer cultural quer politicamente. Isto se atendermos a que este país, desde há muitos anos se vem debatendo pela sua própria autodeterminação fora do domínio britânico.

Não têm sido, de facto, pouco os autores que, aliás, a essa mesma causa já deram o seu contributo ao longo dos últimos anos. Saliente-se por exemplo que em Fevereiro de 1973, quando da comemoração do primeiro aniversário do massacre de Londonderry, a actriz Vanessa Redgrave, filha de «Sir» Michael Redgrave, se tinha associado à manifestação lendo um poema do grande escritor irlandês Thomas Kinsella. Refira-se que sobretudo a partir dos começos desta década, as tensões internas dentro do país têm vindo sempre a desenvolver-se num clima de luta.

Mas não têm sido poucos os nomes da música popular que, nos últimos anos, têm dedicado algum do seu trabalho a essa mesma questão irlandesa. Refiramos por exemplo o caso de Eric Burdon, ex-vocalista do grande agrupamento inglês «The Animal», que aí fez um giro artístico pelas universidades do país, trocando impressões com os estudantes sobre a gravidade do conflito. Também Donovan — e igualmente na primeira metade dos anos setenta — se decidiu a actuar com um «cachet» mínimo em Belfast, onde foi muito bem recebido por parte da juventude que o acolheu em massa. Embora irlandeses (como atrás se disse) mas então residentes na Inglaterra, actuaram de igual modo no seu país os Tir Na Nog, que procederiam outros espectáculos de um músico também irlandês que viria a enveredar pela linha do «rock», Rory Gallagher (que aliás tivemos ensejo de ver recentemente em Lisboa).

O agrupamento irlandês «People's Music» representa já hoje no pa daquele país um nome dos mais cotados ao lado dos «Plânxti» ou d

ANTIGOS BEATELES E COHEN EM FAVOR DA IRLANDA

Os próprios «Beatles» — John Lennon e Paul McCartney — após o afastamento desse maior grupo de toda a cena pop — estiveram individualmente a tocar também na Irlanda. O primeiro deles, por exemplo, quando aí esteve, falou com violência contra o imperialismo britânico. O segundo, por sua vez, lançou mais ou menos por essa altura no mercado discográfico mundial o importante disco «Give Ireland Back to Irish», que foi imediatamente retirado dos mapas de programação da BBC. Também o próprio Leonard Cohen actuou na Irlanda na primeira metade dos anos setenta e aí teve ensejo de opinar sobre tal conflito. Mas além dos representantes da música irlandesa que atrás já tivemos ensejo de especificar, outros grupos (ou intérpretes individuais) têm nos últimos anos dado o seu contributo ao desenvolvimento da músida de qualidade naquele país. Segundo os elementos do grupo «People's Music» os conjuntos de música genuinamente popular ou folclórica que nos últimos anos mais se têm evidenciado na Irlanda são os «Barleycorn», os «Wolfetones», os «Men of No Property» e «Kathleen Largey». Passem embora também por obrigatória a menção a grupos como os «JSD Band» ou os «Planxty», que mais se têm devotado a uma prática mais comercial da música folclórica do seu país.

A presente vinda ao nosso país do grupo «People's Music» tem quanto a nós uma importância fundamental cultural, e daí política. Que é poder dar uma mostra rigorosa e objectiva, da música mais genuína que se pratica no âmbito folclórico irlandês. E foi isso que recentemente Rory Gallagher em Cascais não conseguiu fazer. Quer pelo facto de ser um músico inteiramente voltado para a linha «rock», quer pelo facto de quando nesse mesmo espectáculo procurou dedilhar alguns instrumentos tradicionais de cordas irlandesas o não poder fazer, com rigor, isso devido à sua ideologia musical, ou pela falta de partidarismo em relação a um certo sector de música com o qual no fundo, não tem muito a ver.

Passe no entanto a menção de que ele é um excelente músico, embora noutro campo, o «rock».

Mas as palavras dos elementos dos «People's Music» melhor do que nós falarão do que é a sua própria ideologia musical. Acerca da sua implícita ligação com o movimento político irlandês, «Sinn Fein» eles explicitam: Nós não somos por assim dizer um grupo do «Sinn Fein». Apenas dois de nós somos militantes dessa organização que faz parte do movimento republicano irlandês que age como um todo nas suas várias componentes como sejam o «IRA», «Sinn Fein», o Movimento de Mulheres. Este amplo movimento republicano é o que dirige, em várias frentes, a luta pela emancipação do nosso povo é com todo esse movimento que nós estamos solidários. A nossa música integra-se dentro de todas estas coordenadas de luta.

UMA MÚSICA AUTÊNTICA À MARGEM DO MERCADO COMERCIAL

A música destes jovens que temos à nossa frente tem uma característica «sui generis», fruto aliás da própria realidade cultural da Irlanda. Neste país, segundo os elementos do «People's Music» todos ou pelo menos a maioria dos grupos não é comum organizarem-se com carácter comercial isto é dando espectáculos tendo uma estrutura interna de grupo comercial. Os músicos juntam-se natural e informalmente. No nosso país a música com toda a sua tradição cultural tão remota desenvolve-se não só no palco como também nos bares nos cafés e nas ruas. É por isso que nós nos chamamos exactamente «People's Music», isto é Música do Povo (e para o povo).

E adiantam mais: «A noite nós costumamos juntar-nos para confraternizar uns com os outros nas tabernas, nos bares, e é aí que tocamos, improvisamos enquanto vamos bebendo. Aí toda a nossa criatividade nasce como que espontânea, fruto de toda uma tradição musical que já se arrasta, isto numa forma viva, desde há muitos séculos. Não é por acaso que se ouve dizer, em qualquer parte do

A noite e a madrugada Carlos Porto

«A NOITE», de José Saramago. Encenação: Joaquim Benite. Cenário: António Alfredo. Direcção Musical: Carlos Paredes. Interpretação: António Assunção, Alfredo Sobreira, Carlos Alberto Machado, Daniel Garcia, Ema Paul, Fernando Louro, Francisco Costa, Henriqueta Maia, Joaquim Dionísio, Luís Alberto, Manuel Pinheiro, Maria Henriqueta, Silva Heitor, Teresa Gafeira, Valdemar de Sousa, Vítor Sestelo. Grupo de Campolide. Teatro da Academia Almadense. Estreia: 6-6-1979.

O projecto do Grupo de Campolide

A estreia de um novo espectáculo e um artigo de Joaquim Benite publicado no segundo número da revista «Programa» (1) justificam algumas palavras em torno do que tem sido desde a sua fundação o projecto teatral, conscientemente assumido, do Grupo de Campolide.

LEMBREMO-NOS de que o grupo iniciou a sua actividade em 1971, visando como meta imediata a criação de um espectáculo teatral caracterizadamente crítico, aberto, de qualidade, capaz de despertar o interesse de um público potencialmente existente fora dos circuitos restritos dos espectadores regulares colhido em camadas intelectuais e afins, que era o atingido pelos grupos independentes. Claro que esse projecto (o de procurar estabelecer novas relações no circuito teatro-público) não era original. Basta lembrar o caso de Os Bonecreiros. Seria, porém, o Grupo de Campolide que mais pertinazmente o perseguiria, o levaria mais longe, o concretizaria.

DESDE o reportório, pela escolha de textos que apesar dos condicionalismos censórios da época, continham nítidas implicações políticas, ao tratamento dramatúrgico desses textos, que constituiu por parte do grupo uma maneira muito hábil e positiva de, em certa medida, ultrapassar os condicionalismos focados (e para isso a presença de Virgílio Martinho foi muito importante), até ao trabalho de encenação que enveredou desde o início pela preocupação em criar uma linguagem directa, acessível, grosseira sempre que necessário, na qual se podiam detectar aspectos do nosso teatro mais popular, caso da revista. Benite (encenador da maioria das peças) assimilara consciente e em profundidade a teoria e a prática brechtianas, o que implicava a assunção de um modelo bem determinado, cuja intencionalidade era ao mesmo tempo óbvia e inflexível, com todos os riscos que tal comportava.

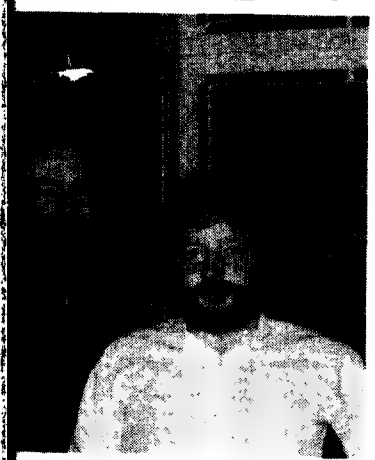
Uma cena de «A Noite e a Madrugada»

SE passarmos dos aspectos de criação para os aspectos da projecção dessas criações junto do público, cuja importância nem sempre é devidamente valorizada, verificaremos que, para além de pretender atingir outras camadas de público (tanto de Lisboa como de fora de Lisboa mercê de digressões regulares), o grupo procurava estudar esse mesmo público e analisar o seu comportamento, as motivações da sua presença ou da sua ausência, os condicionalismos económicos, sociais, culturais e psicológicos das suas preferências. A realização regular de inquéritos e a análise cuidada dos seus resultados permitiu ao GC, como a nenhum outro, conhecer o seu público e as repercussões dos seus espectáculos, conhecimento cuja importância não será necessário sublinhar.

A passagem do grupo a profissional não alterou os dados iniciais. Pelo contrário, acentuou-os. A ida para Almada, centro de um aglomerado social de características vincadamente industriais, demonstrou a intenção do grupo em continuar e aprofundar o seu projecto de ampliar e enriquecer, agora em liberdade e com um mínimo de apoio, as relações entre a produção teatral e a sua fruição, entre aquele que faz e aquele para quem é feito, tendo em vista o facto de ser este (o espectador) elemento tanto mais fundamental na criação quanto mais dinâmica for a sua actividade par-

Manuel Cadafaz de Matos

ca folk
em propagandeada



o panorama da cultura musical ou dos «JSD Band»

mundo, que esta ou aquela peça de folclore, tem raízes na música irlandesa».

No entanto os membros dos «People's Music» reagem contra qualquer possível tentação de serem designados como agrupamento «folk». Para eles «música popular irlandesa é uma caracteística da mais genuína cultura popular como por exemplo é também a da Bélgica, da França, de Espanha ou de Portugal. Mas designar esse tipo de música de raiz popular como música «folk», não nos parece correcto. O «folk» para nós é um tipo de música com características muito especiais. As pessoas são levadas a aceitar aquilo que os «mass media» lhes transmitem e tanto aceitam o tipo de música «estereotipada» (que é a maior parte da música «folk» que por aí se ouve) como podem aceitar um determinado tipo de governo desde que para tal os mesmos «mass media» façam uma campanha de propaganda bastante eficaz como fazem em relação à música. Por isso nós vemos que distinção entre «folk» e música popular existe realmente».

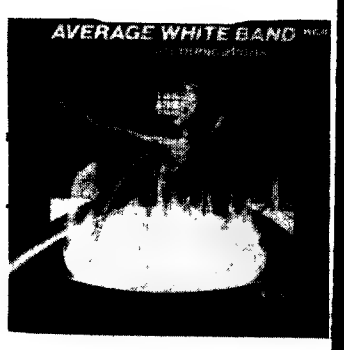
O CASO EXEMPLAR DOS STEELEYE SPAN OU DOS FAIRPORT CONVENTION

A esse conceito nós objectamos (estando embora de acordo com eles) a qualidade de alguns grupos exemplares neste campo — alguns deles bebendo de igual modo quase inteiramente no folclore irlandês — como é o caso dos Steeleye Span, ou mesmo dos Fairport Convention. E a sua opinião é esta: «Esses são grupos de profissionais que vivem do mundo do espectáculo, de concertos que dão em palco. Tais grupos temos de reconhecer, estão virados quase inteiramente numa óptica de comércio. Confessamos que não é esse o nosso intuito. Nós temos as nossas profissões e é disso que vivemos. Por exemplo um de nós dirige um bar e uma vez por semana é organizado um espectáculo em que se convida por exemplo um músico que toca flauta e é do Sul, mais um músico outro instrumento do Norte. Organiza-se um espectáculo com esses músicos e as pessoas vão aí assistir a um espectáculo de música inteiramente popular, ou dizemos até mesmo de música inteiramente local, autóctone».

Vejamos agora o que fazem os cinco elementos que compõem o grupo. «Um de nós, o Seán, sendo militante do Movimento «Sinn Fein», trabalha como jornalista no diário «An Phoblacht — Republican News». Outro está há cerca de dez anos envolvido no trabalho político do Movimento da esquerda republicana. Um outro é professor e, pelas suas actividades docentes teve de regressar à Irlanda (com um outro membro do grupo) antes dos restantes companheiros.

Dentro do «xadrez político» que existe na Irlanda a maioria dos movimentos ou grupos políticos existentes, a maioria deles está comprometida com a defesa de um projecto de uma república irlandesa socialista». A ala provisória do movimento republicano é o movimento mais forte e mais numeroso e é o que faz a guerra à invasão (ou colonização) inglesa desenvolvendo portanto acções armadas e de outro tipo também. O Partido Socialista Republicano irlandês também tem uma luta deste género, embora o seu número de militantes seja menos numeroso. «Há também outros pequenos grupos como por exemplo aquele a que pertence Bernardette Devlin, uma mulher que aqui há anos se tornou uma espécie de heroína nacional da luta do povo irlandês e de quem os jornais de todo o mundo falaram.

Para conluirmos poderemos referir que, já nos nossos dias, tal como aliás tem acontecido na história mundial em tão numeroos casos, a música popular na Irlanda tem constituído um forte manancial de apoio à luta que esse povo vem travando pela sua independência.



GIRA-DISCO

PEDRO BARROSO — «Em Ferrel» e «Canção ao Rio Almonda» (single Diapasão — Sassetti). Pedro Barroso, a voz cigana da Música Popular Portuguesa, está de volta. Um ano volvido sobre o lançamento do LP «Água Mole em Pedra Dura», Pedro Barroso aparece-nos agora com um single de preocupação ecológica. Acontece porém que se o tema escolhido justifica os mais vivos aplausos — falar da ecologia é falar da vida e do futuro de todos nós —, o mesmo já não se verifica (ou seja, a vontade de aplaudir) no que concerne o conteúdo artístico do single agora editado. Temos para nós que Pedro Barroso tem o talento necessário para fazer muito melhor, tanto a nível de música como de intepretação. Aguardemos, pois, a saída do seu próximo trabalho, convencidos de que «Em Ferrel» e «Canção ao Rio Almonda», são, apenas, meros acidentes de percurso...

MELANIE SAFKA — «Phonogenic not just another pretty face» (LP RCA Victor — Telectra). Gravar 19 LP's e vender vinte e dois milhões de discos, não é dado a qualquer um(a). Pois bem, Melanie Safka tem tal «performance» no activo. O que prova, de certo modo, o valor desta cantora e compositora norte-americana. Valor que se encontra aliás bem presente em «Phonogenic...», o álbum de Melanie agora editado em Portugal. Ouça-se «Califórnia Dreamin», «I'd Rather Leave While I'm in Love» e é-se obrigado a constatar que a voz rouca de Melanie, ainda nos consegue subjugar. E quando dizemos «ainda», isso se deve ao facto de Melanie não poder ser considerada uma neófita no mundo das cantigas. Há muito tempo, com efeito, que a sua voz se tornou conhecida nas mais diversas latitudes. O correr dos anos, porém, em nada alterou os seus dons interpretativos nem a sua beleza. Sobre este último aspecto, a foto da capa é uma prova...

AVERAGE WITH BAND — «Warmer Communications» (LP RCA Vicor — Telectra). Considerado como um dos maiores grupos de «rythm and blues», o Average With Band, grupo escocês virado para a música norte-americana, é sem dúvida, um grupo de qualidade apreciável. No entanto, «Warner Communications» não a reflecte. Estamos muito longe de «Soul Searching», álbum editado em 1974, e que se viu promovido a disco de platina. Em suma, «Warmer Communicationo» é um trabalho nada «warmer» (quente), antes pelo contrário, «frio» ou então, e com uma certa boa vontade, «morno»...

ROBERT GORDON — «Rock Billy Boogie» (single RCA Victor — Telectra). Quer dar um salto no tempo e no espaço? Então ouça este disco. Quando o fizer encontrar-se-á como por encanto em pleno final da década cinquenta, início dos anos sessenta e verificará que os «rocks» e «woogie boogie» de então ainda «mexem»...

Sociedade

Vender a ilusão: um brando erotismo para a classe média
Os 25 anos da Playboy

Duda Guennes

A revista «Playboy» está a cmomeorar 25 anos de existência. Pode ser pouco para um «playboy», mas para uma revista não deixa de ser uma efeméride marcante. É um sinal que como projecto editorial vingou, teve sucesso, criou, manteve e aumentou o número de leitores. Pode-se até dizer que «Playboy» formou e educou mais de uma geração nos Estados Unidos e fora deles. Nesses 25 anos, «Playboy» cresceu ficou adulto. Dos modestos 50 mil de 1954, pulou para os sete milhões de exemplares de hoje, distribuídos em nove edições internacionais, entre as quais a brasileira (Editorial Abril — São Paulo). Tem sido imitada, copiada, plagiada, citada e principalmente «piratiada» por jornais e revistas nos quatro cantos do mundo. E qual a razão de tão rotundo sucesso?

É certo que Hugh Hefner com «Playboy» entrou para a história do jornalismo. Juntamente com Dewitt Wallace de Selecções e Walt Disney com o Rato Mickey, Hefner descobriu também uma fórmula simples e óbvia de atingir um determinado tipo de público com um apelo realmente sensual: um brando erotismo para a classe média, recheado com textos de escritores de nomes respeitáveis. E entrevistas com personalidades que têm verdadeiramente algo a dizer. Em 1966, durante os duros tempos do bloqueio a Cuba, «Playboy», conversou com Fidel Castro, que resultou numa entrevista histórica. Além desses elementos, a revista também dá especial atenção ao humor. São, pois com esses ingredientes que o leitor é servido e garantem o sucesso da revista.

Revista machista? Claro que sim! Mas nem por isso deixou de ouvir a extremada líder feminista Germaine Greer, que reduziu a revista a sua verdadeira expressão: **pau de galinheiro**, que «Playboy» gozou de uma maneira masoquista, num puro exercício de autoflagelação.

A megalomania do seu proprietário, Hughn Hefner, faz com que ele acredite ter sido «Playboy» e ele os criadores da onda de permissividade que assola as sociedades ocidentais — com os Estados Unidos à cabeça. Não é bem assim. É certo que «Playboy» ajudou, procurando democratizar a sexualidade, ou melhor democratizando o pecado, lutando para que a sexualidade deixasse de ser ditada dogmaticamente por minorias religiosas ou elites que afirmam que o povo ainda não está preparado para pecar por conta própria. **Sexo é política**, afirmou Gore Vidal — excelente escritor! — num ensaio publicado na própria revista «Playboy». Homossexual assumido, Vidal neste ensaio dá exemplos de dura crueza, explicando que a igualdade de direitos da mulher, a questão do aborto e o direito civis dos homossexuais são problemas eminentemente políticos que afectam a vida de milhões de pessoas: «O facto de que a maior parte dos trabalhos masculinos poder ser (e é) feito por mulheres tem posto em perigo a antiga ordem patriarcal. Uma mulher que se pode sustentar a si mesma e à sua criança é uma ameaça ao casamento, e o casamento é a instituição central através da qual os donos do mundo controlam os trabalhadores. O homossexualismo também ameaça essa antiga dominação, porque os homens que não têm esposa ou filhos para cuidar não são tão facilmente dominados como aqueles que têm».

O poeta Fernando Pessoa Ferreira, editor da «Playboy» brasileira, define com conhecimento de causa a revista que faz: «Playboy» é, antes de tudo, uma revista de lazer. Isso não significa que não publiquemos matérias sérias, sobretudo agora, que ficamos livres da censura prévia (ela só permanece para assuntos que possam «atentar contra a moral e os bons costumes»). Mas linguagem austera a gente só usa em artigos ou entrevistas políticas ou de denúncia. E mesmo nesses, sempre que é possível (isto é: sem forçar a barra) a gente bota uma pitada de humor. Exemplo: num artigo sobre os aditivos tóxicos que se põem nos alimentos e bebidas em conserva, a fim de dar-lhes aspecto mais apetitoso, nós pusemos o título: «Já tomou seu veneninho hoje?» (o texto manteve a gravidade original).

Por outro lado, «Playboy» é também uma revista erótica. E machista. Grande parte dos nossos

Continua na pág 6

Carlos Porto

A noite e a madrugada

ticipativa na vida e na prática do teatro. A organização e crescimento da Associação de Espectadores, única até hoje criada em Portugal, constituiu um elemento impulsionador decisivo nesse sentido.

A atenção que ao crítico compete no que se refere a estes aspectos da actividade dos grupos teatrais (e de que por vezes nos distraímos, passe a autocrítica) não nos pode, porém, fazer ladear uma outra questão, cuja importância não pode ser escamoteada. Refiro-me, claro, à carga estética, se é que a expressão tem cabimento, veiculada pelos espectáculos do GC: o trabalho com o público só terá valido a pena, só valerá a pena se implicar um mútuo enriquecimento dos seus valores cognitivos, ideológicos, lúdicos, estéticos. Um grupo que se propõe um projecto como o assinalado tem ainda maiores responsabilidades. E nenhuma capa, como a acessibilidade, poderá justificar concessões ao primarismo. Aqui, os campos são menos facilmente limitáveis e menos discerníveis os valores assumidos no concreto teatral. Sem pretender estabelecer um juízo de valor definitivo nem sequer rigidamente definido, direi que o grupo não tem conseguido manter uma linha criativa uniforme. Os seus altos e baixos, que conjunturas várias poderão explicar, não invalidam porém uma realidade que a meu ver me parece incontroversa: a de os espectáculos do GC serem marcados por uma energia, uma riqueza de sinais visuais e sonoros, uma comunicabilidade que escasseiam, por vezes dolorosamente, nas criações de outros grupos. Poderá e deverá o GC fazer melhor. O até agora feito é já, sob vários aspectos, uma obra de grande coerência e significado no nosso teatro.

José Saramago, Escritor

JÁ devem os leitores ter observado que a literatura é, neste momento, nos nossos órgãos de comunicação social, a mais desprezada das ex-pressões estéticas. A inexistência de suplementos literários (caramba, haverá ainda quem leia o sr. Gaspar Simões?) e de jornais especializados, é uma das provas desse facto. Outra prova consiste na atenção que é dada ao cinema, ao teatro, à televisão, à música, ao futebol, aos touros, em contraste com a desatenção prestada nesses mesmos sítios à literatura. Só isso explica que todas as semanas ou, pelo menos, todos os meses sejam editados em Portugal livros de grande interesse e importância (seja sob o ponto de vista estético ou de conhecimento) sem que ninguém dê por isso; só isso explica que eu seja agora obrigado a lembrar que José Saramago, além de comentador político, de cronista (em ambos os campos exerce tarefas muito importantes neste jornal), de poeta, é ainda autor de dois dos mais importantes livros de ficção do após 25 de Abril, o romance «Manual de Pintura e Caligrafia» e o livro de contos «Objectos Quase», este último, por sinal, distinguido na acta do júri do último Prémio da Cidade de Lisboa, atribuído, como se sabe, a «Finisterra», de Carlos de Oliveira.

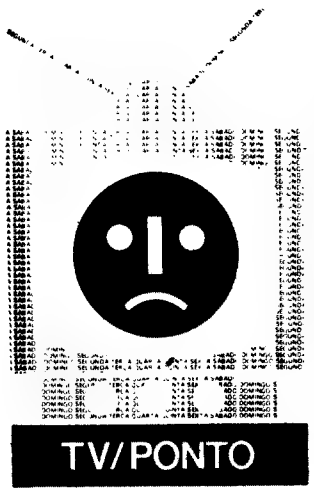
POIS José Saramago, talento multifacetado, como diz o outro, entrou também na coisa teatral. E entrou com o pé direito (esquerdo, diria melhor). Devo dizer que peguei na sua peça e a devorei sem a largar, prazer que a leitura teatral raramente permite. Não direi que «A Noite» seja uma grande peça. Direi sim que é obra de um homem de teatro e não literatura dramática de um romancista; que é obra bem estruturada sob o ponto de visa dramatúrgico; claro sem deixar de ser subtil.

ESSA subileza surge, por exemplo, na forma não aparatosa (respeitada pela encenação) como o 25 de Abril aparece em cena; na forma como é caracterizado o redactor que tem ligações com uma embaixada de um país imperialista; ou ainda na forma como fez a intrusão do real no imaginário: caso das lutas da tipografia do «Diário de Notícias», com intervenção «pidesca»; caso do aproveitamento de um editorial do «Diário da Manhã» em resposta a um editorial do «Diário de Lisboa» (aliás redigido pelo próprio dramaturgo.

NÃO deixarei de lhe fazer um reparo de carácter ideológico. Creio que a visão que José Saramago nos dá de um jornal ao serviço do regime, como era o caso do «Diário de Notícias» antes do 25 de Abril, é uma visão demasiado negra (ou demasiado em preto e branco). Um breve diálogo exprime esse esquematismo: «Valadares — Eu nunca tive relações com a PIDE!/ Torres — Não falta aqui dentro quem tenha». Parece-me tratar-se de um exagero desnecessário; parece-me que imediatamente antes do 25 de Abril havia mesmo nesses sítios, forças que lutavam pela democracia a vários níveis, em especial ao nível sindical.

APONTAR-LHE-EI um senão, que se compeende em neófito, a da fraca caracterização das personagens através do diálogo. Ora, o diálogo teatral deve exprimir não apenas pontos de vista, efabulações ideologias, mas também vivências, características humanas, sociais, culturais, psicológicas, que são condicionadas pelo meio a que cada uma pertence. Não creio que as personagens de «A Noite» estejam devidamente sinalizadas, sob esse aspecto. Apontar-lhe-ei ainda um outro senão, este, porém, demasiado insignificante para ser tomado a sério (e aliás relacionado com o anterior). Trata-se de dois ou três adjectivos que prejudicam num ou noutro passo, a limpeza, a força substantiva, o que há de depurado, de contido, no diálogo.

Continua na pág. 6



O traidor do «Astro»

25 anos da Playboy

Continuação da pág. 5

leitores são casados, mas a gente os trata como se fossem invariavelmente solteiros e sempre disponíveis para **traçar** o maior número possível de mulheres».

Aí está a explicação do sucesso da revista. Vender ilusão. Ilusão criada pela técnica adaptada por «Playboy» de fazer suas **playmates** encararem a câmara, olhando de frente para o leitor com sorrisos francos e meigos, contrastando com o erotismo directo da pose, que tanto pode ser evidente masturbação, insinuação do orgasmo ou declarada cópula. Mas sempre fazendo acompanhar as fotos de legendas ingénuas, lânguidas, quase inocentes que pouco têm com o porno-erótico da gravura: «Armar sua barraca em lugares bonitos e selvagens é um dos passatempos prediletos de Carmem que trabalha como recepcionista e estuda expressão corporal», é o texto de uma foto de uma rapariga nua, que na expressão facila denuncia algo assim como um prolongado êxtase, ou um convite à cama.

1954 foi, para muita gente, o ano em que a sociedade americana começou a perder a inocência. Saído da guerra da Coreia, em cuja participação largo sector da opinião pública ficou contra; guerra comandada pelo general Douglas McArthur, que defendia a invasão pura e simples da China. (1951/53), os Estados Unidos curtiam ainda a ressaca da condenação de Julius e Ethel Rosemberg, os horrores do «macartismo» e o famigerado Comité de Actividades Anti-Americanas, com perseguições a artistas e intelectuais progressistas que sofreram sérias discriminações em seus trabalhos. Violenta e intolerante «caça às bruxas» no país que era até então o paraíso do liberalismo. Período negro da mais quente **guerra-fria**, dum anticomunismo delirante e anti-sovietismo estúpido. Pouco antes, Hollywood já mais não conseguia impedir a divulgação dos inúmeros escândalos envolvendo os seus «stars»: Gene Krupa e Robert Mitchum tinham sido presos por consumo de drogas (assunto tabu para a grande imprensa). Em 1949, a União Soviética conseguira finalmente, com sucesso, realizar a sua primeira experiência atómica, e já em 1951, como mais sucesso ainda desenvolveu o projecto hidrogénico, coisa que os Estados Unidos ainda não haviam conseguido. E, logo depois, o presidente Eisenhower denunciava o «Complexo-Industrial-Militar»

Foi nesse **caldo de cultura** que surgiu e floresceu a revista «Playboy». Reflectindo as agudas interrogações que a sociedade americana fazia a si mesma, «Playboy» nada mais fez do que servir de instrumento para aprofundar essas dúvidas. Ao pseudo-moralismo hipócrita, Hefner contrapôs um pseudo-erotismo mais hipócrita ainda. Numa sociedade que não permitia que nós filmes produzidos por Hollywood mostrasse cenas onde aparecessem mulheres grávidas ou camas de casal, «Playboy» divulgava reportagens onde seu proprietário participava em orgíacas bacanais, como se fosse a coisa mais trivial do mundo, e idiota quem não comungasse com ele. Sexo era coisa simples, fácil, e ele era o próprio dessa filosofia de vida.

Enfim: Hefner e «Playboy» não descobriram o sexo. Apenas desnudaram-no. E ao desnudá-lo descobriram uma mina de ouro que, hoje, se traduz em sete milhões de exemplares vendidos, uma cadeia de clubes e casinos em vários países, editora de livros e sei lá mais o quê. Sei que a tentativa de Hefner de produzir filmes não passou da primeira experiência, «Macbeth», dirigido por Polansky em 1971/2, causou-lhe forte prejuízo financeiro que o fez voltar às suas «coelhinhas» de mamas generosas que riem e olham fixas para a câmara (nos seus olhos, leitor) como um convite irresistível a devaneios eróticos, que geralmente se traduzem numa prosaica masturbação.

AMANHÃ

13.30 — Abertura e FORMAÇÃO DE PROFESSORES; 14.00 — SUMÁRIO; 14.05 — NOVOS HORIZONTES. Um programa do eng.º Jaime Filipe; 14.30 — ERA UMA VEZ O HOMEM; 15.00 — O CIRCO CHEGOU!; 15.25 — EU, TU, ELE, NÓS TRABALHAMOS; 15.30 — A CARTA DA NOVA FRANÇA. Ao abrigar-se de uma nova tempestade, o grupo é acolhido por um velho índio que os deixa dormir no celeiro. No entanto, os lenhadores estão bem perto, e vigiam-nos a todo o momento; 16.00 — TEMPO DE DESPORTO. Apresentação do prof. Noronha Feio; 16.30 — ANIMAÇÃO. Coordenação de Vasco Granja; 17.00 — PAÍS, PAÍS, MAGAZINE; 17.00 — TRANSMISSÃO DIRECTA DE SANTARÉM DE «El Bombero Torero»; 18.30 — A ESCULTURA. de Henry Moore; 19.10 — 4300 MINUTOS; 20.00 — O SEU MOTOR. Um programa pelo dr. Fernando Pádua; 20.30 — FOLCLORE DE SANTARÉM; 21.25 — Manuel e Beatriz; JORNAL RTP; 21.30 «.Inclui o Boletim Meteorológico; 22.00 — ALAMEDAS DA NOITE. «Um Estranho Igual a mim». Realizador: Larry Peeroe, Intérpretes: Beau Bridges, Meredith Baxter, Whitney Black. O drama de uma jovem adoptada procurando os seus verdadeiros pais; 23.15 — 24 HORAS; 23.25 — Fecho.

DOMINGO

12.30 — Abertura e EUCARISTIA DOMINICAL. Celebrante Padre-Rocha e Melo, Coro de S. Domingos de Benfica; 13.10 — A VIDA NO SILÊNCIO. Um programa para surdos que todos devem ver e ouvir; 13.30 — TROPICÁLIA; 14.00 — SUMÁRIO; 14.05 — FALEMOS DE AGRICULTURA. Um programa do eng. Campos Gondim; 14.30 — O POVO E A MÚSICA; 15.00 — ABELHA MAIA; 15.05 — EU, TU, EIE, NÓS TRABALHAMOS; 15.30 — SEMIBREVES; 16.00 — EUROVISÃO-CONCERTO JUVENIL. Organizado sobre o patrocínio da UNESCO; no âmbito do Ano Internacional da Criança. Transmitido do Auditório de Monte Carlo. Uma Produção da Rádio Monte Carlo/TFI. Realização de Bernard de Landre. Apresentação de Petula Clark 1.ª parte.; 17.00 — REPORTAGEM DO EXTERIOR; 19.00 — GRANDE ENCONTRO. Inclui a transmissão directa do jogo de andebol; 21.25 — MANUEL E BEATRIZ; 21.30 — JORNAL RTP-1. Com o Boletim Meteorológico; 22.00 — AO PIANO... RUI GUEDES; 22.30 — GENTE DE PAZ. Um programa do dr. José Hermano Saraiva; 23.00 — MATA E ESFOLA; 23.15 — 24 HORAS; 23.30 Fecho.

SEGUNDA

Ano Propedeutico

09.15 — L. PORTUGUESA; HISTÓRIA; C. NATURAIS; DESENHO; FRANCÊS I; INGLÊS II; LATIM; 18.30 — Abertura e SUMÁRIO; 18.35 — RISCOS E HISTÓRIAS Padington, Ratolas, Filopat Felizardos; 19.05 — PAÍS, PAÍS 19.25 — DESPORTO E VIDA; 19.55 — MANUEL E BEATRIZ; 20.00 — JORNAL RTP-1. As notícias do país e do estrangeiro; 20.35 — O ASTRO (episódio n.º 173); 21.10 — BOLETIM METEOROLÓGICO; 21.15 — COMARCA DAS ARTES. A civilização do Futuro será debatida num tema ecológico. Programa produzido e realizado por Manuel Varela; 22.00 — BERLIM — LISBOA MUSICAL. 2.ª parte. Espectáculo realizado no S. Luiz. Na 2.ª parte participam a Big Bared da Rádio Berlim Livre, a Orquestra Sinfónica da RDP, Manuel Bravo, Gabriela Schaaf, Rodrigo, Reinhard May, Ute-Mann Singers e o violinista Helmut Zacharias. Maestro: Paul Kuhn e Thilo Krassmann. Apresentação de Helga Bayertz e Eládio Clímaco e pela RDP Martins Costa. Realização de Vítor Manuel; 22.50 — 24 HORAS. As notícias mais importantes das últimas 24 horas; 23.00 — Fecho

TERÇA

Ano Propedêutico

09.15 — INGLÊS; FILOSOFIA; MATEMÁTICA; FRANCÊS II; ALEMÃO; GEOGRAFIA. 18.30 — Abertura e SUMÁRIO; 18.35 — REI ARTUR. Série de animação produzida pela televisão americana; 19.05 — PAÍS, PAÍS; 19.25 — CIÊNCIA A CADA PASSO... De São e de Louco... O humanismo e os humanistas; 19.50 — MANUEL E BEATRIZ; 20.00 — JORNAL RTP-1; 20.30 — O ASTRO (Episódio n.º 174); 21.10 BOLETIM METEOROLÓGICO; 21.15 — ZOOM; 21.45 — A COMÉDIA E A VIDA. «Costela de Adão». Realizador: George Cukor. Intérpretes: Katherin Hepburn, Tom Ewell, Judy Holliday. O julgamento de uma mulher acusada de ter assassinado o marido é causa para o desentendimento entre o casal de advogados encarregados do processo; 23.30 — 24 HORAS; 23.35 — Fecho.

QUARTA

Ano Propedêutico

09.15 — DESENHO; HISTÓRIA; C.F.— QUÍMICAS; PORTUGUÊS. Das 10.55 às 12.15, período destinado à resposta de dúvidas e questões. 18.30 Abertura e SUMÁRIO; 18.35 — MÚSICA PARA TODOS. Trovas de Francisco Lacerda. As trovas são interpretadas por Alcino Soares. Realização de Correia Alves; 19.05 — PAÍS, PAÍS; 19.25 — MULHER, MULHERES. Mulheres no Desporto e no Trabalho; 19.50 — MANUEL E BEATRIZ; 20.00 — JORNAL RTP-1; 20.30 — O ASTRO (episódio n.º 175); 21.20 — BOLETIM METEOROLÓGICO; 21.15 — VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA. Os prognósticos para o próximo concurso; 21.45 — ARTE DE SER PORTUGUÊS e «Contadores de Histórias»; 22.35 — OS NOVOS VINGADORES. «O Tigre pela Cauda». Com Patrick MaCnne, Joanna Lumley e Gareth Hunt; 23.40 — 24 HORAS; 23.45 — Fecho.

NOTA: às 21.25 — JOGOS SEM FRONTEIRAS Uma reportagem sobre a equipa portuguesa da Horta (Açores) que participa na próxima jornada dos Jogos Sem Fronteiras

QUINTA

Ano Propedêutico

09.45 — L. PORTUGUESA; MATEMÁTICA; C. NATURAIS; FRANCÊS II; INGLÊS II; GEOGRAFIA E LATIM; 18.30 — Abertura e SUMÁRIO; 18.35 — CLUBE DO RATO MICKEY; 19.05 — PAÍS, PAÍS; 19.25 — LETRAS MAIÚSCULAS. Mochos e Cotovias. Apresentação do dr. Óscar Lopes. Realização Adriano Nazaré; 19.55 — MANUEL E BEATRIZ; 20.00 — JORNAL RTP-1; 20.30 — O ASTRO (episódio n.º 176); 21.10 — BOLETIM METEOROLÓGICO; 21.15 — A MÚSICA E O SILÊNCIO. Um programa de António Vitorino de Almeida. 21.40 REPORTAGEM DO EXTERIOR; 23.15 — 24 HORAS; 23.30 — Fecho.

RTP-2

II PROGRAMA

AMANHÃ

Ano Propedêutico

14.00 — CIÊNCIAS NATURAIS; FRANCÊS II; INGLÊS; GEOGRAFIA; LATIM. Das 16.30 às 17.20 período destinado à resposta de dúvidas e questões. INGLÊS I; FILOSOFIA; PORTUGUÊS; FRANCÊS I; GREGO. 20.30 — Abertura; 20.32 — DICK TRACY 6.º episódio; 21.30 — DESPORTO 79; 22.00 — CARTAS NA MESA; 23.00 — SÉRIE PORTUGUESA. Almada Negreiros vivo hoje. 23.30 — Fecho.

DOMINGO

20.30 — Abertura; 20.30 — SUPER-HERÓIS. O Homem Aranha; 21.00 ESPAÇO OFF. Recuperação de deficientes 4.º episódio; 21.30 — MÚSICA MAESTRO; 22.00 — A PAR E PASSO. Coordenação de Fátima Martins Pereira e Panlo David; 23.30 — JORNAIS E JORNALISTAS; 23.45 — FECHO.

SEGUNDA

Ano Propedêutico

18.45 — L. PORTUGUESA; HISTÓRIA; CIÊNCIAS; DESENHO. 20.30 — Abertura e 7 DIAS DA SEMANA. Um programa apresentado por Fernando Assis Pacheco e José Nuno Martins; 21.00 — SOM DA MÚSICA. Charlie Parker — 2.ª parte; 22.00 — INFORMAÇÃO/2; 22.30 — ESPAÇO DRAMÁTICO. «Entre Marido e Mulher» «Bodas de Prata». Realização João Matos Silva. Intérpretes: Rui Mendes, Lourdes Norberto e Rui Carvalho; 23.20 — Fecho.

TERÇA

Ano Propedêutico

18.45 — FRANCÊS I; INGLÊS II; LATIM; INGLÊS I. 20.30 — Abertura; 20.32 — PALAVRAS HERDADAS. Dedicado a Albert Camus; 21.00 — ESPAÇO AUDIO VISUAL. Onibus Itália; 22.00 — INFORMAÇÃO/2; 22.30 — ECRAN MÁGICO. 3.ª sessão; 23.20 — Fecho.

QUARTA

Ano Propedêutico

18.45 — FILOSOFIA; MATEMÁTICA; FRANCÊS II; ALEMÃO. 20.30 Abertura; 20.32 — SÍNTESE. Protegendo os Parques Nacionais. O Mundo Verde do Amazonas. A Fazenda do Futuro; 21.00 — DIRECTÍSSIMO. Apresentação de Joaquim Letria e Thilo Krassman; 22.00 — INFORMAÇÃO/2; 22.30 — DIRECTÍSSIMO 2.ª parte; 23.30 — Fecho.

QUINTA

Ano Propedêutico

18.45 — GEOGRAFIA; GREGO; F.-QUÍMICAS; PORTUGUÊS. 20.30 — Abertura; 20.32 — SARAVAH; 21.00 — OS GRANDES RIOS DO MUNDO. O Saint Laurent. História do Saint Laurent e dos países por ele banhados. Os pioneiros americanos e canadianos. As primeiras cidades. Formação das colónias francesas e inglesas; 22.00 — INFORMAÇÃO/2; 22.30 — SÉRIE DRAMÁTICA. Esplendores e Misérias das Cortesãs; 23.30 — Fecho.

A noite e a madrugada

Carlos Porto

A noite e a madrugada

Continuação da pág. 5

O Espectáculo e o Espectador

ACONTECE poder ser o espectador português de teatro um espectador privilegiado. É-o neste caso.

ESTAMOS em 24 de Abril de 1974, na redacção de um jornal grande da manhã (pode ser o «Diário de Notícias»). São dez horas da noite clacula-se. Quando chegamos ao fim, chegamos ao fim da noite, ao fim do fascismo, ao limiar do Dia, à madrugada da Revolução. O espectador está pois colocado perante o reflexo do acontecido, vivido num local fortemente marcado sob o ponto de vista político, dado pelo texto de Saramago; mas a esta realidade, uma outra se sobrepõe: a do espectáculo, ou seja, a leitura proposta pela encenação (cenário, sons, luz, interpretação), através da qual o texto e a história que conta são transmitidos. Entretanto, estamos em 1979, cinco anos depois desse acontecido. O espectador passou pelo 11 de Março, pelo vilipendiado gonçalvismo, pelo 25 de Novembro, e pelo que se lhe seguiu. O acontecimento histórico que texto e espectáculo evocam tem, pois, uma outra leitura: sendo o mesmo é já outro. O espectador, além disso, não é neutro: coloca-se a favor ou contra esse acontecimento e o período posterior; participa, de forma positiva ou negativa, no movimento social do povo português, e essa participação, ou contraparticipação, condiciona necessariamente a sua disponibilidade de espectador. Eis, portanto, várias realidades que se sobrepõem e acabam por fazer uma só: a do espectáculo e espectador alimentando-se mutuamente das experiências de um tempo histórico tão vivo, tão rico, tão imprevisível (no imediato). Mero espectador de um mero espectáculo teatral, o espectador deste espectáculo funciona como um agente cujas raízes penetram profundamente nessa realidade histórica que o espectáculo transpõe.

E se falássemos do Espectáculo?

É evidente ter havido um combate entre o texto de Saramago e leitura cénica de Benite, combate provodado pelo facto da concepção aristotélica a que obedeceu o primeiro, não jogar com as concepções teatrais do encenador, de cariz brechtiano, como já acentuei. Num outro texto publicado na revista do GC, «Programa» (2), Benite aponta com muita lucidez as razões das suas opções. Resta saber até que ponto o espectáculo as exprime, até que ponto a encenação conseguiu resolver as contradições e as ambiguidades que não podiam deixar de nascer desse desencontro.

O cenário de António Alfredo resolve, com a inteligência e funcionalidade significante que caracterizam os trabalhos deste artista, os problemas postos pela construção de um espaço determinado e pela sua articulação com outros espaços: a redacção, o gabinete do director, a tipografia, o exterior. Escadas e «passarelles» estabelecem essas articulações permitindo significar, ao mesmo tempo, determinadas relações hierárquicas, e, por fim, sublinhar a força revolucionária dos trabalhadores, através da ligação colocada sobre os espectadores pela qual passam os tipógrafos como se encarnassem a Revolução vitoriosa, passos sublinhados pelos ruídos das máquinas, que são um outro sinal do 25 de Abril.

FALEI acima de contradições e ambiguidades. Exemplifico. O gabinete do director fica correctamente colocado num plano superior, fechado subentende-se porque numa cena vemos o director a escrever sem reagir perante uma fortíssima discussão travada na redacção entre Valadares e Torres, os protagonistas individuais dos conflitos da peça (há os colectivos: trabalhadores não alienados e capitalistas); pelo contrário, numa outra cena vemos uma personagem a falar do gabinete para a redacção. Outro exemplo, o da colocação das secretárias de Torres e de Cláudia, no centro do palco. Tratando-se de uma personagem marginalizada, por razões políticas, e da redactora que com ele trabalha, só sob o ponto de vista teatral (como escreve o encenador) se entende essa colocação. Essa duplicidade da «cena», que surge noutros elementos do espectáculo, não deixa de provocar uma certa incoerência que, a meu ver, o prejudica.

HÁ na peça dois segmentos conflituais que a encenação acentua: de um lado, o conjunto de personagens constituído por Valadres, chefe de redacção, o director, o administrador; o general e outros personagens a quem o director telefona, que são rodeados pelo coro dos redactores alienados (Esmeralda, Fonseca, Guimarães, Josefina, Cardoso). Do outro lado, outro conjunto de personagens, formado por Torres, Cláudia, os tipógrafos (Jerónimo, Afonso, Damião) e Carlos (personagem invisível que traz a Torres a notícia do 25 de Abril). Entre estes conjuntos de personagens, surge um outro menos marcado que se situa como que à margem dos acontecimentos, embora acabe arrastado por eles. A encenação, aliás, reforçou fortemente a presença destas personagens secundárias. Trata-se da mulher do bar que arrasta penosamente uma perna ligada e, subindo e descendo escadas, indo de secretária em secretária, é testemunha muda dos acontecimentos (a sua insignificância social é caricaturada na cena em que o director lhe beija a mão), o redactor desportivo (Pinto), e os dois contínuos que funcionam

Continua na pág. 7

PRODUÇÕES TEATRAIS
VCV
VEM CÁ VER

NO TEATRO
LAURA ALVES
ÀS 21-45H

SÁBADOS — DUAS SESSÕES — 20,30H — 22,45H
DOMINGOS e FERIADOS — MATINÉE 16H NOITE
A divertida farsa musicada 21.45
NÃO AC. MEN 13 ANOS

QUE GRANDE BRONCA

IVONE SILVA
HERMAN JOSÉ

CARLOS MIGUEL
VERÓNICA
NUNO EMANUEL
e muitos outros artistas

VEJA «O ASTRO» NO FOYER DO TEATRO

PUB

DE NOVO À VENDA

ASSIM FOI TEMPERADO O AÇO

NICOLAI OSTRÓVSKI

Preço: 190$00
N.º de pags.: 404

O livro traça, com grande qualidade literária, o quadro empolgante do esforço desenvolvido para que o jovem Estado soviético se tivesse podido afirmar. A força dos grandes ideais revolucionários, o papel da classe operária, o verdadeiro amor à pátria e ao povo, são valores que atingem elevado nível nesta obra de Nikolai Ostróvski, sucessivamente editada em dezenas de países e de cuja primeira edição em Portugal se venderam também muitos milhares de exemplares.

editorial CAMINHO

COLECÇÃO
«UMA TERRA SEM AMOS»
CDL a distribuição

A V/O Mezhdunarodnaya Kniga, está presente na PRO-FILATELIA 1979 no Hotel Sheraton a 16 e 17 de Junho.

Através da C.D.L. — Central Distribuidora Livreira, um dos seus representantes em Portugal, oferece séries completas de sobrescritos do primeiro dia e carimbos comemorativos assim como selos soviéticos com carimbos de diferentes temáticas.

A V/O Mezhdunarodnaya Kniga é o único organismo de difusão no estrangeiro de selos soviéticos e fabricante de selos para várias administrações postais estrangeiras.

V/O MEZHDUNARODNAYA KNIGA
Moscovo, G-200, URSS

da Carlos Porto A noite e a madrugada

Continuação da pág. 6

como máquinas sem vontade, embora também eles entendam o que se passa (é significativa a cena em que um deles vai ao frigorífico buscar a garrafa de uísque depois do director se ter auto-saneado).

ESTES segmentos conflituais são sinalizados por elementos cénicos que interessa apontar: o já citado frigorífico do gabinete do director e, em especial, o lustre, que permite um curioso jogo a lembrar alguns planos do filme de Eisenstein «Outubro» (aliás, não seria tolice ver na encenação de Benite algumas tentativas de montagens eixensteiniana); os óculos do director que são iguais aos usados pelo último director da Censura (3); a secretária de Torres que é de madeira e não de aço, como as outras, como demonstração da sua independência, liberdade e marginalidade; as já referidas estruturas que ligam a cena do passado (a redacção) à cena do futuro (a tipografia), mas onde será difícil descobrir, como quer o encenador, «os vários ramos de uma estrutura complexa, de um maquinismo dinâmico», a porta que dá para o exterior e por onde entra e sai o director, acompanhado por um ritual complicado, e por onde entra, ao som da guitarra de Carlos Paredes, o rosto de Abril quando Torres traz a notícia definitiva da Revolução. Acrescente-se a estes elementos, a marcação em que Benite faz as personagens trocar momentaneamente de secretária: o redactor, que quer ser chefe de redacção na secretária deste; o chefe de redacção na do director, etc.

É no que se refere à interpretação que o espectáculo ao mesmo tempo claudica e parece ser mais discutível. Claudica porque há um grande desequilíbrio entre personagens principais (a fraqueza do amador que interpreta o director implica o desiquilíbrio do conflito, restabelecido, em parte, pela forte composição de António Assunção em Valadares). Torna-se discutível porque também aqui as contradições e ambiguidades (o termo não tem aqui conotações políticas, entenda-se) da encenação se tornam patentes.

ANTÓNIO Assunção tem em Valadares o melhor trabalho que até hoje lhe vi fazer. Pela observação, pelos cambiantes, pela composição, pelos gestos, pela criação interior da personagem, trata-se mesmo de um trabalho excepcional, na linha naturalista adoptada. Tão excepcional que faz ressaltar a fragilidade de outros intérpretes cujo trabalho é, ainda por cima, prejudicado por ser outro o seu estilo de representação. É o caso de Luís Alberto (Torres) que não consegue superar um nível meramente declamatório que não tem nada a ver com aquilo que talvez pretenda ser uma interpretação distanciada. É diferente o caso de Henriqueta Maia que não consegue (e poderia?) extrair mais de uma personagem insuficientemente tipificada (Cláudia). Um caso sintomático é o de Francisco Costa (Cardoso) cujo recorte muito exagerado no papel de homossexual tem como objectivo, parece-me, «fazer cómico», para uma maior comunicação, o que a meu ver não justifica esse exagero. Na mesma linha de caricatura, embora mais sóbria, a secretária desempenhada por Teresa Gafeira, enquanto Fernando Louro, no redactor parlamentar, e Alberto Quaresma, no redactor desportivo, têm dois trabalhos bem marcados, correctamente concebidos e executados.

DOU apenas estes exemplos para sublinhar o facto da indefinição do estilo de interpretação ter impedido, a meu ver, um maior conseguimento do espectáculo. O mesmo direi da utilização por Benite de certos sinais que poderemos considerar retóricos, como é o caso do grito, utilização que tem por vezes consequências inadequadas: o significado de uma discussão mais decisiva é esbatido pelo facto de ser precedida e sucedida por cenas igualmente exageradas, tanto a nível da voz, como do gesto e da marcação.

«A Noite», de José Saramago, pelo Grupo de Campolide, como se entendeu, é um espectáculo importantante, não só pelo tema que trata como pela sua realidade teatral. As reservas feitas não devem fazer com que esqueçamos esse facto essencial.

A noite e a m

Notas

(1) «Programa» — Revista de Teatro do Grupo de Campolide — n.º 2. Artigo de Joaquim Benite: «Chapéu Novo, Carne Fresca» (pág. 9).

(2) Idem. Artigo de Joaquim Benite: «Notas sobre a Encenação de «A Noite» (pág. 29).

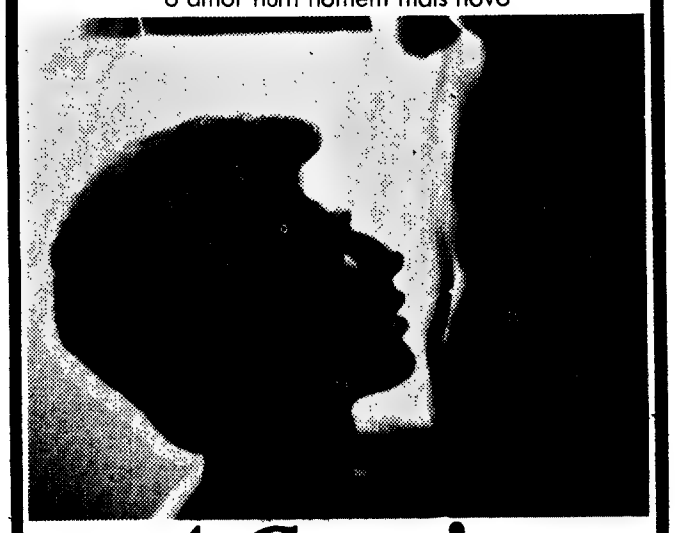
(3) Ver livro sobre o «Governo Fascista Português». Edições Afrodite.

P.S. — Ao meu artigo da semana passada. Para além das habituais gralhas que o leitor paciente terá desculpado, gostaria de lhe assinalar o seguinte: A frase **Festa na mesa do horizonte,** é um verso do poeta brasileiro Lêdo Ivo; na frase: «Não se veja nisto nem nos sinais das casas do Barreiro, a que me referi, qualquer forma **cultural»,** esta última palavra deve ser substituída pela palavra **cultual,** que foi a que eu escrevi.

Aproveito a oportunidade para agradecer publicamente à desconhecida amiga que me encontrou no «metro» e para surpresa minha, me entregou uma fotografia do passeio, prova de que não se tratou de um sonho.

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

Do controverso e moderno clássico
da literatura de STEPHEN VIZINCZEY
dedicado às mulheres que descobriram
o amor num homem mais novo



A Carreira de um Sedutor

desde a inocencia
à experiencia

MAYA... BOBBI... MITZI... PAULA... ANN...

...foram algumas paragens no seu caminho

ROBERT LANTOS & STEPHEN J. ROTH Apresentam uma Produção ASTRAL BELLEVUE PATHÉ 69E FILMS

KAREN BLACK · TOM BERENGER · SUSAN STRASBERG

num Filme de GEORGE KACZENDER

"IN PRAISE OF OLDER WOMEN"

Do romance de STEPHEN VIZINCZEY

com HELEN SHAVER, MARILYN LIGHTSTONE, ALEXANDRA STEWART, LOUISE MARLEAU, ALBERTA WATSON, MARIANNE McISAAC

Produtores Executivos STEPHEN J. ROTH & HAROLD GREENBERG Produção de ROBERT LANTOS & CLAUDE HEROUX

Realização de GEORGE KACZENDER Argumento PAUL GOTTLIEB Música TIBOR POLGAR Director de Fotografia MIKLOS LENTE

© 1979 Warner Bros. Inc. From Warner Bros. & A Warner Communications Co.

estúdio 444

2ª SEMANA DE ÊXITO

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

UM GRANDE EXITO MUNDIAL

4 DOS MAIORES ARTISTAS DO CINEMA ITALIANO

VITTORIO GASSMAN

ORNELA MUTTI

ALBERTO SORDI

UGO TOGNAZZI

OS NOVOS MONSTROS

«NUOVI MOSTRI»

3 DOS MAIORES REALIZADORES ITALIANOS

MARIO MONICELLI
DINO RISI
ETTORE SCOLA

Uma obra prima de humor e sátira

EXCLUSIVO MUNDIAL FILMES

2.ª SEMANA

Int. a menores de 13 anos

STAR

MEMÓRIAS DO CINEMA 78

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30h:

Sala 1 — «Iniciação Carnal» (Mike Nichols) e «A Grande Evasão» (John Sturges).

Sala 2 — «Nas Malhas da Rede» (Bil L. Norton) e «Asfalto Quente» (Steven Spielberg).

Sala 3 — «A Ultima Valsa» (Martin Scorsese) e «Para que Servem os Amigos» (Robert Parrish).

Sala 4 — «Asfalto Quente» (Steven Spielberg) e «A Última Valsa» (Martin Scorsese).

CINEMA CASTIL

2.ª SEMANA

um filme de CLAUDE LELOUCH

**Um estranho encontro: um "gangster" e uma "antiquária"
Duas vidas que se transformam!**

A MULHER E O PATIFE

LA BONNE ANNÉE

LINO VENTURA · FRANÇOISE FABIAN

COLOR
DOPERFILME
18 ANOS

critica unanime

O MELHOR FILME DE CHARLES BRONSON

**sobreviver no cais era duro
mas Bronson era mais duro ainda**

Columbia Pictures presents
A Lawrence Gordon Production

Charles Bronson
James Coburn

o Lutador da Rua
The Streetfighter

Co-starring **Jill Ireland** **Strother Martin**

Screenplay by Walter Hill, Bryan Gindoff and Bruce Henstell Story by Bryan Gindoff and Bruce Henstell
Music by Barry De Vorzon Panavision® Produced by Lawrence Gordon Directed by Walter Hill
Production Services by Cartridge Associates, Persky Bright

HOJE ÀS 21.30 NO AVIS

Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

FOLCLORE INTERNACIONAL NO COLISEU DOS RECREIOS

18 de Junho de 1979, 21,30h. prefixas
8 agrupamentos de 7 países — 300 artistas vindos dos seguintes países:
BULGÁRIA — DINAMARCA — ESPANHA
POLÓNIA — ROMÉNIA — SUÍÇA
Um único e sensacional espectáculo

ARTE X COR X MOVIMENTO

Preços a partir de 70.00
Espectáculo para Todos

8.ª SEMANA

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

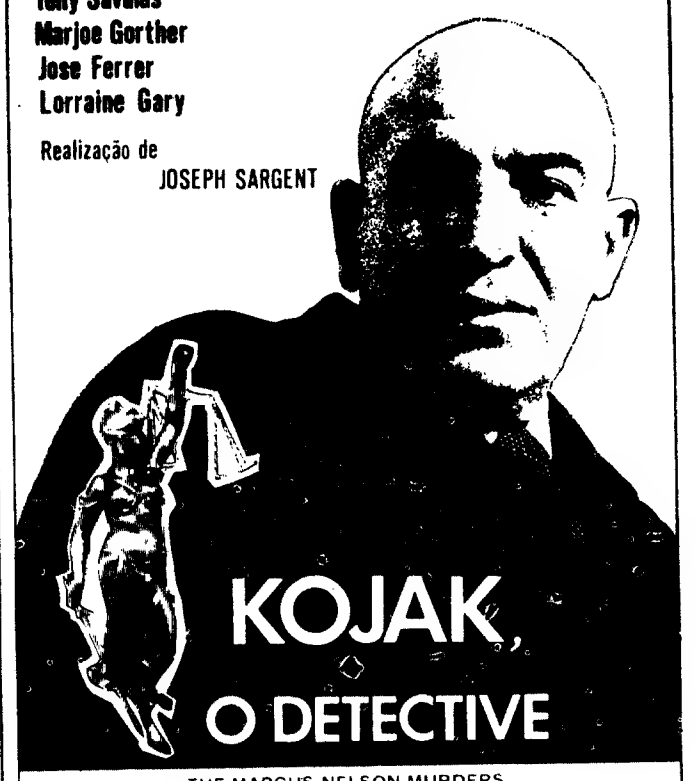
Os livros de AGATHA CHRISTIE são editados em Portugal por LIVROS DO BRASIL

ASTÓRIA FILMES

DUAS FORAM ASSASSINADAS... QUAL SERÁ A PROXIMA?

com
Telly Savalas
Marjoe Gorther
Jose Ferrer
Lorraine Gary

Realização de
JOSEPH SARGENT



KOJAK, O DETECTIVE

THE MARCUS-NELSON MURDERS

A UNIVERSAL PICTURE · TECHNICOLOR

2.ª SEMANA

MUNDIAL

INTERDITO A M. 13 ANOS

ANO 7º — SÁBADO, 17 DE NOVEMBRO DE 1945 — N.º 3255

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA* — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

AURORA

Um ultimo artigo, ao cabo duma serie deles escritos não para provocar onagros, mas para erguer a nossa fé de portugués. As eleições vão-se fazer amanhã e a vitoria não é objecto de duvidas. O vencedor pode anunciar já o seu triunfo.

Quem lho disputará? No nosso humilde entender, seria bem melhor que não fosse tão facil prever com inteira certeza o que está para vir, como êxito eleitoral, no espaço de vinte e quatro horas.

Não obedecemos a qualquer ambição, vaidade ou interesse vil, procedendo como procedemos: tentámos falar com independencia aos nossos leitores que certamente prefrem a verdade, mesmo quando desagrada, á mentira, vestida com o manto de Arlequim. Consulte cada um a sua consciencia e pregunte-lhe:

—«Dize-me, juiz incorrupto, andei bem ou mal, fui inconsiderado ou prudente?».

A nossa responde-nos sem hesitação:

—«Vive em paz e trabalha sem remorsos».

Esvoaçou, em torno de nós, a calunia, a injuria soêz, o atrevimento grosseiro...

Não insultámos nem enxovalhámos fosse quem fosse. Referimo-nos a Salazar, porque só o seu nome tem, no momento actual, a altura suficiente, desempoeirada, para ser encarado com serenidade. No palpitar dos variados episodios que tem oferecido a propaganda eleitoral, o escabujar do odio produz em nós o efeito e a repugnancia duma chaga ou dum aleijão moral.

Quando amanhã, após as horas de turbulencia e de delirio vocal, a razão recobrar os seus direitos, nós havemos de reconhecer espontaneamente que os homens de

(Continua na 13.ª pag.)

O MOMENTO POLITICO

O mal não está apenas

no que a Censura proïbe

mas tambem no receio

do que ela pode proïbir

— diz-nos o escritor Ferreira de Castro

Ferreira de Castro, uma das mais positivas presenças da actualidade literária portuguesa, o escritor português mais conhecido no estrangeiro, depõe hoje, como intelectual, nêste inquérito sôbre o panorama geral da vida portuguesa. Quando lhe preguntámos o que êle pensava sôbre a influência da falta de liberdade de pensamento na vida nacional e na literatura em especial, o autor de «A Selva» diz-nos logo:

—A falta de liberdade de pensamento é a causa fundamental, a unica mesmo, de tudo quanto se tem passado. O resto são simples consequencias.

—A literatura?

—Foi uma das grandes vitimas. E, contudo, parece-me inutil afirmar — tão dito está — que é pelas suas obras de arte que um povo ou uma época se conceitua entre os outros povos ou no futuro. São as obras literárias e artísticas que constituem, verdadeiramente, o orgulho dos povos. Podemos dizer, com afoiteza, que o melhor que nos ficou das descobertas foi os «Lusiadas». Foram os «Lusiadas» que deram, perante a posteridade, uma elevação espiritual ás descobertas, uma elevação que os próprios descobridores, na maioria dos casos, não possuiam. Sem os «Lusiadas», as aventuras maritimas portuguesas não teriam, hoje, os estudiosos, os entusiastas que têm, espalhados pelo mundo, e estariam reduzidas a umas frias páginas de história. E, contudo, todos sabem que, nêstes ultimos anos, especialmente desde 1935 em diante, uma obra como os «Lusiadas» talvez não pudesse ser publicada.

FERREIRA DE CASTRO

—Há outros casos?

—Há. Eça de Queiroz, orgulho da literatura portuguesa, não era possivel na nossa época. Houve o bom senso de não apreenderem os seus livros, porque isso provocaria uma grande emoção, mas foram proibidos ou apreendidos livros muito mais «brancos» do que os de Eça. A primeira ou uma das primeiras circulares da censura, enviada aos jornais em 1926, e que eu li, proibia, entre outras coisas, a transcrição de páginas de Alexandre Herculano, de Ramalho Ortigão, de Eça de Queiroz e, se bem me lembro, de Oliveira Martins. Herculano está no panteão e se os outros três escritores não estão lá, não é porque não o merecam também.

Escrever um romance é um auto-suplicio

—E dos escritores vivos?

—Até 1935, os censores, embora intervindo, de quando em quando, na literatura, faziam-no sòbriamente. Daí em diante, porém, escrever um romance em Portugal era uma espécie de auto-suplicio, desde que não se tivesse a mentalidade da situação dominante. E a verdade é

Continua

A solução imediata da crise

segundo o dr. Francisco Veloso

consistia em cumprir sem reservas mentais

as disposições da actual Constituição

DR. FRANCISCO VELOSO

O sr. dr. Francisco Veloso, antigo deputado e antigo membro do Conselho Legislativo, foi secretário do Centro Academico de Democracia Cristã, de que fizeram parte o actual Cardial Patriarca de Lisboa, os srs. drs. Pacheco de Amorim e Diniz da Fonseca, entre outras personalidades gradas da actual situação, e mais tarde o sr. dr. Oliveira Salazar.

Pertenceu ao grupo da «Era Nova», com o padre José Alves Correia, e ao que no antigo «Correio do Minho», da direcção de Alvaro Pipa, em Braga, defendeu as mesmas doutrinas.

E' um advogado muito distinto e um brilhante cronista internacional cujas opiniões eram lidas avidamente durante a ultima guerra.

Quisemos recolher o seu depoimento sobre o actual momento político e começamos por lhe preguntar:

—Qual a sua atitude perante o Movimento de Unidade Democrática?

—A de adesão.

—Poderá expôr-nos as suas razões?

—Da melhor vontade, embora elas possam parecer, no curso do debate que se abriu na Imprensa, um caso á parte. Fundamentam, porém, o meu ponto de vista que, nêste momento, não deve ser talvez só meu.

—Qual?

—Tenho que começar por dizer que a adesão que, mediante a minha assinatura numa das listas, dei espontaneamente ás reclamações votadas no Centro Almirante Reis no que nelas se contém de verdadeiramente nacional, e logo depois de tornadas publicas,—foi e é para mim, para a minha consciência, e sem outros compromissos, não uma afirmação (que felizmente não preciso de fazer porque continuo a ser, desde que me conheço e fiz a minha formação, um democrata-cristão, fiel a principios de que não abjuro, como há quatro anos tive o ensejo de recordar e novamente acentuar numa entrevista á *Vida Mundial*, mas o cumprimento de um dever de cidadão, tão sagrado como seria o meu voto num acto de sufragio sério e livre.

E um democrata-cristão começa, natural e logicamente, por defender e exigir a instauração de uma Democracia... Pelo menos assim o aprendi há mais de trinta anos nas doutrinas politico-sociais que, sob as doutrinações de Leão XIII, orientavam nêsse tempo um Centro de Democracia Cristã, que então havia em Coimbra. E se os tempos e as pessoas mudaram, eu, como vê, não mudei de crenças nem de doutrinas.

A Democracia sem adjectivos

—Mas, como democrata-cristão, qual a sua concepção da Democracia?

—A de todo o mundo e de tôda a história do homem! Nem pode haver outra. A Democracia, que é de essência cristã e evangélica, contém uma filosofia baseada no respeito da dignidade da pessoa humana, pessoa integral, êsse respeito que um Pontifice, Pio XI, o gigantesco adversário do nazismo, do fascismo e do comunismo—isto é do autoritarismo totalitário, do Estado sob qualquer forma, que esmaga ou estrangula os Direitos do Homem—condenou e combateu até morrer.

A Democracia vive e sempre viveu na cons-

Continua

«Somos mais, é certo,

mas alimentamo-nos pior»

acentua o prof. Mário de Azevedo Gomes

numa analise á obra do Govêrno

DR. MARIO DE AZEVEDO GOMES

O sr. professor Mário de Azevedo Gomes é uma das figuras da oposição cujo depoimento não podia deixar de registar-se neste inquerito que principiámos há pouco mais de um mês acêrca do momento politico. Catedrático do Instituto Superior de Agronomia, antigo ministro da Agricultura, é autor de uma valiosa obra tendente a esclarecer as condições do país sobre um dos aspectos que mais interessam a economia nacional. Embora tenha feito parte do Govêrno, no periodo que antecedeu o 28 de Maio, o sr. professor Mário de Azevedo Gomes está perfeitamente integrado no espirito que orienta a geração a que pertenceu a maioria dos iniciadores do actual Movimento de Unidade Democrática. Quando o procurámos ontem, para lhe pedir também a sua opinião, o ilustre catedrático começou logo por aludir ás recentissimas declarações do Chefe do Govêrno:

—Li com a natural curiosidade as entrevistas dadas pelo sr. Presidente do Ministério e também julgo ter lido quanto, á maneira de comentário, a oposição tem produzido até hoje, nos jornais de Lisboa, lutando pertinazmente com falta de tempo e de espaço. Parece-me que pode com justiça dizêr-se, nesta altura, que ficaram rebatidos os argumentos de S. Ex.ª quanto ás questões essenciais da ideologia politica que prefere,—e insiste em impôr ao país—, quanto aos metodos de que usa servir-se na sua forma muito pessoal de govêrno—censura paternal inclusa—e quanto á falta de confiança, que lhe merece a consulta franca do eleitorado, tal como a propõe para o bem de todos, o Movimento de Unidade Democrática. Não me pertence insistir sôbre o que outros já disseram.

—No entanto, V. Ex.ª...

—Sim, talvez que possa ter ainda uma voz á parte, nesta cruzada em que andamos do esclarecimento da opinião publica, se vier ocupar-me aqui, já como tecnico já como cidadão interessado no momento politico, dum aspecto

Continua

O MOMENTO POLITICO

O depoimento de um antigo secretário do Centro Académico de Democracia Cristã

(Continuação da 1.ª pag.)

ciencia individual como uma aspiração continua que se formula em reivindicações de justiça politica, economica e social. E é por isto mesmo que, como se verifica no actual Movimento, ela reune pessoas que defendem regimes diferentes, visto que a Democracia é um ideal para todos os regimes em que não se prostergam os direitos, dos cidadãos e que correspondem ás tradições, á maneira de ser colectiva, ao interêsse e á vontade livre da Nação. O Ludvig disse isto por uma forma só aparentemente desconcertante ao escrever que o sistema monárquico têve sempre as suas vantagens mais nitidamente reconhecidas nas democracias, e as suas desvantagens nas monárquias. E Maritain, que entende que «os principios da filosofia democrática tendem para a forma republicana como para a sua expressão mais normal», disse famosamente que a tragédia das democracias modernas está (hoje podemos já dizer que estêve) em que elas não conseguiram realizar a Democracia.

—O que envolve uma questão dentro dos regimes, e até do que geralmente se diz ser democracia...

—Exactamente: «a passagem da democracia burguesa, ressequida de hipocrisias e sem seiva evangélica, para a Democracia integralmente humana; da democracia falhada para o Democracia real».

—No entanto, a soberania do povo...

—A Democracia não é a soberania do povo porque em Democracia não há soberano. A sua definição perfeita foi dada ao mundo genialmente por Abraão Lincoln: «o govêrno do povo, pelo povo e para o povo». Em Democracia o povo ascende, como cidadão e trabalhador, á sua maioridade politica e social, mas por isto e para isto mesmo o poder legislativo tem de ser exercido pelos representantes, livremente eleitos, do povo, e o poder governamental por delegados constitucionalmente designados pelo povo e controlados pelo povo. A Democracia é isto e só isto. Como as grandes verdades não caréce nem admite adjetivações porque é indeformável. Ou é assim ou não existe.

—Mas restam a realização e a realidade.

—O que resta é que a Democracia não existiu e hoje menos que nunca no nosso país. O que resta é que o povo português continua a esperar por ela para a conhecer e a viver como ideal de justiça traduzido em reformas que nem em Monarquia nem em Republica ainda foram realizadas. O que resta é que a Democracia não é, como pretendem os seus adversários, boneco de barro pintado a verde e vermelho e coifado de barrete frígio que se coloque nas prateleiras da loja para chamar fregueses ao engano. O que resta e é o mais lamentável é que ainda seja preciso reivindicar em Portugal, no ano de 1945 e sobretudo depois da vitória das Nações Unidas, estes principios e ideais que são do património secular da Nação Portuguesa e alicerce indeslocável das nações de adiantada civilização. Eis a realidade que resta. Parece que em vez de andar, desandamos.

A ditadura-regime e o totalitarismo

—Mas não há os casos de ditaduras necessarias?

—Precisamente porque são casos, as ditaduras são apenas episódios e como tais transitorias. A ditadura nunca pode, ser um regime normal de governar. E os países que se sujeitam com relativa frequencia a tal recurso (e parece-me que a este respeito o nosso bate um *record* deploravel) revelam que neles não há educação civica perfeita nem uma vida politica economica e social em ritmo de progresso equilibrado, persistente e normal. A prova é que ainda agora e a cada passo se nos citam nas folhas, aliás sem o menor resultado, as ultimas eleições britanicas..... Foram os romanos que inventaram a palavra ditadura para designar um cargo em que, sob a republica, havia necessidade de conciliar o poder militar com o poder civil. Mas importa vincar que em Roma a ditadura só foi admitida com duas condições, a de que o país estivesse em perigo, e a de que ao fim de seis meses o poder fosse devolvido ás autoridades legais.

Imagine há que seculos isto foi!

—No entanto é inegavel que grandes reformas e realizações foram levadas a cabo em ditadura.

—E quem o nega? A virtude da denominada oposição está em não negar as realidades. Porque quero a justiça, faço e rendo justiça á verdade e ao valor dos homens que a merecem. Conheço a historia. Sei separar o trigo do joio. Ditaduras sempre as houve. Os causticos podem salvar doentes, mas ninguem pode viver com causticos permanentes. Nada de confusões. Não se trata da ditadura episódica e transitoria. Trata-se da ditadura—regime de Estado. E a ditadura-regime de Estado foi e é o fenómeno maligno do nosso tempo.

— E como surgiu ele então?

—A ditadura tornou-se regime de Estado, a que os teóricos do fascismo puseram, e bem, a caracteristica de totalitario, depois que Lenine, sem duvida uma figura dominante neste primeiro meádo do seculo, veio, na sua famosa doutrina dos dois triangulos—o do partido unico metido dentro e suportando o do Estado—ensinar aos outros chefes ditatoriais a lição e os padrões que a guerra ou melhor a revolução da guerra felizmente derrubou, até na Russia! A diferença é que os discipulos, renegando ao mestre, desataram depois a usar, mais ou menos vociferado, o *slogan* da luta anti-moscovita ao comunismo para obterem, por alarme, maior coesão nas massas, que os conservasse a todo o custo e por mais tempo no poder. Tiveram essas aventuras sinistras de esclavagismo nazismo e do fascismo. Circunstancias favoraveis. Mas o fóco originario do que sofremos, é aquele.

O Estado em Democracia

—E que conclue?

—Concluo que é puro sofisma confundir Democracia com Comunismo e andar a prégar que só por meio ds ditaduras—regimes é possivel dar e manter a ordem perfeita no Estado. A Democracia exige que a Autoridade tenha uma base moral e juridica, que é precisamente o fundamento da ordem não só no Estado mas na sociedade. E sem ordem nesta, que resulta da educação e formação individual, aquela não pode existir. O que repugna em Democracia e á Democracia—como á ideia, eminentemente latina, da responsabilidade moral e juridica do Poder e de quem o detem—é a concepção do Estado omnipotente e discricionario, metido numa paliçada de ferro diante de uma nação servilizada e amorfa (e é de lembrar que os chefesfes e doutrinadores do totalitarismo têm como norma de intolerancia «cortar as papoilas altas», segundo uma expressão tambem Soviética), absorvendo em si mesmo a titulo de disciplinamentos, os direitos dos cidadãos e da livre iniciativa privada, ou dos orgãos autónomos, emanados da Comunidade nacional, pelos quais esses direitos e actividades se exercem. Essa concepção é anti-humana, anti-juridica e absurda. E' em Democracia que se obtem a conciliação exacta do individual e do social, da Liberdade e da Autoridade, sem sacrificar nenhum destes termos da equação.

O argumento dos «êrros do passado»

—Argumenta-se, como sabe, que «os erros do passado» justificam os regimes de autoritarismo totalitario.

—Bem sei. Mas porque não se diz o que foi a obra construtiva realizada nos desasseis primeiros a nos da Republica, com a mesma isenção com que a oposição reconhece o que de bom ou menos imperfeito foi levado a cabo pelo actual regime nos ultimos dezanove anos —como ordena a boa justiça? E porque não se fala tambem nos erros do actual regime? O que vale são as resultantes uteis para a Nação, não são os erros, desde que se corrijam.

Mas se com o tal argumento se intenta fazer referencia a um estado de desordem que sem duvida muito fez sofrer a nação, respondem-lhe estas palavras do filósofo e sociólogo francês, que já citei, e que lhe eio: «Desde a Revolução Francesa e a explosão de idealismo cristão laicisado que ela provocou na historia, o sentido da liberdade e o sentido da justiça social agitaram e revolveram a nossa civilização, mas é preciso ter uma alma de escravo para desejar o aniquilamento desse sentido de liberdade e de justiça por causa de sofrimentos e desordens que ele haja ocasionado». Aplique isto a Portugal e a resposta ganha uma claridade ofuscante.

De resto, não é lícito esquecer que essas desordens foram e são exprobadas por muitos e dignos homens da Republica, alguns felizmente vivos, que honraram o seu país ao serviço da Nação, e a quem só um facciosismo de *botocudos* não respeita nem rende justiça, porque até não raro os injuria ou difama, usando de processos que recordam os piores desmandos da Imprensa facciosa de outros tempos.

Quando se criará, até por imposição, neste país inerme o espirito fidalgo da tolerancia e do respeito mutuo, na troca das ideias e no trato das pessoas, que no fundo e na forma, são simples e comesinhos preceitos de boa educação?

Esse estado de desordem, combateu-o tambem posso dize-lo, a geração a que me honro de pertencer.

Mas, além disto, há-de ter-se em atenção outro acto muito importante.

O facto novo

—Qual?

—O de que há em Portugal duas gerações inteiras (e a mais velha com altos valores afirmados em diferentes profissões, provados em proficientes trabalhos, que a alguns deram justo renome no mundo cientifico) as quais, talvez porque tentaram quebrar-lhes as asas logo aos primeiros vôos nunca souberam nem experimentaram no seu país a livre e legitima posição dos direitos de cidadania, porque quando nasceram ou atingiram a maioridade intelectual já eles tinham sido abolidos. E isto é simplesmente horrivel na formação moral e intelectual do homem. Lembra a *Lei do Ventre* que levantou a alma do Brasil contra a escravatura.

Nessas gerações há milhares de rapazes e homens de diversas opiniões e crenças, politicas, sociais, economicas e religiosas. Mas quem algum dia privou com eles, verificou a sua vibrante aspiração da Liberdade como condição dominante e prévia da Democracia. Ora, nenhuma dessas gerações tem responsabilidades no passado. E eu pregunto porque é que invocando-se simples divergencias de opinião politica, é vedado a esses rapazes e homens o direito de servir a Nação que aliás não pode dispensá-los para as reconstruções e edificações de hoje e de amanhã e bem assim o direito de serem compensados das relegações ou preterições a que um criterio estreito e errado da educação oficial os condenou sem defesa com a mais clamorosa das injustiças e por vezes até com desprestigio da cultura nacional perante a cultura estrangeira?

Essas gerações, a meu ver, são as portadoras do espirito novo nas reformas democraticas da vida nacional. Elas compreendem e sentem como ninguem aquela afirmação feliz do professor Harold Laski, citada por Leão Blum na conferencia que em outubro passado concedeu á Imprensa franco-britanica em Londres: «Pode ser que a liberdade não seja o maior de todos os bens, mas se existem bens maiores, nenhum deles pode ser conseguido sem liberdade». Eu creio em que o advento e a presença desses rapazes e homens portugueses, com o seu pensamento sua vontade, na vida publica do país, são o facto mais impressionante no actual Movimento de ideias e em acção, a sua nota dominante e a sua melhor promessa.

A causa e a evolução da crise

—Em face de tudo o que vem de expôr, como encara a actual crise?

—O povo português há cêrca de um seculo tem vivido isolado da coisa publica, mantido longe da vida do Estado e dos orgãos constitucionais da soberania, subalternizado e explorado por conjuras de grupos politicos, economicos e financeiros que o dominam como oligarquias. Deste estado de coisas geraram-se desastres, lutas fraticidas, pronunciamentos, desordens na administração publica, rixas de facções. Foi uma destas crises agudas que justificou ou explicou o movimento militar de 28 de Maio de 1926 contra uma situação a que ninguem quere voltar, a não ser os aventureiros e os prevaricadores.

Com este acontecimento revolucionario que eclodiu entre as melhores esperanças, teria chegado a hora de libertar o povo daquelas dominações oligárquicas, chamando-o á vida do Estado, á actividade de todos os sectores, de realizar as reformas, de criar as condições para a solução do nosso problema social.

Sei e conheço, e por isto reconheço sem esforço que durante estes ultimos dezanove anos houve e ha realizações e obras perfeitas e de alto interesse publico quer na administração do Estado quer na vida e corpo da Nação, e que há outras susceptiveis de se aperfeiçoarem. Não esqueço que a um periodo de tumultos sucederam anos de ordem nas ruas, não esqueço que uma politica feliz, feita de acôrdo com a Inglaterra, nos preservou das desgraças da guerra nem o prestigio internacional da Nação.

Mas pregunto se é licito afirmar-se que não há erros e grandes e que tudo quanto se fez é óptimo e indiscutivel, insusceptivel de ser transformado, substituido, rectificado ou emendado, quando patentemente se verifica que organizações até de caracter constitucional se perverteram a despeito do seu interesse publico, e reclamam aquela reverendissima reforma de que falava em Trento o arcebispo bracarense.

E então, salvo o devido respeito por opiniões sinceras em contrario, encontro que na origem da crise que ao fim de dezanove anos fére o regime, está precisamente o facto de que, a certas alturas, não houve a compreensão de que só mediante uma forte intervenco popular—num governo do povo, pelo povo e para o povo—poderia, com a colaboração de todos os valores nacionais estivessem onde estivessem, ter-se realizado pela primeira vez neste país a Democracia Nacional, e com tanta maior vantagem, quanto o poder tinha tudo na mão, e não via forças de oposição seria diante de si. A livre discussão dos actos do governo na Imprensa e no corpo legislativo teria impedido os erros e imperfeições que se evidenciam na obra do Estado Novo, permitindo completar o que se iniciara, evitado as deflagrações descanalizadas das criticas e aborrecimentos.

Sei fazer justiça aos valores alguns notaveis de muitos homens que durante todo este longo periodo passaram ou passam pelas cadeiras do poder, mas a verdade dos factos não pode negar-se.

A causa do que vemos não está nos homens. Está em que se preferiu, sob a influencia de doutrinas estrangeiras (mais uma vez na nossa historia moderna) instaurar, em vez da Democracia, uma ditadura-regime de Estado, embora com caracteristicas próprias, mas com métodos e processos análogos a outros então triunfantes. A livre representação do povo no orgão legislativo foi substituida, á alemã ou á italiana, pelo partido unico.

A' sombra disto, e da censura, os «cambões» medraram.

Vozes sensatas, tentativas geneosas advertiram do perigo de se governar longe do povo, em circulo fechado e de portas cerradas, de se criarem clientelas exclusivistas, de não se admitir a discussão livre, de se repelirem valores do melhor quilate de não se consultar nem ouvir; lembraram que a aura do fascismo tombaria no ocaso, que era preciso abrir valvulas de segurança, mudar de rumo a tempo. Tudo foi inutil... e milhares de portugueses o lamentam!

—E como vê a evolução das consequencias dos factos que acaba de apontar?

—Como sempre sucede (e pensam como eu pessoas de alto valor na situação) a revitalisação necessaria do regime não se produziu, nem nas ideias, nem nos quadros nem nas pessoas. Tudo se passa como no principio. E em muitos casos as «équipes» ou escassearam ou falharam. Continuou a governar-se anti-democraticamente, de rijo e de cima para baixo, verticalmente, sem os indispensaveis contactos com a vontade popular e com as aspirações das classes livremente expressas. E emquanto isto ocorria e os «interesses criados» empunhavam as alavancas de comando e de execução, mudou o ambiente internacional e nacional que imprudente e imprevidentemente se julgara imutavel. Era compreensivel que de inicio a exigencias de uma defesa rigida impusessem a rigidez de processos, mas não que assim se procedesse durante dezanove anos a fio.

—E então...

—Então a vitoria das Nações Unidas (apesar do sr. Churchill, metendo na gaveta a Carta do Atlantico negar a certa altura que a guerra era uma luta de ideologias) foi a vitoria da Democracia, de uma ideologia diferente e contraria á que o regime perfilhara, da ideologia que ele combatera por actos e palavras, mas fora da qual já não é possivel viver no mundo de hoje e de amanhã.

A crise economica geral estalou e laborou sobre uma transformação social operada como em seguida á Revolução Francesa, por deslocamentos e revolvimentos de categorias sociais. Aqui, como em toda a parte, essa crise e os imperativos ideologicos dessa transformação social fizeram explodir a crise politica, latente mas visivel. Porventura não se perderam ou correm irreparavel risco de se perderem muitos esforços uteis e enormes sacrificios empenhados pela Nação?

E' que a politica continua a ser a arte de saber prevêr. Era de esperar que tudo isto viesse a desencadear, mais cedo ou mais tarde, uma reacção. A ela estamos assistindo...

Uma reacção que se repete

—Em que sentido?

—A reacção produz-se no sentido em que sempre se produziu em outras crises anteriores: no sentido de uma instauração perfeita da Democracia em Portugal. Pelo exercicio dos direitos Constitucionais dos cidadãos, pelo equilibrio de intensa renovação economica libertada da pressão plutocrática, pela vigorosa reforma que garanta ao trabalhador um melhor *Standard* de vida e o direito de participar do rendimento das empresas; ou em suma, contra o que estava e contra o que está, para empregar uma fór-

(Continua na 13.ª pag.)

eva

do Natal de 1945

No primeiro, segundo, terceiro e quarto prémios, respectivamente:

CINQUENTA, VINTE, DEZ e CINCO CONTOS

em compras á escolha dos premiados e um bilhete inteiro e meios bilhetes para a lotaria do Natal, com os numeros seguintes:

3574 - 25353

10442 - 20529

INSCREVAM-SE

O MOMENTO POLITICO

A posição do escritor perante a Censura

segundo Ferreira de Castro

(Continuação da 1.ª pag)

que a grande maioria dos romancistas portugueses não a tinha nem a tem. Para escrever conforme os canones da censura, o romancista devia fingir ignorar todas as grandes inquietações do homem do nosso tempo e escrever uns romances convencionais, deslocados da sua época, uns romances sujeitos a tantas restrições, que seria fastidioso enumerá-las todas aqui, tanto mais que elas são bem conhecidas. Escrever assim é uma verdadeira tortura. Porque o mal não está apenas no que a censura proíbe mas também no receio do que ela pode proibir. Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sôbre a mesa de trabalho—e essa invisivel, incorpórea presença tiranos toda a espontaneidade, corta-nos todo o *élan*, obriga-nos a mascarar o nosso pensamento, quando não a abandoná-lo, sempre com aquela obsessão: «Eles deixarão passar isto?». Acontece, ás vezes, que nós nos sentimos pueríl mente ricos, compensados de todos os esforços, só porque encontramos um conceito original, uma frase de bom talhe, uma cena bem traçada. Vamos, depois, a reler e verificamos que temos de nos despojar dessa pequena riqueza literária, que constitue a verdadeira recompensa de quem escreve, porque ela entrou, mesmo sem o querermos, em dominios proibidos. E—zás—toca a cortar, a substituir, a mastigar, a estragar! Eu não desejo aos que têm ideias diferentes das minhas, e que escrevem, uma tortura como esta que tem sido infligida aos escritores que não pertencem á actual situação politica

Romances proibidos

—E depois de escritos os livros?

—Depois de escritos, é o que todos nós sabemos. Aquilino Ribeiro, cuja obra constitue um monumento da nossa literatura, enviou, a pedido do seu editor, que temia represálias, um livro seu á censura. E a censura proibiu o livro de Aquilino. Alves Redol, um novo romancista cheio de talento, tem outro livro proibido também. José Régio, notável poeta e escritor, de quem a sua geração se orgulha, viu um romance seu retirado da circulação. Cito três casos e podia citar muitos outros de romances proibidos ou que os seus autores mutilaram coagidos pela censura e isto sem me referir a obras literárias de outro género, que têm sofrido a mesma sorte. Raro é o livro português que não tenha tido, nos ultimos dez anos, complicações com a censura. Ora, aconteceu que foi, justamente, nesta ultima década, que apareceu, em Portugal, uma brilhantissima pleiade de jovens romancistas de talento, em tão grande numero como nunca houve entre nós. Simplesmente, êles não têm podido realizar-se integralmente, realizar a sua obra com a liberdade necessária a todo o trabalho de pensamento. Eles não têm podido fazer a obra que fariam noutras circunstancias. E isto não representa sómente um prejuizo para êles, mas, o que é muito mais grave, um enorme prejuizo para a colectividade.

O legado ao futuro

—Isto prejudica o futuro?

—Sem duvida alguma! Já disse que um país vale, especialmente, pela sua actuação intelectual e artistica, pela sua herança de pensamento e de arte. Isto é tão verdade que—doloroso contraste!—na recente guerra os govêrnos mostravam mais cuidado em salvar pedras lavradas e telas pintadas, do que as próprias vidas dos homens. Ora o que se tem estado a fazer em Portugal é desfalcar o futuro do legado espiritual que lhe podiamos deixar. Pregunto: quais serão as obras e figuras do nosso tempo de que se orgulharão os portugueses daqui a cem ou duzentos anos? Se alguns nomes contemporaneos sobreviverem e merecerem a admiração dos vindouros, quais serão eles? Serão os dos que censuram as obras literárias ou os dos censurados? Parece inutil a resposta. Dos vários homens da mesa do Santo Oficio só um chegou até nós: o tolerante frade que examinou os «Lusiadas». E chegou até nós porque, em vez de proibir os «Lusiadas», recomendou a sua publicação...

—Em todo o caso, tem aumentado, de ano para ano, o numero de livros publicados... Não é verdade?

E'. E cada vez se publica mais. Não sei quem disse no Parlamento inglês que os povos eram, hoje, mais inteligentes. Não serão mais inteligentes, mas são mais conscientes, mais cultos e sentem necessidade duma cultura cada vez maior. E, assim, o interesse pela leitura aumentou, apesar da radiofonia, dos grandes expressos europeus, dos aviões, da vida vertiginosa do nosso século, de que falavam alguns homens da minha geração e que, segundo êles, não deixaria tempo para lêr. Ora, nos ultimos dez anos, em todo o mundo, lê-se e publica-se muito mais do que se publicava e se lia até aí. Portugal não escapou á regra. O que acontece é que os livros nacionais publicados na ultima década, estão, geralmente, deformados pelos seus próprios autores, receosos da censura; e dos estrangeiros só quási se têm publicado livros caídos no dominio publico, isto é, livros com mais de cinquenta anos de idade, livros de mentalidade pretérita e, mesmo entre êsses, há alguns proibidos. Muitas, se não a maioria, das obras primas contemporaneas estrangeiras não podem ser lidas em Portugal. Sinto-me confrangido sempre que tomo conhecimento dos livros que a censura, por intermedio de circulares do Grémio dos Editores, proíbe os livreiros de venderem: são, em muitos casos, algumas das maiores obras do nosso século.

A responsabilidade dos censores

Agora Ferreira de Castro diz-nos:

—Há uma compreensivel tendencia para responsabilizar, pelo que acontece, os militares que fazem a censura. Eu não os conheço, nunca transpus a porta do edificio onde eles trabalham, nunca lhes pedi favor algum. Mas eu não ficaria bem com a minha consciencia se não fosse justo, se não dissesse que a culpa não é deles. A culpa é de quem os manda e do sistema que nos governa. Eles são simples funcionarios desse sistema. Pode ser que um seja mais tolerante ou compreensivo do que outro, pode ser que outro exagere, porque sendo o «mot d'ordre» recebido proclamar que o país não tem miseria, ele cortou um desenho para uma cronica de Diogo de Macedo sobre a Nazaré, porque, no desenho, um pescador tinha dois remendos na blusa... Podem acontecer muitas mais coisas de puro e absurdo criterio individual, mas a verdade é que a responsabilidade não é deles e se eles se mostrarem pouco rigorosos na censura serão, por sua vez, censurados. E esse receio justifica os cortes inconcebiveis que algumas vezes fazem.

História dum suicidio

—Tenho muito prazer em falar assim—acrescenta Ferreira de Castro—tanto mais que, por causa dum censor, deixei de escrever na Imprensa portuguesa.

—Como foi isso?

—Eu conto. Naturalmente, durante anos, eu, como todos quantos escrevem nos jornais, vi numerosos artigos meus cortados. Uma vez, cheguei a escrever três artigos sobre o mesmo assunto—sobre o Natal—e todos foram proibidos, porque neles eu aludia aos pobres que, nessa noite, tinham frio. Chega a parecer inverosimil, pelo que há de ingénuo nisto, que as esferas oficiais houvessem deliberado fazer acreditar o país e o estrangeiro que em Portugal ninguem tinha frio, nem fome, nem miseria, que havia, portanto, um Portugal que nós não viamos em parte alguma e que era diferente daquele que nós viamos todos os dias e em toda a parte. Tempos depois da supressão daqueles artigos, a censura cortava um novo trabalho meu. A historia é simples. O jornalista Simões Dias, director da revista «O Cinefilo», suicidara-se por amor da sua mulher, falecida tempos antes. E' um caso raro um homem suicidar-se pela morte da esposa e o caso de Simões Dias era mais raro ainda, porque ele, salvo da primeira tentativa de suicidio, dois meses depois voltava a atentar contra si—e desta vez fatalmente. A mãe de Simões Dias contou-me, a chorar, desesperadamente, o doloroso episodio e eu, compungido pela dor dessa infeliz mulher, escrevi um artigo sobre os sentimentos romanticos do seu filho, um artigo onde nem sequer empregava a palavra «suicidio» por saber que ela não era grata á censura. Apesar disso, o artigo foi cortado. Era uma falta de respeito que eu dificilmente posso conceber que se tenha pelo trabalho de alguem. Nesse dia resolvi deixar de escrever na Imprensa portuguesa. Se aparece, ás vezes, alguma coisa minha é um trecho de qualquer obra inédita. Mas se, por este lado, eu arrumava o caso, não podia arrumar, assim facilmente, a parte referente aos meus livros. Eu declaro aqui, com uma melancolia enorme, que só pode ser compreendida por outros escritores, que a minha obra literaria foi irremediavelmente prejudicada pela existencia da censura e que, mesmo vindo agora a liberdade, eu já não poderei recuperar o tempo perdido. Os assuntos que mais me empolgaram, aqueles em que eu poderia realizar completamente a minha personalidade, fui-os abandonando sucessivamente, por não serem compativeis com as instruções a que a censura obedecia. A' satisfação de descobrir o argumento dum romance sucedia sempre o desespero de ver que não o podia tratar.

—Pode exemplificar alguns deles?

—Claro que posso. Até 1935, como já disse, havia uma certa tolerancia para os romancistas. Foi até ai que eu escrevi, embora impondo-me, eu próprio, várias reservas, quatro dos meus cinco romances publicados. Depois, o regime existente foi-se julgando mais forte e intervindo em todo o papel impresso. Em 1936, quando acabei «O Intervalo», encontrei-me perante este dilema: ou mandá-lo á censura, acto que eu considero vexatorio para um escritor e que, de resto, se tornaria inutil, porque o romance seria, sem duvida alguma, proibido; ou publicá-lo sem censura e vê-lo apreendido e o editor sofrendo as respectivas penalidades. Meti, por isso, o livro na gaveta, depois de dois anos e meio de trabalho.

—Qual era o assunto do livro?

—«O Intervalo» era o primeiro romance duma serie intitulada «Biografia do seculo XX» e pretendia ser, realmente, uma biografia romanceada, um «panneau» de todos os principais acontecimentos da Europa, uma espécie de epopeia das lutas, dos sofrimentos e das aspirações dos humildes desde o começo do nosso seculo até os nossos dias—até que eu morresse. Era o documento duma época, de sangue e dor, de esperanças e de desesperos, de desesperos e de esperanças, um documento feito de compreensão humana. Mas tive de desistir e vejo-me, hoje, com a saude abalada e não sei se com vida suficiente para recomeçar uma obra tão longa. Talvez que, o país, pelos meus fracos ou nenhuns méritos, nada haja perdido com isso; mas perdeu e está perdendo, com absoluta certeza, pelo facto de muitos outros escritores se encontrarem em identicas circunstancias.

—Que fez depois disso?

—Tentei, com a tortura a que já me referi, três outros romances. «A hipotese», «Classe unica», (romance dum navio) e um outro que não tinha, ainda, titulo. Desisti tambem de todos eles, porque, ao quarto, quinto capitulos, verificava que ia por caminhos proibidos... Em 1940, decidi escrever um romance que fosse publicavel sem ter de sofrer a censura. E escrevi «A Tempestade». E' uma dessas obras que se fazem quasi com raiva para a própria obra, por não ser aquela que desejamos fazer. «A Tempestade» dá bem uma ideia da influencia que a falta de liberdade de expressão exerce na literatura. Quem ler os meus outros romances mal me reconhecerá neste. Tudo quanto constitue a minha personalidade está, ali, forçado, ou melhor, está desfigurado.

A imposição duma ética

—Os escritores queixam-se, sobretudo, da ética que lhes é imposta...

—Exactamente. E' ingenuo um governo imaginar que, por decretos ou pela fôrça ou pela censura, consegue impor a sua mentalidade ao povo e aos seus homens de pensamento. E, contudo, muitos governantes têm cometido essa ingenuidade. Nestes ultimos anos temos lido, em Portugal, muitas vezes, a afirmação de que o Estado trabalhava para transformar a mentalidade nacional. Essas afirmações, feitas por alguns dos mais responsaveis elementos da situação, faziam-nos pensar que eles pouco conheciam da psicologia humana.

—E então?

—Então... a regra é, justamente, o contrario. A regra é o homem, sobretudo o homem novo, ser contra a mentalidade do governo dominante. Ao sair-se da adolescencia, discorda-se, quasi sempre, de quem nos domina, desde o ambiente familiar ao ambiente politico. E' geralmente nessa idade que se formam as nossas ideias. Uns andam para trás, outros para a frente, mas com a politica do governo ou com as ideias dos pais são poucos os que acertam o passo. E quando a ideologia governamental está na retaguarda de todas as outras, os novos marcham para a vanguarda. As excepções a esta regra são rarissimas e sempre por motivos mais profundos que a mentalidade dum sector. Não é de estranhar, portanto, que a actual situação criasse o grande entusiasmo oposicionista que vai pelo país. Senão houvesse muitas outras razões, haveria, pelo menos, essa. De resto, a maioria do país foi sempre contra a situação. Todos nós o sabiamos e parece que o governo tambem, pois, nos primeiros anos, os seus próprios adeptos duvidavam do seu amanhã imediato e eram mais tolerantes do que ultimamente foram.

Após uma pausa Ferreira de Castro recomeça:

—Mas voltemos á questão da ética. Aceite a ideia de converter o país á ética governamental, tentou-se enfileirar os escritores na mesma doutrina unica, através da censura e através de prémios, como se fosse possivel meter a literatura, que é, por sua natureza e para bem colectivo, um elemento inconformista, clarividente, um elemento de antecipação, num corpo de doutrinas decrepitas, postas, há muito, de parte nos outros países. Ora, essa ideia de pretender que uma arte, como a Literatura, que, na sua essencia, joga com valores de posteridade, seja apenas o reflexo dum regime, ao cabo e ao fim efémero, por muito que dure, dá-nos bem uma amostra do criterio a que tem estado submetida a inteligencia nacional.

A tendência da maioria dos intelectuais

—A tendência da maioria dos intelectuais é para a direita ou para a esquerda?

—Para a esquerda! E, duma maneira geral, foi sempre, em todos os tempos, para a esquerda, mesmo quando não se usava esta designação. Talvez não seja exagerado dizer que noventa e nove por cento dos grandes intelectuais foram sempre contra as injustiças do forte contra o fraco, contra os preconceitos absurdos, contra as idéias feitas. E' graças a êles que, em certos aspectos, a Humanidade tem avançado. No seu conjunto, a literatura tem sido sempre um grito de justiça através dos séculos. Esse sentimento de justiça aplica-se, conforme a época, a diferentes expressões sociais. No fim do século XVIII e no começo do XIX, por exemplo, os romanticos batiam-se pela idéia de que um plebeu e um aristocrata eram iguais, com a diferença de que, muitas vezes, aquêle era, pela inteligência, muito superior a êste. No século XX, nós, mais realistas, lutamos pela idéia de que um pobre tem os mesmos direitos á vida, ao confôrto da vida, aos prazeres da vida que tem um rico. E isto interessa á Humanidade inteira, incluindo os filhos daquêles que, hoje, nos combatem. Para êstes mesmo é preferivel uma sociedade em que tenham o seu lugar assegurado, do que a hipótese do legado da fortuna paterna, fortuna que tantas vezes se desfaz antes de chegar ás mãos dos herdeiros ou se pulveriza nas mãos dêstes, deixando-os na miséria como aos outros.

—O que pensa do estado psicológico do país?

—Penso que o país está cansado da actual situação. Os portugueses encontram-se, presentemente, numa guerra de argumentos—e um bom argumento é a coisa que mais se parece com a verdade, sem muitas vezes o ser. Mas uma coisa é certa, irrefutávelmente certa, por cima de todos os argumentos: a maioria do país está fatigada da actual situação.

—Fala-se em ingratidão...

—Tenho ouvido também dizer isso. Todos os governantes se queixam do mesmo. Como o acto de governar é, geralmente, um voluntariado—e que disputado voluntariado!—os governados entendem que não devem louvar os govêrnos pelo que êles fazem e sim criticá-los pelo que êles não fazem e que era seu dever fazer. No presente caso português ha outras razões. Talvez, para explicá-las, baste eu extrair algumas linhas duma crónica que, em 1935, enviei de Jerusalém ao jornal «A Noite», do Rio de Janeiro. Ei-las: «Para chegar até aqui (a Jerusalém), tive de percorrer algumas rodovias magnificas, que os inglêses construiram na Palestina. Contudo, os palestinianos não estão contentes com essas estradas: entendem que elas são excelentes e que eram muito precisas, mas pensam que tiveram um preço demasiado caro—o preço da sua liberdade. E os palestinianos crêem—têm-mo dito—que, mais cedo ou mais tarde, mesmo sem o mandato da Inglaterra, êles próprios viriam a construí-las—e por um preço infinitamente mais barato...».

Uma inversão de papeis

—Pensa, então, que...

—Eu gosto de falar sempre á inteligência e não ás paixões dos homens. E, assim, permito-me colocar perante os homens mais inteligentes da situação a hipótese duma inversão de papeis. Suponhamos que um partido, igual ao dêles, mas contrário a êles, se instala no poder durante 20 anos. E nessas duas decadas constroe estradas, portos, edificios escolares, mesmo hospitais, tão bons como os de Nova York. Mas, ao mesmo tempo, tira aos actuais situacionistas tôda a liberdade de exprimir a sua opinião e os persegue e os deporta e os deixa injuriar e cria, entre êles, durante 20 anos, um regime de mêdo. Ao cabo dêsse tempo, os actuais situacionistas poderiam falar, com gratidão, das obras que o partido adverso tivesse realizado? Que cada qual ausculte a sua consciência e responda a si próprio.

Ferreira de Castro conclue:

—O govêrno tem a fôrça do seu lado e pode continuar no poder. Mas, eu penso que a pior coisa que o govêrno pode fazer ás suas próprias idéias, até á sua história, que, pelo que leio, o preocupa, é continuar no poder. Depois dêste singular plebiscito, que se acaba de fazer no país, cada dia que o govêrno se demorar no poder «gastar-se-á» mais. O moral de muitos dos que o apoiam ir-se-á enfraquecendo e já deve estar mesmo enfraquecido, pois é humano, é inevitável que assim aconteça. Estimulado pelas críticas que se fizeram agora, o govêrno pode lançar-se na realização de grandes obras, mas, faça êle as obras que fizer, o país não deixará de se sentir cansado e verá sempre nessas realizações apenas a ansia do govêrno se manter no poder. Isto tem acontecido em várias épocas e em quási todos os países. Depois do que se está a passar, muitas das próprias pessoas que apoiam o govêrno ficarão, decerto, com a sensação de que detêm uma coisa que não lhes pertence legitimamente, dada a forma como se fazem as eleições. E, do lado oposto, a maioria do país ficará com a sensação de que lhe tiraram uma coisa que legitimamente lhe pertencia. Será êste o panorama do país. Não sou politico. Sou apenas um intelectual que deseja, que luta por uma Humanidade menos infeliz do que ela é. Mas confesso que não compreendo êsse patriotismo que não cessa de clamar, perante os povos livres do Mundo, que nós, portugueses, somos tão inferiores a êles, que só podemos viver como um rebanho de escravos.

O MOMENTO POLITICO

O que nos disse o dr. Mário de Azevedo Gomes

(Continuação da 1.ª pag.)

exclusivo da argumentação que se debate, aspecto aliás proeminente na propaganda da situação, que é o dos principios materiais que lhe estamos devendo, através do conjunto das várias *obras* realizadas. Para o Chefe do Govêrno, êste lado da questão que se debate é mesmo decisivo; estamos em presença da pedra de toque das virtudes do sistema; são os próprios factos, á vista de todos, a justificarem-no a êle e ao Estado Novo.

A obra do Govêrno

E prosseguiu:

—Figuro que se trata como que dum tesouro encerrado em cofre magnifico. Abramos êste cofre, inventariemos o seu conteudo e comentêmos o que nos diz o inventário. Duas especies de autoridade são necessárias para realizar esta singular tarefa: autoridade moral e autoridade tecnica. Espero que me sejam reconhecidas ambas. Quanto á primeira, direi como professor universitário dos que assinaram as *famosas listas*, que tenho como ultrajante, e assim a repilo, a feição de menos *nacionalista* que me queiram atribuir, a mim como a qualquer outro dos meus colegas, no exercício da missão, docente ou qualquer:

«Julgo-me tão português como o Presidente do Ministério, tão patriota como S. Ex.ª, tão nacionalista como S. Ex.ª é. Só não pertenço á União *que se diz* Nacional, e por aqui nos distinguimos, é evidente. Quanto á segunda espécie de autoridade, a técnica, também aceito como bôa a doutrino da entrevista de que devem falar os homens só daquilo que entendem». E como vou falar aqui essencialmente de problemas de inspiração económica, quer ecnomicos, quer sociais, espero pelo menos, a respeito deles não ficar áquem da competência... dum professor de Direito.

O nosso entrevistado entra, em seguida na analise da obra da situação:

—Como preambulo dos louvores tecidos á obra feita, e até certo ponto, deduz-se, como prova dos seus efeitos, afirma o Chefe do Govêrno, que o nivel de vida nacional, embora sempre baixo, «é em todo o caso (agora) bastante mais alto que em 1926». Ouvi e pasmei! Tenho-me dado ao trabalho, com mais alguns colegas, de apurar dados economicos relativos a esta questão. Publicámos não há muito, pelo Centro dos Estudos Economicos, os engenheiros agronomos, prof. Henrique de Barros, Castro Caldas e eu, uma apreciação ácerca da «Evolução da Agricultura Portuguesa entre as duas guerras mundiais». Ali se focam, como não podia deixar de ser, aspectos relativos á população, ás produções, ao consumo, ao comércio, etc. Da informação estatistica, feitas todas as reservas que esta comporta, concluimos entre outras coisas: «que a população portuguesa manifesta tendencia para ocupar-se mais intensamente em profissões não agricolas» sinal presumivel das dificuldades da vida no campo; «que, na maior percentagem, os que trabalham na agricultura vivem como assalariados», e sabe-se que os salários não acompanham o aumento de custo da vida; «que a capitação alimentar média da nossa gente parece ter baixado em vez de elevar-se» (de 2.201 calorias teria passado a 1.812 diárias)—o que nos levou a escrever, tendo em conta os acrescimos proporcionais: *somos mais, mas alimentamo-nos pior;* e, por ultimo, que continua a ser predominantemente agricola a nossa população. Que daqui possa inferir-se melhoria das condições de vida, para o país como um todo, eis o que não parece possivel. Mas há outros indices: fizeram-se inqueritos directos: fê-los o Comissariado do Desemprêgo, também os iniciou a Estação Agrária Nacional e assim a Comissão de Estudo da Alimentação Rural; em caso nenhum—que eu saiba—houve outra conclusão a tirar senão a do nivel muito baixo do agricola português, denográficamente dominante.

O sr. professor Mário de Azevedo Gomes formula a seguinte pregunta a que logo responde:

—São as cidades, os centros industriais, os nucleos do operariado, os quadros do funcionalismo que assinalam (embora em minoria) êsse melhor nivel de vida? Também parece, pelo menos duvidoso. Claro que se criou riqueza, e mormente na atmosfera dos negócios trazida pela guerra, mas tal riqueza não logra jámais distribuir-se, a ponto de influir na marcha geral do fenomeno do nivel de vida para um povo, como o nosso é.

—Mas quanto a obras, propriamente?

—Devo dizer, antes de mais, que não vi ninguem da oposição negar até agora o valor de certos empreendimentos, o enriquecimento do património nacional que representa o melhoramento das comunicações telegráficas e telefonicas, o saneamento de certos edificios publicos, o apetrechamento de alguns portos, a reparação das estradas de várias classes, etc etc. Não nos pertence negar a evidência, mas sim apreciá-la na justa medida e como bons portugueses declarar simplesmente: ora ainda bem que tal se fez! Porém, já se pode, usando de critério selectivo, discutir—ainda mesmo sem sêrmos da especialidade—se tudo quanto fica feito e foi erguido em louvor do Estado Novo o foi de facto para maior serviço da Nação. A prioridade dada aos diversos empreendimentos, a ordem de preferência e o lugar que ocuparíam cada qual num plano de conjunto, devidamente amadurecido, para o provento nacional, eis o que pode conduzir a sérios reparos.

—Aqui estamos para registar...

—O país é pobre, di-lo o sr. Presidente do Ministério, e nós o sabêmos bem; logo não pode pagar luxos, não lhe estão a caracter as obras de espavento. Muitos portugueses vivem mal, a instrução no geral é deficiente, assim a assistência, questões e necessidades fundamentais; logo, parece que tudo deve ser feito, primeiro, no sentido da satisfação do essencial, atendendo depois ao secundário; e dando de mão no superfluo.

Ora parece que há por aí obras que são próprias de país rico e não servem de nenhum modo as necessidades primárias do povo.

Alguem pode, por exemplo, justificar como devendo ter a primasia, essa obra grandiosa da auto-estrada? Não estará aqui o indice dum certo pendor para a grandeza espectaculosa reprovavel? Porém, adiante; nada de cair no êrro de discutir em campo alheio...

As misérias da vida rural

E no tom severo em que sempre aborda os problemas que com tanto afã tem estudado e procurado esclaracer, o nosso entrevistado continua:

—Abuliremos-nos das iniciativas e das obras que mais interessara a agricola. Para êste agricola, melhor direi para o rural (olhando também aos aspectos florestais que a fisiografia nos impõem), têm que ir as especiais simpatias do sociologo, do economista, do politico. No seu labor reside o fulcro da existência da Nação. Todavia, se me afigura continuar êle sendo o mais desprotegido das várias classes; o mais distante, com certeza, dos beneficios que encarnam a civilização. Há quadros e quadros, a comprovádo. Esse dos ranchos migratórios da faina dos arozais ficou bem desenhado nas reportagens do «Diário de Lisboa». E a vida dos povos serranos? As suas habitações, o seu regime alimentar? Não foi com certeza nisto que estava pensando o sr. subsecretário da Agricultura, colega a cujos dotes de trabalho e coração presto homenagem, ao gabar em jornada de propaganda os aspectos que reveste o povoamento do agro português. Se lá fora, em razão da guerra (e só depois que ela veio) se arrasta uma vida de miseria nos campos, em Portugal é nos tempos de paz e, desde há muito, que parte da população quasi assim está vivendo.

«A constatação de que sômos país pobre, querendo com isto significar que somos bafejados pelos recursos da Natureza, não pode nos tempos modernos nem intimidar os tecnicos, nem amarrar os políticos a um fatalismo de resignação. Na verdade importam um balanço dado a todos as possibilidades, uma interpretação de todas as atividades produtoras, um *planeamento* geral (prefiro o termo ao de planificação) de modo a definir rumos de larga visão, que valham como definidores duma *politica nacional*. Tenho razões para supôr, como primeira crítica, que tais directrizes superiores que permitam, por exemplo, tirar de *cada obra todo o rendimento social do que é possivel*, e consintam cingir cada vez mais de perto o problema maximo da elevação do nivel de vida do nosso povo, que tais directrizes—digo—emanadas do planeamento géral não existem; ou então não estão, pelo menos, á vista dos estudiosos, ignorantes dos segredos dos deuses!

—Que valor atribue ás obras em curso?

—Das obras em curso, de índole agronómica, bem entendido agora, digo que lhes falta esse sentido imprescindivel *do social*. Julgo ainda que o esfôrço é desconexo e desligado, e, por vezes, filho de alicerces em que se apoie com segurança.

A reforma agrária

E logo declara:

—Não viu anunciar (parece-me que é a primeira vez) o sr. Presidente do Ministério na sua segunda entrevista que falta agora, *uma profunda reforma agraria?*». Agora? Só agora, deveras? Pois a mim me parece que desde sempre. Aqui está, para vários aspectos, o tal alicerce que vem faltando. Na sua ausência, obras que S. Ex.ª inclue no activo do Estado Novo pouco mais são hoje do que estudos de gabinete; projectos, se quiser; obras é que não são. Refiro, em particular, o que se passa com a chamada Colonização Interna. Nêste sector dos serviços do Estado encontra-se reunido um nucleo, dos mais dignos de estima, de técnicos da minha classe; êles saberão, de facto, o que deve entender-se, em país como o nosso, por colonização interna; têm-se a pouco e pouco abeirado das realidades inerentes ás iniciativas desta ordem; mas dizer que fizeram obra de colonização que tinha vulto para figurar dignamente no activo de 20 anos duma situação de Govêrno, penso que é levar longe de mais os louvores em causa propria! A' colonização, de facto, falta o apoio da Reforma Agraria. Começou-se, acaso, o edificio pelo tecto, para pôr as coisas em termos simples.

E observa:

—Já se não diz o mesmo, bem entendido, das Obras da Hidraulica Agricola, umas das marcantes iniciativas que cumpre louvar. Tal como ficou, porém, já escrito naquela mesma obra de que sou co-autor atrás citada, também entendo que falta aqui êsse sentido do *social*. Obra de engenharia é uma coisa; obra de alcance económico outra; outra ainda—e esta a coroar tudo mais— a obra de alcance social. Eis o que escrevemos a propósito: «Cumpre que o projecto de Hidraulica seja acompanhado e completado com os necessários projectos de colonização e de reorganização agraria, tendentes a conseguir alterações na posse ou pelo menos na usufruição das terras beneficiadas, de modo a que a água passe a ser fornecida a quem saiba, queira e precise utilizá-la». A mais do que isto também censuramos o espirito dominante no legislador, para êstes melhoramentos, de rehaver prontamente a amortização do custo das obras, espirito que é a sobrevivência —cuido eu—do critério financeiro puro que foi uma das vincadas caracteristicas iniciais da presente situação. As reclamações—os serviços as conhecem bem—têm sido numerosas e constantes; tanto que o Estado (bem contra vontade evidentemente) nada teria cobrado até á data em que fizemos aquele trabalho—começo dêste ano dos beneficiarios das obras concluidas.

Surge em seguida, uma alusão ao povoamento florestal e o sr. professor Mário de Azevedo Gomes afirma:

—Obra de vulto quanto á concepção, que padece apenas, quanto a mim, da desintegração—que atinge tudo mais— do tal planeamento geral. Já se pensou o que faremos das novas massas lenhosas? De acentuadamente florestal que o país passa a ser caminharemos para a montagem das industrias correlativas? Como se congregam Agricultura e Silvicultura no solo pátrio? Que marcha deverá ser a das próximas gerações? Que participação—problema instante, agora que as escolas superiores abarrotam de gente—deve vir a caber aos vários ramos técnicos profissionais na condução da gente portuguesa nos caminhos do futuro que está á vista? Não se pode realmente pensar numa iniciativa da grandeza daquela que consiste em arborizar em 30 anos cêrca de 400.000 hectares de serranias, sem atender a todo êste conjunto de circunstancias de que será tecida a complicada rêde das actividades nacionais.

—E quanto a execução dos trabalhos em si?

—Isso está fora da nossa discussão nêste momento; ela não cabe nas responsabilidades directas dos planos de govêrno. Entretanto, pertence a êste cercar os técnicos encarregados duma tarefa grande e dificil, ardua por vezes, sempre ingrata pela demora na colheita dos resultados, daquele apoio moral e material que signifique que o Estado compreende o que vale a missão. Não é—*questão da responsabilidade exclusiva desta situação*—colocando os engenheiros silvicultores numa situação de inferioridade para com classes equivalentes que tal compreensão se afirma, com certeza—diga-se de passagem.

Os problemas da colonização

A entrevista não pode prolongar-se muito mais. O ilustre professor, reconhecendo que as exigências do espaço nos obrigam a abreviar a sua critica, manifesta-nos ainda o desejo de aludir a dois pontos que enumera:

—Um dêles também faz parte da segunda entrevista do sr. Presidente do Ministério; o da colonização, considerada até aos extremos limites do Império. Pelas informações que tenho, a ocupação cientifica e tecnica do território ultramarino português continua a ser realizada com um ritmo de todo o ponto inconveniente. Sinto como português ter de dizê-lo, e como professor de Agronomia não menos; a actividade que se desenrola nêsse ultramar, cuja valorização pende, acima de tudo, para a Agricultura, não está nem de longe—acompanhada como havia de sê-lo pelos técnicos da minha classe. E no mais, estranho seria que já se observassem além os planos de superior visão de conjunto, que nos faltam cá dentro.

E acrescenta:

—A outra referência, igualmente baseada em afirmações feitas, é esta: a situação não tem ao seu dispôr nas posições de destaque, nos lugares da maior responsabilidade, tudo aquilo que a preparação dos nossos quadros profissionais podia proporcionar ao país; o seu campo de selecção de valores é desde logo por vezes bastante restrito; ao contrário do que se pode deduzir de certas frases das entrevistas, a *questão de confiança* é posta muitas vezes. Veja, por exemplo, o que se passa com as direcções das escolas. Acaso existe, como dantes, o processo da eleição? Claro que não existe; isso é para a democracia! E desta forma, e por tais artes selectivas, pode bem suceder que não vá o mais apto ao lugar que de direito lhe pertence.

O professor em face do professor

O professor Mário de Azevedo Gomes encerra assim a conversa que acedeu a ter connosco:

—Das negações que opus, quando não simples reparos, aos desmedidos louvores com que o sr. Presidente do Conselho nos quere impôr a todas a excelencia irrecusavel da sua própria obra, eu deduzo, pela forma como insiste em certas declarações que não sei como possam comprovar-se, que S. Ex.ª está *mal informado*. Porquê essa má informação, isso não sei, nem me pertence sabe-lo. Mas mal informado creio que está. Isto e algumas coisas mais do mesmo genero eu poderia de viva voz, de homem para homem, de professor para professor, de português para português, dizer um dia a S. Ex.ª, se houvesse de verificar-se a hipotese de nos encontrarmos a conversar. Claro é, porém, que se trata de mera hipotese: nem S. Ex.ª tem o desejo de ouvir-me nem eu o de encontrar-me com S. Ex.ª. Separa-nos aos dois como que um fosso intransponivel. Somos da formação mental assaz diferente. Por mim, vejo na omnisciencia a negação da própria ciência, na omnipotencia operante uma hipertrofia patologica do exercicio da vontade, no autoritarismo a condenação das virtudes sociais da autoridade legitima. Por mim, para dizer tudo em duas palavras mais, sinto tambem que nos separa a distancia consideravel que nesta terra portuguesa em que vivemos vai da Avenida da *Liberdade*... ao Tarrafal!

Na foto podem ser reconhecidos Guilherme Canas Pereira, Afonso Costa Filho, Alberto Candeias, Mário Lima Alves, Armando Adão e Silva, Gustavo Soromenho, Manuel Mendes que fizeram parte, com outros democratas, do grupo dos promotores da sessão da qual resultou o Movimento de Unidade Democrática (MUD). Os depoimentos que hoje apresentamos são apenas uma pequena parte do largo debate político, sob a vigilância do Governo e da censura, que teve então lugar. O «Diário de Lisboa» foi uma tribuna livre e independente como lhe cumpria